

GESTÃO COMPARTILHADA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Arleide Catarina Wolff Camargo; Arlene Aparecida de Arruda;
Cassiane Pires Lima; Fabiana Carbonera Malinverni de Melo;
Siomara Catarina Ribeiro Caminha

UM OLHAR DIFERENCIADO E CONTEXTUALIZADO NA GESTÃO ESCOLAR A PARTIR DOS RESULTADOS DA PROVA BRASIL E DO CENSO ESCOLAR 2009 DAS 12 ESCOLAS ESTADUAIS EM LAGES SC

Arleide Catarina Wolff Camargo; Arlene Aparecida de Arruda;
Cassiane Pires Lima; Fabiana Carbonera Malinverni de Melo;
Siomara Catarina Ribeiro Caminha

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PARADIGMA ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

Tâmara Paes Moura; Renato Rodrigues; Edí da Silva
Tiago Duarte do Nascimento; Wander Luis de Melo Cruz

CANTANDO E APRENDENDO ATRAVÉS DA MÚSICA

Rosana S. Matos; Renato Rodrigues; Artur Rodrigues Neto
Giselli Ventura de Jesus; Adriano Machado dos Reis

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA MANEIRA GOSTOSA DE ENSINAR

Andreia de Lima; Renato Rodrigues
Daniela Waltrick de Sousa; Fábio Macedo de Castro Faria

AFETIVIDADE: A FERRAMENTA PEDAGÓGICA QUE VAI ALÉM DO QUADRO E GIZ

Camila Batista Neto; Renato Rodrigues
Glauco Martorano Vieira Filho; Helen Cristina Machado

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO FAZER PEDAGÓGICO

Lisiane Castro da Costa; Renato Rodrigues
José Luiz Ferreira de Abreu; José Renato Rosa Machado

A (IN) DISCIPLINA E SEUS IMPACTOS NA ESCOLA

Marta Ariana de Souza; Renato Rodrigues
Tiago Duarte do Nascimento; Wander Luis de Melo Cruz

A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Rhamona Silva Godoy; Renato Rodrigues
Giselli Ventura de Jesus; Adriano Machado dos Reis

O RESGATE DAS BRINCADEIRAS ANTIGAS NA ESCOLA

Roselita Pelozatto; Viviane Grassi; Renato Rodrigues
Daniela Waltrick de Sousa; Fábio Macedo de Castro Faria



ensaios pedagógicos

Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de
Pedagogia da Unifacvest

Ano XIX - Nº 02 - jul/dez 2019

ENSAIOS PEDAGÓGICOS - ISSN 1679-3617

ENSAIOS PEDAGÓGICOS - Revista de Artigos e Produção Acadêmica do curso de Pedagogia da Unifacvest. Lages: Papervest Editora, nº 39, julho a dezembro de 2019, 102p.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
Mantenedora: Sociedade de Educação Nossa Senhora Auxiliadora

Publicação da Papervest Editora
Av. Marechal Floriano, 947 - Cep: 88.503-190 - Fone: (49)3225-4114 - Lages / SC

www.unifacvest.net

Ensaios Pedagógicos

Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unifacvest

Editor - Renato Rodrigues

Conselho Editorial - Coordenações de Curso

Diagramação - Giovani Marcon e Marcelo Antonio Marim

Ensaios Pedagógicos - Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unifacvest - Ano XIX, nº 02, Lages: UNIFACVEST - julho a dezembro de 2019, 102p.

Semestral
ISSN 1679-3617

1. Educação - 2. Ciências
I. Título

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST

Reitor

Geovani Broering

Pró-reitora Administrativa

Soraya Lemos Erpen Broering

Pró-reitor de Pesquisa e Extensão

Renato Rodrigues

Pró-reitor Acadêmico

Roberto Lopes da Fonseca

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que o Centro Universitário Unifacvest entregam a comunidade acadêmica e sociedade em geral mais uma Revista Ensaios Pedagógicos.

O papel de uma instituição de Ensino Superior é garantir o desenvolvimento do tripé que sustenta a universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão). É com este espírito que o Centro Universitário Unifacvest tem atuado nestes últimos anos, garantindo qualidade e possibilidade de desenvolvimento intelectual, gerando uma melhor expectativa de crescimento econômico e buscando a garantia da cidadania em sua plenitude.

Uma revista científica cumpre uma missão consagrada das pesquisas de professores de nossa instituição, que vão de projetos individuais a coletivos. A divulgação dos resultados destes processos de trabalho é o objetivo central desta revista, que dará visibilidade a estas iniciativas e seus resultados.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar nossa disposição de sempre estar apoiando projetos criativos e inovadores nas diversas áreas do conhecimento, respeitando as peculiaridades das diversas ciências e de nossos professores/pesquisadores.

Neste sentido, convidamos mais profissionais que atuam em nossa instituição para escreverem artigos e participar deste projeto de fazermos da Revista Ensaios Pedagógicos um canal sério e dedicado à pesquisa de ponta, além de ser uma Revista Científica multi-temática que estará dialogando com profissionais de outras instituições de Ensino Superior do Brasil e do Exterior.

Geovani Broering
Reitor do Centro Universitário UNIFACVEST

SUMÁRIO

GESTÃO COMPARTILHADA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Arleide Catarina Wolff Camargo; Arlene Aparecida de Arruda; Cassiane Pires Lima; Fabiana Carbonera Malinverni de Melo; Siomara Catarina Ribeiro Caminha.....01

UM OLHAR DIFERENCIADO E CONTEXTUALIZADO NA GESTÃO ESCOLAR A PARTIR DOS RESULTADOS DA PROVA BRASIL E DO CENSO ESCOLAR 2009 DAS 12 ESCOLAS ESTADUAIS EM LAGES SC

Arleide Catarina Wolff Camargo; Arlene Aparecida de Arruda; Cassiane Pires Lima; Fabiana Carbonera Malinverni de Melo; Siomara Catarina Ribeiro Caminha.....02

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PARADIGMA ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

Tâmara Paes Moura; Renato Rodrigues; Edi da Silva; Tiago Duarte do Nascimento; Wander Luis de Melo Cruz.....03

CANTANDO E APRENDENDO ATRAVÉS DA MÚSICA

Rosana S. Matos; Renato Rodrigues; Artur Rodrigues Neto; Giselli Ventura de Jesus; Adriano Machado dos Reis.....16

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA MANEIRA GOSTOSA DE ENSINAR

Andreia de Lima; Renato Rodrigues; Daniela Waltrick de Sousa; Fábio Macedo de Castro Faria.....32

AFETIVIDADE: A FERRAMENTA PEDAGÓGICA QUE VAI ALÉM DO QUADRO E GIZ

Camila Batista Neto; Renato Rodrigues; Glauco Martorano Vieira Filho; Helen Cristina Machado.....44

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO FAZER PEDAGÓGICO

Lisiane Castro da Costa; Renato Rodrigues; José Luiz Ferreira de Abreu; José Renato Rosa Machado.....55

A (IN) DISCIPLINA E SEUS IMPACTOS NA ESCOLA

Marta Ariana de Souza; Renato Rodrigues; Tiago Duarte do Nascimento; Wander Luis de Melo Cruz.....67

A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Rhamona Silva Godoy; Renato Rodrigues; Giselli Ventura de Jesus; Adriano Machado dos Reis.....79

O RESGATE DAS BRINCADEIRAS ANTIGAS NA ESCOLA

Roselita Pelozatto; Viviane Grassi; Renato Rodrigues; Daniela Waltrick de Sousa; Fábio Macedo de Castro Faria.....90

NORMAS PARA COLABORADORES.....102

GESTÃO COMPARTILHADA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Arleide Catarina Wolff Camargo¹

Arlene Aparecida de Arruda²

Cassiane Pires Lima³

Fabiana Carbonera Malinverni de Melo⁴

Siomara Catarina Ribeiro Caminha⁵

RESUMO

Este trabalho objetiva registrar as práticas adotadas na gestão escolar da Escola de Educação Básica Cora Batalha da Silveira, situada no município de Lages - SC, a partir das reflexões desenvolvidas desde o início da gestão de 2003, e que foi sendo construída em processo no interior das relações dos sujeitos envolvidos nas práticas pedagógicas realizadas, e, agora em 2007 é possível perceber a compreensão sobre a realidade e os processos de descentralização e democratização da gestão escolar. Autores como Freire (1983), Carrano (2003), Buffa (2003), Vasconcellos (2004) entre outros vem fortalecendo nossas discussões. Uma escola democrática é aquela que por entender o seu caráter político, ultrapassa práticas sociais alicerçadas na exclusão, na discriminação, que inviabilizam a construção do conhecimento; por perceber a dimensão humana do processo ensino-aprendizagem, aposta no crescimento pessoal, interpessoal e intragrupal, vinculado às relações sócio-históricas em que se dá esse processo; por considerar que o fato de administrar uma escola tem uma dimensão técnica, preocupa-se em organizar, numa ação racional, intencional e sistemática, as condições que melhor propiciem a realização de sua finalidade. A gestão participativa visa romper com as práticas individualizadas, lineares, reprodutivistas e descontextualizadas da realidade que se detêm apenas em mera informação. As escolas públicas devem planejar, a partir de sua realidade, integrando questões administrativas e financeiras com currículo e demais preocupações político-pedagógicas, tornando possível atender as necessidades das crianças e jovens, nela integradas mediando à construção do conhecimento e à aprendizagem consistente. A gestão escolar deve ser participativa, centrada no trabalho coletivo e na dinâmica das relações entre a comunidade escolar interna e externa, da escola pública que passa, necessariamente, pela compreensão que sua função social é possibilitar que crianças e jovens, de quaisquer camadas sociais, se apropriem do conhecimento que foi historicamente elaborado/produzido.

Palavras Chaves: Planejamento Coletivo. Gestão Participativa. Conhecimento. Educação.

¹ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

² Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

³ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

⁴ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

⁵ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

UM OLHAR DIFERENCIADO E CONTEXTUALIZADO NA GESTÃO ESCOLAR A PARTIR DOS RESULTADOS DA PROVA BRASIL E DO CENSO ESCOLAR 2009 DAS 12 ESCOLAS ESTADUAIS EM LAGES SC

Arleide Catarina Wolff Camargo¹

Arlene Aparecida de Arruda²

Cassiane Pires Lima³

Fabiana Carbonera Malinverni de Melo⁴

Siomara Catarina Ribeiro Caminha⁵

RESUMO

A Gestão Pública escolar mais especificamente o movimento da gestão escolar e sua vinculação com a qualidade do ensino da Educação Básica a nível micro e macro, apoiado nos resultados da Prova Brasil e censo escolar 2009 nas escolas pesquisadas na cidade de Lages SC pertencentes a 27ª SDR- GERED, inseridas no Projeto do Observatório de Educação e aprovada pela CAPES/INEP. A educação precisa ser compreendida, estimulada e valorizada para além da quantificação obtidas através de larga escala e considerando a relevância das práticas pedagógicas efetivadas no cotidiano das escolas e na ação docente. Trata-se de um valor universal que deve qualificar para a superação, para o ser mais, para a vida. É algo sublime e dinâmico, é criação, é pensar e repensar, é aprendizagem que acontece num processo contínuo. Essa prática reflexiva pressupõe a gestão escolar como mediadora do processo ensino-aprendizagem, numa perspectiva de ação-reflexão-ação validando teoricamente a práxis dos professores e estes com os alunos. A educação, nessa perspectiva, extrapola os limites da sala de aula e se estende para a gestão dos sistemas educativos. A caminho dessa trajetória ousamos afirmar, apoiadas em Paro (2008) que as políticas educacionais amplas, que desejam implementar uma educação de qualidade buscando a construção de seres “humanos-históricos”, de cidadãos plenos, conscientes, reflexivos, que queiram e desejam aprender, preocupam-se e interessam-se pela prática da gestão efetivada nas escolas. Diante da pesquisa indagamos se a mensuração dos resultados da Prova Brasil revelam/negam as complexidades das práticas pedagógicas desenvolvidas no chão da escola. Indagações estas subsidiadas pelos autores: Monlevade (2000.2001), Chraim (2009), Paro (2008), Jacomini (2010).

PALAVRAS – CHAVE: Educação, Gestão Escolar, Práticas Pedagógicas, Aprendizagem, Prova Brasil.

¹ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

² Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

³ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

⁴ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

⁵ Pedagoga, Mestre – UNIFACVEST.

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PARADIGMA ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

Tâmara Paes Moura¹

Renato Rodrigues²

Edi da Silva³

Tiago Duarte do Nascimento⁴

Wander Luis de Melo Cruz⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em apresentar as concepções de educar e cuidar pontuando seus entrelaçamentos na educação infantil, assim como, uma discussão sobre práticas educativas envolvendo a rotina onde ações do educar e do cuidar se estabelecem. Discutindo sobre as práticas educativas, e se elas estão entrelaçadas entre o educar e o cuidar tendo como foco dessa prática a criança contemplando seu desenvolvimento enquanto sujeito; possibilitando a criança ver a vida sobre outro prisma.

Palavra-chave: Educar. Cuidar. Educação Infantil.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present the concepts of educating and caring punctuating their entanglements in early childhood education, as well as a discussion of educational practices involving the routine where actions educate and care are established. Discussing the educational practices, and they are intertwined between educating and caring focusing on this practice child contemplating its development as a subject; allowing the child to see life on the other prism.

Keywords: Educate. Care. Childhood education.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª fase, disciplina TCC Centro Universitário UNIFACVEST.

² Pedagogo, Psicopedagogo, Mestre em Sociologia (UFSC), Coordenador do Curso de Pedagogia, Coordenador de Pesquisa e Extensão, Editor da Revista Synthesis, Professor da Disciplina de Didática e Orientador do Projeto de Vivência: Didática Vivenciada no Cotidiano Escolar.

³ Assistente Social, Direito, Mestre – UNIFACVEST.

⁴ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

Na trajetória das instituições infantis a creche era concebida nas funções como assistencialista, higiênica e sanitária. Esta se destinava atender as crianças de mães operárias e domésticas que necessitavam trabalhar e também de arrumar um lugar para deixar seus filhos, gerando um sentimento de culpa, pois a instituição atendia as crianças como um favor, uma caridade.

Com a expansão da industrialização no Brasil, houve uma demanda maior por mão de obra, o que fez com que muitas mães (donas de casa) aderissem ao trabalho nas fábricas para ajudar na renda familiar, o que gerava um problema de quem olharia seu filho; devido a isso, muitos operários se organizaram por um protesto para uma vida com melhores condições de trabalho na fábrica, o que incluiria creches para seus filhos. Os donos das fábricas com intenção de enfraquecer os protestos concederam algumas creches como paliativos. Mas depois perceberam que o resultado dessa ação auxiliou nas produções, pois as mães satisfeitas produziam melhor. (Ariès, 1981)

Segundo Ariès (1981) na década de 30 o grande foco da creche era a preocupação dos sanitaristas com as condições de higiene das populações mais pobres e através da creche seria feito esse controle iniciando com as crianças que eram vítimas de doenças por más condições de moradia e carência de tratamento médico. O que se priorizavam no atendimento feito às crianças era a alimentação, higiene, segurança física, ou seja, um atendimento assistencial que não direcionava a atividades que estimulassem seu desenvolvimento intelectual e social.

Já em 1943, com o governo de Getúlio Vargas, houve uma mudança na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT); esta lei explicitava que cada empresa teria que organizar berçários para que as mães no seu trabalho pudessem amamentar seu filho durante o período de aleitamento. Mas esta lei não foi cumprida por todas as empresas, pois houve ausência de fiscalização do governo nas mesmas. (Ariès, 1981)

A partir da década de 50, acompanhando a crescente industrialização, intensificou-se a urbanização, trazendo novos pontos de adesão a creches, pois mães necessitavam trabalhar e o espaço para as crianças brincarem foi reduzido com o desenvolvimento imobiliário, o que fez aumentar a procura pelas creches até por mulheres de classe média.

Um dos grandes recursos para ampliação das creches foi a privação cultural, pois se orientava que a criança fosse cuidada nos moldes da classe média, o que retiraria aquela carente da marginalidade social.

Trazendo para a creche na década de 70 temos um perfil de educação compensatória; sendo assim, foram criadas propostas de estimulação para novos conhecimentos, atitudes e principalmente para eliminar carências culturais.

Na esfera educacional temos a Lei 5692, formulada no ano de 1971, que destaca o surgimento do termo pré-escolar, que expressava que crianças com idade menor de 7 anos fossem amparadas por jardins de infância, escolas maternais e instituições equivalentes. O desenvolvimento cultural da creche variava de um grupo social para outro. As crianças mais pobres continuavam a ser atendidas em creches sem propostas educativas, velando pela sua saúde e segurança, enquanto isso as creches das crianças ricas tinham como objetivo ampliar o seu cognitivo em um ambiente estimulador. (Ariès, 1981)

Ariès (1981) diz que a exposição pedagógica de 1883 caracterizou-se na questão da educação pré-escolar pela legitimação dos interesses privados. Embora houvesse referências à implantação de jardins de infância para atender à pobreza, estas não encontravam o menor eco em iniciativas concretas. As preocupações daqueles que se vinculavam às instituições pré-escolares privadas brasileiras era com o desenvolvimento de suas próprias escolas. Note-se, entre eles, a utilização do termo ‘pedagógico’ como uma estratégia de propaganda mercadológica para atrair as famílias abastadas, como uma atribuição do jardim de infância para os ricos, que não poderia ser confundida com os asilos e creches para os pobres.

Para Ariès (1981) os movimentos sociais na década de 70 intensificaram que mães trabalhadoras buscassem juntamente ao poder público para manter as creches e criar outras mais organizadas, conquistando a creche como um dos direitos da mãe trabalhadora. A creche passou a ser um dos pontos de relação entre empregado e patrão o que fez aumentar a quantidade de creches mantidas pelas empresas para seus funcionários, chegando até algumas empresas a ajudarem nos custos de uma creche particular caso ela não a possuísse, já que havia se tornado obrigatório os empregados terem direito à creche. As creches² e berçários de redes privadas se expandiram e também as creches comunitárias, embora nem todas recebessem apoio do poder público sendo muitas vezes sustentadas pela comunidade e seus usuários.

Na década de 80 houve um grande avanço para a educação infantil, que foi a Constituição Federal de 1988, a primeira constituição que tratou a criança como um sujeito de direitos e principalmente citou a creche e a pré-escola.

Sendo essas instituições um dos direitos sociais do trabalhador: “direito à assistência³ gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade em creches e pré-escolas” (inciso XXV-artigo7). Também foi considerado que tanto creche como pré-escola são um dever do estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). (Brasil, 1998)

No ano de 1990 foi divulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8.069/90, que trata dos direitos da criança, como foi citado no pronunciamento do Ministério da Criança (Brasil, 1998, p.14).

- Direito a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento, físico, mental, espiritual, moral e social.
- Direito ao lazer, ao divertimento, à participação em atividades recreativas e na vida cultural e artística.
- O estatuto prioriza creches e pré-escolas como um direito da criança: “atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (artigo 54, inciso IV).

Para complementar esse direito em 20 de dezembro de 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n° 9.394 (lei vigente), que não somente incluiu a educação infantil como primeira etapa da educação básica, garantindo atendimento gratuito para crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas, como apresenta várias referências sobre a educação infantil e sua organização como é definido a partir do Capítulo I artigo 21. (Brasil, 1998)

Como a LDB apresentou, a educação infantil deixou de ser apenas um paliativo para ser um sistema de educação, que tem como objetivo o desenvolvimento integral

da criança, destacando a relação da família com a instituição infantil e a participação do poder público na concretização da mesma.

Com todo o avanço da educação infantil para sua implementação não de cunho assistencial e sim com objetivos de educar e buscar novos conhecimentos para crianças de creches e pré-escolas, o sentido social da creche é muito novo no espaço educacional como uma modalidade de ensino.

2 CUIDAR E EDUCAR

A partir da década de 1960 entrou em cena o discurso pedagógico baseado nas teorias de privação cultural, essa perspectiva tentou explicar os índices da marginalidade e de fracasso escolar advindos das camadas populares, e para tanto, postulou que essas pessoas eram carentes de cultura, de estímulos, de afeto, de alimentação, de cuidados, atribuindo por meio desses elementos, as razões das crianças pobres não terem sucesso na escola. Assim a educação infantil ganhou destaque sendo, pois, uma maneira profilática de se evitar a marginalidade e o fracasso escolar, esse nível de educação passou a ter a responsabilidade de preparar as crianças para ingressarem no denominado primeiro grau. Ao longo da história a educação de crianças pequenas, vem recebendo nomes conforme a época em que se vive, o momento e a valorização da crianças em sua infância.

Para Ariès (1981) isto significa dizer que ser criança e vivenciar a infância nem sempre foram às mesmas coisas. E que a educação infantil também teve vários significados no decorrer da história. Conforme a autora descreve, no século XVII E XIX apareceram as primeiras instituições de educação de crianças pequenas: escolas de tricotar fundada por Padre Oberlin, creches fundadas por Marbeau, e jardins de infância, os Kindergarten fundados por Froebel.

A creche palavra de origem francesa que significa manjedoura foi criada para guardar, educar e abrigar crianças pequenas cujas mães necessitam trabalhar ou crianças necessitava de assistência. Para Marbeau, (1844) a creche deveria constituir uma ajuda na escolarização, seria uma escola de higiene, moral e de virtudes sociais. (Ariès, 1981)

No Brasil, a década de 1980 passou por um momento de ampliação do debate a respeito das funções das creches para a sociedade moderna, que teve início com os movimentos populares dos anos 1970. É inegável que o processo de transição democrática, iniciando no país, neta década possibilitou a expansão da luta pela cidadania também à população infanto-juvenil.

A partir desse período, as creches passaram a ser pensadas e reivindicadas como o lugar de educação, e cuidados coletivos das crianças de zero a seis anos. E educar deixou de ser, apenas, cuidar, assistir e higienizar. A abertura política permitiu o reconhecimento social desses direitos manifestados pelos movimentos populares e por grupos organizados da sociedade civil. A constituição de 1988, pela primeira vez na história do Brasil, definiu como direito das crianças de zero a seis anos de idade dever do Estado o atendimento em creche e pré-escola. Nesse momento reconhece-se aqui, formalmente o direito da criança à educação através do atendimento em creches e pré-escolas, faz-se urgente um amplo e profundo debate sobre o significado e as implicações de uma proposta

de educação coletiva, que pressupõe um novo modelo de socialização da criança de maternagem e de participação do Estado como agente complementar à atuação da família (RIZZO, 2010, p. 58).

Em julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente reafirmou, em seu artigo nº54, IV, ,, “É dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente [...] “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” Muitos fatores contribuíram para influenciar mudanças nas creches, tais como: o desenvolvimento urbano, as reivindicações populares, o trabalho da mulher, a transformação das funções familiares, as ideias de infância e as condições sociais e culturais para o desenvolvimento das crianças. (Brasil, 1998)

Principalmente, aqui no Brasil, a educação e os cuidados coletivos de crianças em creches são uma função e uma prática bem recente.

Hoje na se aceita mais pensar que a creche é sinônima de depósito de crianças, já que esta adquirindo seu devido espaço e valor dentro da sociedade, e isto, aconteceram devido há vários fatores que afetaram profundamente a estrutura social e familiar.

Dentro do conceito atual, a creche é um ambiente especial criando para oferecer ótimas condições que propiciem e estimulem o desenvolvimento integral e harmônico da criança nos primeiros três anos de vida e sua verdadeira finalidade é responder pelos cuidados integrais da criança na ausência da família.

O trabalho da creche e sua responsabilidade, portanto, devem contribuir em experiências que levem a individualização, descoberta e formação do eu e o desenvolvimento da autoestima, visando à saúde física, relacionados à higiene e alimentação, acrescentando ainda à saúde mental e o desenvolvimento cultural, relacionados aos aspectos psicológicos: emocionais sócias e intelectuais, e toda essa tarefa poderá ser dividida com os familiares.

Todas as demais ações da creche, além de proteção e alimentação, devem, portando, estar subordinadas ao atendimento psicopedagógico, construído sobre solidas bases afetivas, que substituam, durante o período de afastamento de casa, a ação dos pais para permitir que a criança cresça forte e segura emocionalmente. (RIZZO, 2010. p. 48)

O objetivo da creche atual consiste em exercer, pela família os cuidados básicos de saúde (fisicamente e mental), e educação de crianças a partir dos três meses de idade ate aos quatro anos, durante o horário de afastamento dos pais, prestando assistência integral, incluindo todos os cuidados como: segurança, higiene, alimentação, afeto e educação.

A creche pode ser um lugar perfeitamente adequado para criança crescer harmoniosamente, mesmo estando afastada de seu ambiente caseiro e familiar, no entanto, é necessária que esta ofereça uma educação realizada através de atividades de livre escolha da criança, fundamentada em seus talentos e capacidade pessoal, do qual a criança atará pleno desenvolvimento integral, visto que, alguns fatores como equipe profissional, currículo e a integração com a família proporciona ótimas condições para esse efetivo desenvolvimento.

Para um bom funcionamento da creche, uma das responsabilidades da direção é estabelecer uma forma de agrupar as crianças, seja por idade, afinidade ou por

desenvolvimento, suas atividades assumem características próprias a cada tipo de agrupamento, sendo de grande importância e flexibilidade em adequar-se às necessidades e características de cada criança ou agrupamento, sendo importante ainda lembrar que todas essas ações do educador, precisam estar envolvidas num clima de acentuada afetividade.

É preciso lembrar que creche Mao é escola, e o agrupamento natural misto é o mais rico em experiências afetivas, essenciais à formação do homem, quer como ser social, quer como ser inteligente. Na criança o aspecto afetivo é indissociável do aspecto intelectual, ela pensa por suas sensações, e os sentimentos influenciam seus julgamentos, a maneira de pensar, decidir ou fazer escolhas. Ela pensa guiada pelas emoções. (RIZZO, 2010. p. 67)

Dentro da nova perspectiva do desenvolvimento educacional, dá-se grande importância na integração família-creche, visando uma vivência de trocas e experiências nas expectativas de uma contribuição em que as partes envolvidas serão uma complementar da outra, num trabalho de conjunto que será fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

A creche finalmente começa a receber a devida atenção por parte de educadores, psicólogos, sociólogos e outros estudiosos, ressaltando avanços não somente no que diz ao aspecto legal, como também no desenvolvimento de programas que visam estabelecer em creches a interligação, entre cuidar e educar, visando encontrar uma identidade própria.

Segundo o documento do MEC a trajetória de creche no Brasil cresceu só a partir da década de 1970, quando aumentou o número de estudos e pesquisas que associam o desenvolvimento infantil não somente a adequados programas de nutrição e saúde, mas também a adequadas propostas pedagógicas desenvolvidas com base em teorias educacionais, psicólogos e sócias, e junto a essa trajetória estão participações crescentes da mulher na força de trabalho, a consciência social sobre o significado da infância e a concepção da criança como sujeito ativo da construção de seu próprio conhecimento. (RIZZO, 2010).

A creche na concepção atual como objetivo exercer pela família (embora não assumindo o seu lugar), os cuidados básicos com a saúde (física e mental) e educação, da criança a partir de três meses de idade até os três anos, durante o horário de afastamento dos pais, prestando-lhe assistência integral, em qualquer parte do dia, às vezes até no início da noite, cuidando de sua segurança física e emocional, com inclusão de todos os cuidados relativos a: segurança, higiene, alimentação, afeto e educação. (RIZZO, 2010. p. 47)

A nova concepção de creche onde os educadores e as famílias interagem conjuntamente é considerada fatores primordiais para o desenvolvimento da criança. Esta concepção deve ser um dos primeiros aspectos para o desenvolvimento da criança. Esta concepção deve ser um dos primeiros aspectos a ser valorizado numa instituição, pois estes expressam seu objetivo e propostas pedagógicas. Consequentemente, o planejamento e a integração entre estas duas instituições solidifica-se o termo “creche

educacional”, onde sua programação criará estímulos para que a criança seja capaz de construir, descobrir e vivenciar.

A educação é para a vida social que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica e que, embora toda a organização social produza efeito educativo, à medida que a sociedade se torna mais complexa surge a necessidade do ensino e do aprendizado intencional.

Segundo Nicolau (1998), não se separa a experiência adquirida por meio de uma educação formal daquelas adquiridas pelo indivíduo mediante as relações com seus pares, principalmente quando se trata de criança pequena.

Educar em creche consiste, então, em oferecer condições para que a criança possa situar-se no mundo, explorando-o e exercitando sua linguagem, construindo seu conhecimento acerca das relações com os adultos, com outras crianças, com o espaço físico, com tempo e com valores morais da sociedade. O educativo na creche passa pelo atendimento as necessidades da criança, sejam elas de ordem física, emocional ou cognitiva e complementam a criança vive a creche como um espaço para fazer amigos e brincar, além de ser alimentada e cuidada.

Considerando que os primeiros anos de vida são de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, fica mais evidente a necessidade de uma verdadeira união entre a creche e a família, com isso alguns pensadores começaram a contribuir com suas ideias para que acontecesse realmente uma transformação e que esta não ficasse somente no papel, mas fosse colocada o quanto antes em prática, venhamos analisar suas influências.

Segundo Nicolau (1998) na concepção de Rousseau (1778) a criança não podia ser mais entendida como um adulto em miniatura, então focalizou as necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento, pois defendia a ideia de que as crianças possuíam características próprias sendo assim não poderiam se submeter a imitar tudo o que os adultos faziam, precisavam exercer a liberdade.

Com as suas ideias, Rousseau, desmistificou a concepção de que a educação é o processo pelo qual a criança passa adquirir conhecimento, hábitos e atitudes armazenados pela civilização, sem qualquer modificação. Cada fase da vida-infância, adolescência, juventude, e maturidade foi concebida como portador de características próprias, respeitando a individualidade de cada um. (NICOLAU, 1998).

Atualmente, as creches podem ser definidas como unidas educativas que desenvolvem ações educativas onde integram os cuidados essenciais e a ampliação dos múltiplos conhecimentos, linguagens e expressões das crianças. As creches devem também, respeitar a cultura de origem de cada criança, partilhar com as famílias e a comunidade os projetos educativos.

A creche é um espaço de socialização⁶, de vivências e de interações, valorizando a brincadeira como atividade educativa fundamental na infância. A organização do espaço e do tempo é importante para a educação, interação e construção dos conhecimentos, assim como, a organização de um ambiente cultural que propicie a leitura e a escrita. (Rizzo, 2010)

Diante dessas considerações pode-se afirmar a relevância do papel do profissional que atua nessa área, pois se torna de fundamental importância o acompanhamento do adulto, que, naturalmente, possui mais experiências de vida que a criança e, que principalmente, deve ter conhecimentos de como trabalhar com crianças nesta primeira

fase de vida.

A criança pequena precisa sentir-se segura perto do adulto, ela precisa atribuir confiança na pessoa de seu educador, só assim ela realmente conseguirá dar a autorização ao adulto lhe ensinar. O professor consegue ganhar a confiança de seus alunos quando estes recebem atividades que lhes de prazer, onde participam com entusiasmo. Só poderá fornecer prazer á atividade que tem objetivo definido, que seja bem organizada e, que realmente atenda a maturação biológica do criança da criança ás suas experiências, agindo em seu processo de desenvolvimento.

Dessa forma é preciso pensar quais os subsídios e quais são as perspectivas que o educar da Educação Infantil, na sua dupla função de cuidar e educar precisa para organizar atividades que oportunizem a criança participar, produzir e sentir-se pertencente á instituição.

Sendo a instituição extensão da família e um dos meios responsáveis pela educação dessa criança. Faz-se também necessário compreender a importância das oportunidades educativas no cotidiano familiar para o desenvolvimento da criança e quem são os responsáveis por esse desenvolvimento nessa instância.

Família, historicamente, tem sido considerada o primeiro contexto de socialização e de educação da criança, contexto especialmente relevante para o seu desenvolvimento, pois é durante muitos anos o único ou o principal contexto social no qual a criança cresce e vivência muitas experiências.

Esse sentido precisa reconhecer a importância do papel da família quanto á influencia que exerce em aprendizagens básicas. (transmissão do sistema de valores e crenças, da linguagem, do controle, da impulsividade etc.)

Mesmo sendo a família considerada um dos grupos sociais mais importantes, na educação dos filhos, não tem um poder absoluto e indefinido sobre eles no sentido de traçar características cognitivas, sociais, e de personalidades que desejaria ou gostaria que eles tivessem, porque nem os traços que caracterizarão a criança ao longo do desenvolvimento dever-se-ão, exclusivamente, ás experiências vividas no interior da família. De qualquer forma merece destacar o fato de que a família é um contexto importante e relevante para o desenvolvimento da criança.

Na sociedade brasileira, são diferentes os modos e as oportunidades de criar e educar as crianças pequenas, isso se dá porque a estrutura familiar vem passando por modificações (além de passar a ser menos numerosa, a família nuclear, constituída de pai, mãe e filhos, deixou de ser o único modelo socialmente aceito como padrão), o que acarreta diferentes configurações familiares. (Nicolau, 1998)

A comunicação é elemento de mediação principal entre pais e filhos no cotidiano familiar, tão importante para o desenvolvimento cognitivo quanto o papel da falta é fundamental para expressão e organização do pensamento. A criança que vive num ambiente onde as pessoas falam com ela, significado ás coisas que ela faz, ouve e explicam o que ela pergunta, enriquecem as funções psicológicas rudimentares com que nasce transformando - as em funções psicológicas superiores como a atenção, a memória e a imaginação.

A existência de certos estilos de pais (autoritários, permissivos ou democráticos), nas praticas educativas, influencia os diferentes aspectos do desenvolvimento social e da personalidade da criança, tais como a autoestima, a dependência, a motivação de conquista, o desenvolvimento moral, a conduta pró- social, o autocontrole e o

processo de estimulação, o qual favorece aprendizagens significativas e diversificadas construídas no contexto educacional familiar.

Hoje em dia, a socialização e a educação da criança, inicialmente assumidas pela família, deixam de ser tarefas exclusivamente privadas ao passarem a ser compartilhada por diversos setores públicos. Devido ao ingresso da mulher na força do trabalho e como provedora do lar há, necessidade de buscar parceria com contextos coletivos de educação como berçário, creche e pré-escola para a substituição dos cuidados maternos com os filhos.

A família que ingressa a criança em outros contextos educacionais: são os pais que decidem o momento de ingresso da criança na creche ou na pré-escola, impulsionados por determinantes econômicos que moldam a estrutura da sociedade e a consequência forma de organização da dinâmica familiar. Sendo assim, o ingresso da criança na instituição educacional infantil deixa de ser considerada uma experiência nociva à criança, pois a instituição de Educação Infantil vem sendo identificada como um espaço de formação promissor para o desenvolvimento infantil. Em considerações vêm desconstruindo idéias que ainda sustentam a crença na figura materna como sendo a única responsável pela tarefa de cuidar e educar os filhos.

Além disso, aproximação entre instituição educativa e pais através de uma coerente relação entre educadores⁷ e famílias é uma variável importante para o trabalho com as famílias, facilitando aos pais o controle, o acompanhamento e o conhecimento do que são propostos os seus filhos. Para tanto, a instituição precisa estabelecer com a família uma relação dialógica constante.

É essencial para o bom desenvolvimento infantil que a relação da instituição educacional infantil e da família se concretize partindo do princípio que mães e professoras podem exercer papéis reciprocamente complementares no cuidado e na educação das crianças pequenas.

Essa nova maneira de ver a criança dá-se a partir da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento num processo constante, desde o nascimento até a constituição de sua singularidade no contexto das relações sociais da sua cultura. Isso representa para nós, professores, de Educação Infantil, a necessidade de perceber o sujeito-criança como objeto de nossa ação na relação pedagógica. (Rizzo, 2010)

É importante salientar que, embora dependente do adulto para sobreviver, a criança interage num meio natural, social e cultural desde bebê, mas são poucos os espaços e oportunidades que os pequenos de pouca idade tem para experienciar e usufruir o modo participativo e produtivo da sua infância com seriedade que merecem.

Nesse sentido, torna-se necessário a Educação Infantil, área proposta a oportunizar o desenvolvimento infantil, considerar as diversas realidades, no desenvolvimento da criança, realidades que evidenciam uma historia própria, coletivamente vivida. Exige-se, para tanto a consciência do professor sobre a necessidade de um espaço que contemple todas as dimensões do humano, o que implica de modos ricos e criativos de vivencias do professor junto às crianças, aos pais, aos demais profissionais da instituição, como parceiros na relação.

A partir dessa abordagem, é preciso então compreender que o ser humano, desde o nascimento vai experimentando viver e conviver no meio em que está inserido, num incessante desenvolvimento dos processos gerais que o constitui como ser humano, a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o

movimento, a fantasia. O imaginário em uma relação com o mundo que se processa por intermédio das mediações com o contexto físico e social.

Essas considerações, como vêm explicitam que a aprendizagem das crianças é fato que começa muito antes delas ingressarem na escola. Tal paradigma Vygotskyano deixa claro que a criança adquire, no decorrer da sua vida cotidiana, determinado conjunto de experiências sobre diversos fenômenos, tanto físicos quanto sociais. Reconhecer a importância de considerar esses conhecimentos nas situações educativas para formação de novas aprendizagens implica uma necessária organização das aprendizagens no contexto educacional infantil.

Entendendo a Educação Infantil de forma complementar à educação da família, num papel político e social com características e especificidades próprias do cuidar, torna-se evidente a necessidade da assistência adequada na infância (alimentação, higiene, saúde, cuidados físicos e pediátricos, sono etc.) e, em paralelo, uma educação adequada, (com um ambiente estimulador para o desenvolvimento e para a construção do conhecimento). Os envolvidos na Educação Infantil (professores, sociedade, família, autoridades), deverão tomar consciência de não confundi-la com o espaço familiar, ou num espaço substituto à casa da criança.

As relações educativas a serem estabelecidas junto à criança na instituição educacional infantil requerem traçar objetivos que contemplem o cuidado na sua integridade, incluindo nesse processo a segurança de modo a proporcionar a satisfação das necessidades afetivas da criança. Lembre-se das características de vulnerabilidade das crianças, devido a sua tenra idade e ao fato de ficarem na instituição educacional em período integral (entre 8 e 12 horas diárias).Assim, educá-las é atividade integrada ao cuida-las (RIZZO, 2010, p. 63)

Não podemos esquecer, ainda que o conhecimento e a aprendizagem também pertença ao universo da Educação Infantil. A apropriação de conhecimento, de valores éticos e estéticos trará contribuições significativas que certamente beneficiarão a vida social da criança, permitindo-lhe iniciar, com sucesso, sua trajetória no sistema de ensino, pois dessa forma, ela estará lidando com representações, observações, resoluções de problemas. Essas considerações implicam abordar uma educação nas instituições de Educação Infantil que não se reduza ao ensino, que privilegie somente o aspecto cognitivo no trabalho com conteúdos, mas uma educação que priorize o desenvolvimento sujeito, no sentido amplo, em suas múltiplas dimensões (a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário). (Nicolau, 1998)

A função da Educação Infantil é propor praticas baseadas em princípios que priorizem a autonomia da criança no seu processo de desenvolvimento. Nesse contexto, a participação da criança nas decisões que lhes afeta no interior das instituições bem como o protagonizo são vistos como condições básicas para o exercício da cidadania ativa, o que possibilita vivenciar sua infância com intensidade. Não podemos esquecer ainda, que o atendimento da Educação Infantil, de um modo geral, deve contemplar crianças de 0 a 6 anos, inseridas nas duas modalidades: creche e pré- escola. (Brasil, 1998)

Na Educação Infantil, todas as situações diárias são atos educativos, pois as

brincadeiras, jogos, as atividades dirigidas, a escovação, a alimentação, enfim, as rotinas diárias, devem buscar a autonomia e a formação da identidade, a construção de hábitos saudáveis entre outros aspectos. Isso é cuidar e educar para a vida.

Um papel importante do professor da Educação Infantil é de buscar a diversidade no viés do cuidar e educar da criança; o comprometimento com o bem estar, a higiene, a segurança, a socialização, o desenvolvimento, a aprendizagem e as atividades, por meio do lúdico. Esse profissional é considerado importante, pois a atitude de investigador e de questionador faz com que se torne respeitado no meio escolar. Tudo isso faz parte do compromisso de um professor, uma ação que contribui para a formação humana de nossas crianças. (Nicolau, 1998)

Cuidar e educar são ações pedagógicas de consciência, que estabelece uma visão integrada do desenvolvimento da criança com base em concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade da criança.

O cuidar na educação infantil exige do professor, conhecimentos, habilidades e instrumentos, para explorar a dimensão pedagógica; segundo Nicolau (1998) cuidar, significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio, que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

De acordo com as Revisões das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, cito as afirmações do que é o cuidar:

A dimensão do cuidado, no seu caráter ético, é assim orientada pela perspectiva de promoção da qualidade e sustentabilidade da vida e pelo princípio do direito e da proteção integral da criança. O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto. (BRASIL, 1998, p.10)

Diante do que as diretrizes nacionais dizem a respeito do cuidar é preciso um comprometimento com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado. É preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Deve-se cuidar da criança como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades.

Já o educar dentro da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é:

Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situa-

ções, fazendo perguntas etc.) e construirão sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças. (1998, p.10).

Refletindo diante do significado, para educar, faz-se necessário que o professor crie situações significativas de aprendizagem, se quiser alcançar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e sócio-afetivas, mas, sobretudo, é fundamental que a formação da criança seja vista como um ato inacabado, sempre sujeito a novas inserções, a novos recuos, a novas tentativas.

O cuidar e o educar devem ser vistos como um sistema que amplia o cuidado, promovendo o desenvolvimento global da criança. Partindo dessa visão, o termo cuidado inclui:

Todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, proteger, consolar, enfim “cuidar”, todas fazendo parte integrante do que chamamos de “educar”. (NICOLAU, 1998, p.35).

Portanto, a necessidade de compreender a criança da Educação Infantil exige caracterizá-la concretamente e historicamente, assumi-la como sujeito e cidadã de direitos, que se constitui na sociedade da qual faz parte. Para isso é preciso que o cuidar e o educar estejam sempre juntos e se façam sempre presentes no cotidiano da criança.

3 CONCLUSÃO

Nosso trabalho buscou mostrar como a creche foi evoluindo ao longo da história e como tem buscado consideravelmente a participação da família para juntas desenvolver uma melhor formação da criança em todos os aspectos. Diante dessa perspectiva entendemos que a creche hoje não funciona mais no que diz assistencialista, mas em todo o seu projeto precisa focar o planejamento pedagógico como um meio de educar e atender as necessidades básicas da criança.

Ao fazer este trabalho ficamos muito felizes com a mudança que já ocorreu na educação e tal qual entendemos que ainda está por acontecer. Percebemos que a instituição educacional cada vez mais precisa da família pela qual busca assiduamente apoio. Tendo a mesma oferecendo oportunidades para que a família se aproxime cada vez mais do ambiente escolar, vem propondo em seu planejamento projetos que englobam participações dos pais em diversas atividades dentro da própria instituição escolar, favorecendo assim uma relação de confiança e qualidade educacional.

E quanto à família, esta também percebeu a grande importância que tem na vida escolar de seu filho e como ela favorece positivamente o desenvolvimento do mesmo. Dentro deste aspecto os dois contextos sociais reagem entre si e perceberam que esta união é necessária favorecendo sempre a criança e consequentemente a sociedade em si.

O cuidar e o educar são indissociáveis e precisam estimular as relações vin-

culares para constituir a identidade das crianças, contribuir para a saúde psíquica e emocional,

As rotinas desprovidas de aportes teóricos sobre as necessidades das crianças reduzem as oportunidades de experiências e de construção de significados com as crianças. Uma dose de rotina é necessária para situar a criança em alguns hábitos de vida e que dizem respeito ao cuidar e ao aprender a viver em grupos; no entanto, reduzir o tempo de escola infantil a rotinas que não surpreendem e que não abram a possibilidade para criar, interagir de diferentes formas e com diferentes atores, pode cair numa mesmice que anda na contramão do que a criança de nosso tempo precisa.

Acredito que cuidar e educar estão fundamentados ao ofício e a excelência do verdadeiro educador, pois quando cuidamos, educamos; essa é a maneira mais saudável e motivadora para garantir o desenvolvimento da criança, envolvendo os aspectos físicos, emocionais, sociais, cognitivos. Sentir entusiasmo e ousadia de se construir um profissional com um perfil que se funde em experiências e competências pedagógicas, capazes de entender as necessidades e interesses das crianças em cada momento e a realidade vivida por elas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Ministério da Educação e do Desporto**, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

NICOLAU, M. L. M. **A educação pré-escolar: fundamentos e didática**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1998.

RIZZO, G. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RODRIGUES, R. GONÇALVES, J. C. **Procedimento de Metodologia Científica**. 7. ed. Lages: Papervest, 2014.

CANTANDO E APRENDENDO ATRAVÉS DA MÚSICA

Rosana S. Matos¹
Renato Rodrigues²
Artur Rodrigues Neto³
Giselli Ventura de Jesus⁴
Adriano Machado dos Reis⁴

RESUMO

A Música é uma linguagem tão rica em todos os aspectos, que desperta libertação na vida do ser humano, na liberdade de expressão, comunicação e socialização. Na Educação a música tem o forte papel de favorecer descobertas e possibilitar vivências na aprendizagem, proporcionando facilidade no desenvolvimento e no processo de educação. Este trabalho tem como objetivo destacar a importância que a música tem para o desenvolvimento integral da criança, quais metodologias utilizadas pelo professor no trabalho realizado com as crianças, analisar junto com o professor quais instrumentos musicais são mais comuns e preferidos pelas crianças e incentivar o uso da música como instrumento facilitador do processo ensino aprendizagem. Enfim a música é uma forma de expressão fundamental para o desenvolvimento motor e psicomotor da criança.

Palavras-chave: Música. Desenvolvimento. Aprendizagem.

ABSTRACT

Music is such a rich language in all aspects, awakening release in human life, freedom of expression, communication and socialization. Education in music has a strong role to encourage and enable discoveries experiences in learning, providing ease in development and education process. This work aims to highlight the importance that music has for the integral development of the child, which methodologies used by the teacher in work with children, analyze together with the teacher which musical instruments are most common and preferred by children and encourage the use music as facilitator of the teaching-learning process. Anyway music is a form of expression fundamental for motor development and child psychomotor.

Keywords: Music. Development. Learning.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia – 8ª Fase do Centro Universitário FACVEST.

² Pedagogo, Psicopedagogo, Mestre em Sociologia Política (UFSC), Coordenador do Curso de Pedagogia, Coordenador de Pesquisa e Extensão, Editor da Revista Synthesis, Professor da Disciplina de TCC e Orientador do Projeto de Vivências: Didática Vivenciada no Cotidiano Escolar.

³ Historiador, Mestre – UNIFACVEST.

⁴ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

INTRODUÇÃO

Entender mais sobre a importância da música e seus benefícios na educação infantil é o objeto central deste estudo, pois o desejo de realizar uma investigação com este foco surge das experiências que tive como educador e em algumas situações não formais, nos quais presenciei cenas em que o uso da música se dava apenas para reproduzir práticas, que muitas vezes já conheciam, mas sem entender o seu significado. A música sempre esteve presente em diversos povos desde a pré-história.

A palavra música tem origem na mitologia grega e significa “a arte das musas”. As musas eram seres celestiais ou divindades que inspiraram as artes e as ciências e tinham Orfeu, filho de Apolo, como seu deus. Orfeu foi, na mitologia grega, o deus da música. muitas evidências provam que a música já existia na pré-história e era utilizada em um caráter religioso, ritualístico em agradecimento aos deuses ou como forma de pedidos pela proteção, boa caça, entre outros. Nessa época podemos supor que muitos sons produzidos provinham, principalmente, dos movimentos corporais e sons da natureza. Na Antiguidade a música tinha um sentido ritualístico e como instrumento mais utilizado a voz, pois por meio dela se dava a comunicação e nessa época o sentido da música era esse, comunicar-se com os deuses e com o povo. Durante Idade das Trevas ou Idade Média a Igreja tinha muita influência sobre as tradições e culturas dos povos em toda a Europa. A igreja era muito rígida, e muitos costumes eram impostos e, por essa razão, predominava o canto gregoriano ou cantochão. A música do Brasil se formou a partir da mistura de elementos europeus, africanos e indígenas, trazidos respectivamente por colonizadores portugueses, escravos e os padres jesuítas que a usava em cultos religiosos e para atrair atenção à fé cristã.

Os nativos que aqui já habitavam também tinham suas práticas musicais, fato que ajudou a estabelecer uma enorme variedade de estilos musicais, que se solidificaram com o decorrer da história. Em terras brasileiras, as primeiras manifestações musicais, que recebem registros históricos, são as dos padres jesuítas, que, naquele momento, queriam mais fiéis para sua igreja do que promover educação ou manifestações artísticas por meio de sua música.

Na história da Educação no Brasil, cuidar das crianças surge como ideia pouco relevante na sociedade, e ainda permaneceria assim por muitos anos, com algumas mudanças acontecendo gradualmente, mas a ênfase era manter a ordem em sala de aula como diz Loureiro (2003) que para a escola, o que importava era utilizar o canto como forma de controle e integração dos alunos, desse modo, pouca ênfase era dada aos aspectos musicais na perspectiva pedagógica. Leis e normas que regulariam a educação infantil apresentam de forma clara como a criança foi tratada em nossa educação.

Apenas com a nova LDBEN (Brasil, 1996) instituída como lei nº 9.394, se contemplaria o ensino de artes no seu Art. 26, da seguinte forma: “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma que promova desenvolvimento cultural dos alunos”.

A partir daí a música passa a ser uma linguagem possível na educação infantil já que faz parte da educação básica. A construção de uma metodologia para trabalhar a música na educação infantil está legalmente aberta. Na hora do lanche ou almoço, por exemplo, as crianças e professores faziam uso de canções repetitivas apenas para dizer que estavam cantando, tornando esse momento mecânico e eliminando qualquer

possibilidade de usar a música em uma proposta de socialização, desenvolvimento e aprendizagem.

É importante perceber que o ensino de música não está somente ligado ao aprendizado de instrumentos ou de repetição de canções e cantigas decoradas e descontextualizadas, práticas muito frequentes no ambiente educacional. Loureiro (2008) explica que o aprendizado de música deve ser um ato de desprendimento prazeroso, que comungue com as experiências da criança sem ser uma imposição ou que busque a qualquer custo que a criança domine um instrumento, o qual pode minar sua sensibilidade e criatividade.

Diante do exposto, entende-se que o grande desafio é que a música na educação infantil venha a colaborar com o desenvolvimento da criança, almejando que essa não seja apenas uma prática descontextualizada, mas um complemento, um meio para o melhor entendimento e trabalho das muitas atividades realizadas na educação infantil, que além de desenvolver a sensibilidade musical pode ainda ajudar no desenvolvimento de outras potencialidades da criança.

Assim, o texto foi organizado buscando apresentar as possibilidades da música como ferramenta pedagógica e para tanto o primeiro capítulo trata da música no mundo e no Brasil de uma forma resumida, apresentando sua trajetória histórica até os dias de hoje e como ela chega à educação infantil. O RCNEI dá ênfase à presença da música na educação infantil, o documento traz orientações, objetivos e conteúdos a serem trabalhados pelos professores. A concepção adotada pelo documento compreende a música como linguagem e área de conhecimento, considerando que está tem estruturas e características próprias, devendo ser considerada como: produção, apreciação e reflexão (RCNEI, 1998).

Outro avanço muito importante sobre a música na área da educação é a lei 11.769 que torna obrigatório o ensino da música na educação básica. Cantos, ritmos e sons de instrumentos regionais e folclóricos devem ser explorados para abordar as diferentes culturas existentes no Brasil. A música deve invadir salas, pátios e jardins das escolas do país.

MÚSICA - IMPORTANTE INSTRUMENTO NO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

Existe grande número de teorias sobre o princípio e a presença da música na cultura humana. A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de diversas maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes.

Para Brito (2003, p.26) a música tem sido interpretada como “[...] melodia, ritmo, harmonia, [...] elementos que estão muito presentes na produção musical dentre outras possibilidades de organização do material sonoro”.

Estes elementos musicais incluindo o som são básicos na música. Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio. As vibrações irregulares são denominadas ruído. Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos. Melodia: é a organização simples de uma série de sons musicais e sucessão rítmica.

Harmonia: é a combinação dos ouvidos simultaneamente, é o agrupamento agradável de sons.

Segundo Berchem (2006, p.115) “a música é a linguagem que se traduz em forma sonora capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento entre som e o silêncio”.

Rosa (1990, p.19) identifica a música como “uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir”.

Para Romanelli (2009, pg.15), a música [...] “é uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação”. Na escola, [...] “a música é linguagem da arte, [...] é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de outras disciplinas”.

Rosa (1990, p. 22), também, enfatiza que em espaço escolar:

A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e roda cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento.

Ao acompanhar a música com gestos ou dançar a criança estará trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons ela estará descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive. Atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, sendo fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

No ensino da música, essa linguagem musical deve ser um dos meios para alcançar a educação de pessoas criativa e crítica, e os bons resultados serão obtidos pela adequação das atividades, pela postura reflexiva e crítica do professor, facilitando a aprendizagem, propiciando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade infantil.

Os educadores devem “[...] expor a criança à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música”. Ou seja, é preciso estudar a música e explorar as informações nelas contidas. Deve explorar, da mesma forma, músicas de outras culturas, civilização, grupo social, comunidade, pois cada um tem sua própria expressão musical. Antes destas ações, é preciso que o educador pesquise o universo musical que a criança pertence, e encorajar atividades relacionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão através da música. Veem a importância de que não só o professor deve pesquisar, mas que a criança também seja estimulada para isso. Ao educar, caberá enriquecer seu repertório musical criando e ampliando os caminhos com diversos recursos como disco e materiais para a construção musical e para explorar, observar o trabalho de cada criança e planejar atividades que envolvam músicas de diferentes povos, de diferentes épocas, de diferentes formas, de diferentes compositores permitindo assim, conhecer melhor a nós

mesmo e ao outro - próximo ou distante. Seu trabalho deve ser criativo, despertando a motivação da criança, imaginando novas possibilidades de aprendizado e facilitando as atividades dos alunos, quando solicitado. (JEANDOT, 1990, pg. 70)

É considerável ressaltar a importância de se desenvolver a escuta sensível e ativa nas crianças.

Todos nós ouvimos a música de acordo com nossas aptidões, variáveis, sob certo aspecto, em três planos distintos: sensível, expressivo e puramente musical, o que corresponde a ouvir, escutar e compreender. Essa é a razão pela qual o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, adaptando as atividades de acordo com suas aptidões e de seu estágio auditivo (COPLAND apud JEANDOT, 1990, p.22).

A audição poderá ser trabalhada com mais detalhes, acompanhando a ampliação da capacidade de atenção e concentração das crianças. A apreciação musical poderá propiciar o enriquecimento e ampliação do conhecimento de diversos aspectos referentes à produção musical: os instrumentos utilizados; tipo de profissionais que atuam e o conjunto que formam (orquestra, banda, coral, etc.); gêneros musicais como: clássico, eletrônico, jazz, pop, popular, romântico, etc.

Atividades como ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, etc. despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atender as necessidades de expressão que passam pelas esferas afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados.

É importante oferecer, também, a oportunidade de ouvir música sem texto, não limitando o contato musical da criança com a canção que, apesar de muito importante, não se constitui em única possibilidade. Por integrar poesia e música, a canção remete, sempre, ao contexto da letra, enquanto o contato com a música instrumental ou vocal sem um texto definido abre a possibilidade de trabalho com outras maneiras.

As crianças podem perceber sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhes sugere e comunica. “Poderão ser apresentadas partes de composições ou peças breves, danças, repertório da música chamada descritiva, assim como aquelas que foram criadas visando a apreciação musical infantil”. (RCNEI, 1998, p.65)

Sendo assim, as atividades de exploração sonora devem partir do ambiente familiar da criança, passando depois para ambientes diferentes. Um exemplo de atividades que o professor pode fazer é pedir para que as crianças fiquem em silêncio e observem os sons ao seu redor, depois elas podem descrever, desenhar ou imitar o que ouvir. Também podem fazer um passeio pelo pátio da escola para descobrir novos sons, ou aproveitar um passeio fora da escola e descobrir sons característicos de cada lugar.

Portanto, antes de oferecer à criança um método, um instrumento em escolas ou conservatórios, é preciso trabalhar nelas o ouvir, escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons, isto é, construir seu conhecimento sobre música, pois antes das regras musicais, deve vir vivência, a familiaridade com os sons e suas particularidades.

[...] O ensino de música deve ser, desde o começo, uma força viva. [...] a criança, muito antes de dominar as regras gramaticais, utiliza palavras com fluência e formula frases já com entonação. A linguagem é, para ela, uma coisa viva e, não, regras no papel. Deve-se educar o ouvido para que sejam sentidas, perfeitamente, modulações e combinações sonoras diversas. Deve-se deixar o aluno perceber a harmonia com seu próprio ouvido, antes de se deparar com o ensino da mesma. O conhecimento das regras não deve ser o objeto e, sim, uma necessidade a ser atendida em tempo devido. [...]. (PAZ, 2000 p.16).

Sem esse processo, não se pode esperar maravilhas no final do mês vindo de uma criança ou qualquer outro indivíduo, pois a música é linguagem cujo conhecimento se constrói com a prática e reflexões orientadas, em contexto de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de proposta que consideram todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final.

Para Jeandot (1990, p.24),

Uma aprendizagem voltada para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical, não desenvolver a sensibilidade. Tem que formar na criança o musicista, que talvez não disponha de uma bagagem técnica ampla, mas será capaz de sentir, viver e apreciar a música, [...] despertando também uma escuta sensível e ativa. [...] A escuta envolve a ação de entender e compreender, ou seja, de tomar consciência daquilo que se captou através do ouvido.

Como podemos perceber, a música em diversas atividades como ouvir, expressão física e outros ajuda no desenvolvimento do ser humano. O uso da música como auxílio no processo de ensino aprendizagem é de suma importância para que esse desenvolvimento seja feito com sucesso e, veremos isso a seguir.

Para uma visão cognitivista, o conhecimento musical se inicia por meio da interação com o ambiente, através de experiências concretas, que aos poucos levam à abstração (ROSA, 1990, p.15).

Paz (2000, p.14) nos mostra que todos os indivíduos são capazes de aprender os ensinamentos da música, “pois sendo capaz de emitir sons para falar, pode emití-los também para cantar; assim como tem ouvidos para escutar palavras e sons, também os terão para a música.

O ensino da música favorece o desenvolvimento do gosto estético e da expressão artística, além de promover o gosto e o ensino musical. Formando o ser humano com uma cultura musical desde criança, estaremos educando adultos capazes de usufruir a música, de analisá-la e de compreendê-la (ROSA, 1990, p.21).

Sendo assim, o conhecimento adquirido na linguagem musical segue o ser humano ao longo da vida.

Música é arte [...] seu papel na Educação Infantil é o de proporcionar um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos. Por este caminho, envolve o sujeito como um todo, influenciando, benéficamente, nos diferentes aspectos de sua personalidade: suscitando variadas emoções, liberando tensões, inspirando ideias e imagens, estimulando percepções, acionando movimentos corporais e favorecendo as relações individuais. (BORGES, 2003, pg. 115)

Portanto, a música pode contribuir para tornar o ambiente escolar mais alegre e favorável à aprendizagem, propiciar uma alegria que seja vivida no momento presente e isso é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por esse ambiente.

Uma compreensão dos símbolos que representam à música. A criança brinca voltando-se para aquilo que faz apelo à sua atividade lúdica e a sua sensibilidade. O brinquedo musical liberta e afirma, socializa, equilibrando e fortalecendo sua personalidade.

Essa recreação pode acontecer com brincadeiras, jogos, histórias, danças, bandinha rítmica (conjunto de percussão), canto e movimentos corporais. E através da improvisação de ritmos e melodias, o aluno desenvolve sua criatividade. O primeiro passo objetiva estimular a socialização das crianças. Para isso, canções que faz parte de sua herança musical são utilizadas como, por exemplo, Ciranda cirandinha e Marcha soldado.

A aprendizagem para a psicologia deve ser significativa para quando um novo conteúdo (ideias ou informações) relaciona-se com conceitos relevantes, claros, e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado por ela. Estes conceitos disponíveis são os pontos de ancoragem para aprendizagem.

Para Vigotsky, o aluno jamais poderá ser visto como alguém que não aprende, pois aprender é estar com o outro, que é mediador da cultura. O desenvolvimento está sobre o plano das interações, o sujeito faz uma ação que tem inicialmente um significado partilhado.

Conforme Vigotsky (1991), o brinquedo, o instrumento musical cria uma zona de desenvolvimento proximal, nada mais é que a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sobre a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros (capacidade que a criança possui), pois na brincadeira a criança comporta-se num nível que ultrapassa o que está habituada a fazer, agindo como se fosse maior do que é. As crianças fazem das brincadeiras e das músicas uma ponte para o imaginário, a partir dele muito pode ser trabalhado.

Contar, ouvir história, dramatizar, cantar, jogar com regras, desenhar, entre outras atividades constituem meios prazerosos de aprendizagem. Através delas as crianças expressão suas criações e emoções, refletem medos e alegrias, desenvolvem características importantes para a vida adulta.

De acordo com Piaget (1978), as crianças são bastante curiosas e gostam de investigar o ambiente em que se encontram, suas habilidades motoras e de linguagem estão em ascensão. A brincadeira contribui para o desenvolvimento intelectual da criança, estimula o pensamento para a resolução de problemas, entre outras habilidades. A música torna a criança criativa.

Mas Borges (2003, p.119) ressalta que “se a música for utilizada apenas com o objetivo de ensinar conceitos matemáticos, reforçar hábitos de higiene, cumprimentar ou despedir de visitantes ou anunciar o momento do lanche ou da história, se estará desvirtuando a sua função primeira”.

A presença da música nas datas comemorativas deve ser muito bem analisada e adequadamente aproveitada, evitando que seja vista ape-

nas como recreação, passatempo ou demonstração superficial de um trabalho realizado em classe. As festas comemorativas devem resultar de um trabalho mais profundo, isto é, devem ser a culminância de outros objetivos trabalhando com as crianças. Não convém ensinar uma canção sem considerá-la como uma atividade ampla rica, abrangente e expressiva. As músicas comemorativas constituem um recurso didático interessante e dinâmico, pois através delas muitos assuntos podem ser trabalhados, com integração de varias disciplinas. (ROSA, 1990, pg. 45)

É recomendado para crianças que estão na educação infantil que os conteúdos relacionados ao fazer música devem ser trabalhados em situações lúdicas, como já mencionado, fazendo parte do contexto global das atividades, pois quando as crianças se encontram em um ambiente afetivo no qual o professor está atento a suas necessidades, falando, cantando e brincando com e para elas, adquirem a capacidade de atenção, tornando-se capazes de ouvir os sons do entorno. Podem aprender com facilidade as músicas mesmo que sua reprodução não seja perfeita. E também o professor deve dar ênfase em trabalhos coletivos, apesar de que trabalhar em grupo seja complexo, as atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e auto-realização.

Borges (2003, p.175) confirma a posição de alguns autores citados anteriormente, quando diz a respeito da necessidade de recuperar a verdadeira função da música. Ele diz que,

“é preciso insistir quando à necessidade de se recuperar sua verdadeira função. Isto só será possível na medida em que o professor for também sensível à expressão musical. Não que precise ser um especialista em música, ou saber tocar, necessariamente, algum instrumento”.

Porém, deverá estar consciente de que, em contato com a música, a criança poderá: manter em harmonia a relação entre o sentir e o pensar; proteger a sua audição, para que não se atrofie diante do aumento de ruídos e da desqualificação sonora do mundo moderno; habituar-se a isolar um ruído ou som para dar-lhe sentido, especificidade ou perceber a beleza que lhe é própria. O professor não só precisa ser sensível à expressão musical e entender o que está sendo transmitido para seus alunos como também,

[...] deve compreender a essência da linguagem musical, e, a partir de sua própria experiência e de seu processo criador, facilitar, o contato da criança com as diversas linguagens (plástica corporal etc.). Deve propiciar situações em que a criança pode olhar o mundo e se expressar. Olhar o mundo é apreender e perceber significados em todas as coisas. Em condições normais, a criança constrói a partir de seu significante, transformando significados, compreendendo o mundo e percebendo-o de uma forma peculiar. Constrói assim seu pensamento através da interação com o ambiente e da compreensão das relações entre todas as coisas, aí incluindo os sons, as canções, as diferentes manifestações em linguagem musical (ROSA, 1990, p.18).

Independente da abordagem que cada professor escolhe para seu planejamento, é importante que não torne a música distante da realidade de vida das crianças. Como foi mencionado até o presente momento, a música utilizada como recurso pedagógico traz diversos benefícios para o desenvolvimento da criança.

A música contribui: para o desenvolvimento da coordenação visual motora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimento, ou seja, são a operações mentais que usamos para aprender, para raciocinar. A simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes (ROSA, 1990, p.21).

A música movimenta, mobiliza, e por isso contribui para a transformação e para o desenvolvimento. E segundo Wilhems (apud GAINZA, 1988, p.36)

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

Portanto, “a música e sua ligação com outras áreas do conhecimento permite múltiplas abordagens interdisciplinares [...] beneficiando tanto o processo educacional como um todo, quanto favorecendo a aprendizagem da própria música” (ROMANELLI, 2009, pg. 23).

No ambiente escolar, a música vem sendo tratada como algo pronto, que tem que ser copiado e mantido, tanto em ensaios de comemorações festivas, para cantar corretamente, como nas expressões e na dança, com movimentos criados pelos professores e as crianças tendo que imitar do mesmo jeito, isso se torna algo chato e irritante para elas, que ficam desanimadas, sem interação e participação.

Nesse contexto da educação infantil, a música é fortemente usada nas questões de formação de hábitos, atitudes e comportamentos. Isso percorre uma longa história, nos dias atuais vem sendo realizadas pesquisas e propostas para mudanças, mas ainda tem a permanência de cantar as mesmas músicas para a hora do lanche, de escovar os dentes e de vários momentos e comemorações de eventos.

O foco é a mudança de um trabalho de reprodução, para um trabalho que se constrói, de uma maneira agradável, despertando o interesse das crianças, na participação, construção, reflexão e apreciação, propondo que elas criem novas músicas, danças, movimentos, ritmos e que cada um tenha sua contribuição, expondo ideias, sentindo-se livres e tendo prazer de apresentar algo que foi criado por eles mesmos. a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói”. (BRASIL, 1998, p.47)

A Música é muito importante em vários aspectos, principalmente na formação da criança, na facilidade que proporciona para o desenvolvimento e no processo de educação. Importante destacar que a música não tem só uma função, ela abrange várias áreas, podendo ser trabalhada também como meio facilitador de hábitos e comportamentos criando atividades importantes na formação do ser humano, ao ensinar valores para ter higiene, respeito, agradecimento e outros.

Destacando que não se deve manter o mesmo costume de repetição e imitação, como vem sendo feito por anos, pode trabalhar para esses propósitos e ideias, mas como vem sendo destacado, com renovação, criatividade e propondo que as crianças participem e trabalhem na criação e construção.

Na memorização das letras, a música é muito utilizada também, há diversas canções que associam a palavra que tem como inicial determinada letra do alfabeto, as crianças adoram esse tipo de atividade, principalmente se puderem participar e cada uma expor sua ideia, falar uma palavra que corresponde à letra e criar uma canção junta.

Pode-se incorporar a educação musical como parte integrante da formação do indivíduo desde a infância, atendendo a vários propósitos, como a formação de hábitos atitudes e comportamentos: ao lavar as mãos antes do lanche, ao agradecer a “papai do céu” por mais um dia de estudo, ao escovar os dentes, na memorização de conteúdos, de números, de letras e etc.” (BUENO, 2012, p.55)

A música é uma linguagem tão rica em todos os aspectos, que desperta libertação na vida do ser humano, na liberdade de expressão, comunicação, socialização, na criação de algo novo, tornando-se um recurso forte na área educativa, no processo de desenvolvimento desde a sua existência, que é a infância, na sua primeira etapa de ensino e social: a Pré-Escola. “Por seu poder criador e libertador, a música torna-se um poderoso recurso educativo a ser utilizado na Pré-Escola”. (WEIGEL,1988, p.12).

É preciso respeitar a maneira de ser de cada pessoa, mas para se trabalhar a Música na Educação Infantil, deve-se renovar e buscar o melhor, principalmente ter muita imaginação para diversificar e não criar rotinas, não falta atividades diferenciadas, pois o repertório de brincadeiras é muito grande.

Há várias formas de se trabalhar a música na escola, por exemplo, de forma lúdica e coletiva, utilizando jogos, brincadeiras de roda e confecção de instrumentos. A imaginação é uma grande aliada nesse quesito, lembrando que a musicalidade está dentro de cada pessoa. (BUENO, 2012, p.231).

A postura do professor é muito importante para incluir a música na educação infantil, apesar da maioria dos professores não terem uma formação específica em música, se o professor buscar conhecimentos e alternativas, tendo a postura de criar um ambiente agradável, ter a compreensão de que a música é importante para a formação da criança, bem como a linguagem musical deve ser trabalhada livremente para as crianças se expressarem conforme cada fase, fornecendo objetos e materiais diversos para as criações e desenvolvimento fazendo um belo trabalho buscando o novo e o melhor, tanto para os alunos, como para ele, professor.

Integrar a música à educação infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando-se que a maioria dos professores de educação infantil não tem uma formação específica em música, sugere-se que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo. (BRASIL, 1998, p.67)

Os primeiros contatos que a criança tem com a música são importantíssimos para a sua aprendizagem em todos os aspectos e, conforme seu desenvolvimento, sempre mantendo esse vínculo, pois futuramente, quando se inicia na educação infantil o espaço disposto para a criança, fundamentalmente no que ela já conhece e se familiarize, sentindo-se em um ambiente agradável.

O professor deve estar atento a esse ponto dos vínculos que a criança tem e procurar mantê-los em seu planejamento de trabalho. “A música pode se tornar um espaço a partir do qual os primeiros vínculos são criados e mantidos.” (MAFFIOLETTI apud, CRAYDY, 2001, p.130).

O trabalho conjunto da música e disciplinas específicas facilita a aprendizagem da criança, pois a música combina os conceitos mais rígidos das matérias com sua forma lúdica de expressão que faz parte do mundo das crianças, despertando mais interesse e aprendizagem, com um meio facilitador.

A música, é uma grande ferramenta muito importante para a assimilação dos diversos conteúdos na rotina dos alunos, pois transporta para o universo dos mesmos, de forma lúdica, os conceitos científicos de diversas matérias. (BUENO, 2012, p.49)

Existem várias áreas do desenvolvimento como a cognitiva, afetiva/social, linguística e psicomotora; a música estimula o desenvolvimento de todas essas áreas, pois não tem como desenvolver somente uma, porque todas estão ligadas e influenciadas pela linguagem da música, que provoca expressão sentimental, pensamento, movimento, interação social e outros.

Todos os aspectos do desenvolvimento estão intimamente relacionados e exercem influência uns sobre os outros, a ponto de não ser possível estimular o desenvolvimento de um deles sem que, ao mesmo tempo, os outros sejam igualmente afetados. (WEIGEL, 1988, p.13).

A integração do trabalho musical às outras áreas é muito importante e totalmente ligada e fundamental, pois a música tem uma abordagem e ligação enorme com tudo, em especial um contato direto com outras linguagens expressivas, como o movimento, expressão e outras áreas que se completam e são interligadas.

Criam-se movimentos e expressões ao ouvir uma música espontaneamente, no bater os pés, as mãos, ao querer bater algo, ou no balançar do corpo conforme o ritmo. Nas crianças, essa naturalidade ainda é mais forte, ela movimenta o corpo, cria sua dança e, ao cantar, cria expressões faciais encantadoras, mostrando realmente o sentimento de alegria.

Englobando todo esse contexto, a música torna-se meio para serem trabalhadas áreas diferenciadas de disciplinas no ambiente da educação infantil, como forma facilitadora para a aprendizagem de matemática, educação física e outras, pois essa interação de áreas é indiscutível na educação infantil, faz parte do meio lúdico, da interação para o ensino e aprendizagem da criança nesta etapa.

É preciso cuidar, no entanto, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais”. Mas para interagir com a criança e trabalhar com uma atividade musical, é necessário ser alegre e passar entusiasmo e felicidade, não necessariamente saber cantar, a criança não irá reparar nisso e sim no contexto que lhe propõe, despertando seu interesse e participação. É o entusiasmo do professor que desperta o interesse das crianças e não a qualidade do seu canto. (WEIGEL, 1988, p.56)

A criança que participa das atividades musicais desenvolve mais habilidades para aprender outras disciplinas, para se interagir em grupos e também cria mais facilidades para resoluções de problemas diversos, afirma Bueno, (2011, p.189)

A participação em atividades musicais aumenta a habilidade da criança para aprender Matemática básica e Leitura. Também desenvolve habilidades cruciais para ter uma vida bem sucedida, como por exemplo, a auto-disciplina, trabalho em grupo e habilidades para a resolução de problemas. Em todos os lugares há diversas sonoridades que podem ser destacadas para os alunos, o professor é o mediador para apresentar e destacar experiências novas e realizar observações e estímulos em lugares ricos de sons agradáveis, como ir ao zoológico, ouvir os sons dos animais, da natureza ou até mesmo num parque, praça e nos arredores da escola, para ouvir o som dos meios de transporte.

Na sala de aula, os trabalhos com variados objetos sonoros, de materiais diferenciados como metal, plástico, vidro, madeira, são importantes atos de exploração dos elementos da natureza e, com movimentos de batida, esfregados e rasgados se tornam atividades de grande valor para serem utilizadas no ensino e aprendizagem dos alunos da educação infantil. “O papel do professor é alargar o mundo sonoro da criança por meio de observações constantes e da introdução de referências sempre novas”. (MÁR-SICO, 1982, p.47)

O trabalho com atividades musicais proporcionam a participação das crianças no envolvimento global, de experiências e participações nos atos de ver, ouvir, tocar e outros, estimulam de uma só vez a área auditiva, o movimento no dançar, cantar, imitar, tocar instrumentos e outras explorações, desenvolvendo capacidades específicas de cada área e também apreciação e envolvimento com o próprio ambiente.

[...] as experiências rítmico-musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo e tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons, ela desenvolve sua acuidade auditiva, ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons, ela está descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive. (BUENO, 2011, p.182)

O ambiente é um meio de favorecer o trabalho com a música e despertar interesse nas crianças em mexer, explorar e inventar a partir do que lhe é oferecido, como objetos, instrumentos, ou até com uma sala de aula que seja decorada criativamente pelo professor, despertando o interesse até na liberação da criança ao se sentir descontraída para cantar, colaborando para o sucesso nas atividades de improvisação.

Na escola, a base de ensino da Educação Infantil, é a metodologia lúdica, conforme sua idade e respeitando o seu processo de desenvolvimento. Aprender brincando com todo repertório de atividades infantis e, principalmente a música que está em tudo e que deve ser um trabalho com entusiasmo e alegria para as crianças. “[...], a música deve ser transmitida com alegria, vibração, através de uma metodologia lúdica e dinâmica, própria do mundo da criança”. (BUENO, 2011, p.178)

Na educação infantil, as atividades musicais são muito trabalhadas e focadas. Existe uma grande diversidade nesta área musical tanto em brinquedos, brincadeiras e outros. Algumas atividades ficam tão famosas no meio das crianças se tornando favoritas que prevalecem no ambiente escolar, tornando-se tradição de gerações. “O cotidiano

da Educação Infantil é repleto de atividades musicais, algumas tão conhecidas que já fazem parte do repertório usual das escolas”. (MAFFIOLETTI apud, CRAYDY, 2001, p.123).

O Universo infantil e seu repleto repertório de atividades musicais é muito diverso e segue um processo no desenvolvimento da criança. Nas cantigas de roda existem várias brincadeiras como cirandas com diversos movimentos seguindo a música e entre outras brincadeiras, que são classificadas nesta área, como afirma (SILVA apud, JORDÃO 2012, p.148)

Tal diversidade é tão grande que nos possibilita classifica-las de muitas maneiras. Por último, a fase de brincadeiras ritmadas como: parlendas, trava línguas, elástico e outras, que propõe mais desafios para as crianças maiores. Essas brincadeiras já fazem parte de uma cultura tradicional da infância, que segue a gerações, em séculos e séculos, e mesmo sofrendo algumas modificações conforme o tempo e a modernidade da humanidade permanece o mesmo encanto e alegria das crianças. A Cultura Tradicional da Infância é todo o universo de brinquedo e brincadeiras que vêm se perpetuando ao longo de séculos, passando de uma geração a outra, proporcionando convívio e interação entre as crianças. É ao mesmo tempo tradicional, popular e contemporânea, pois sofre transformações se adequando a cada novo tempo, sem perder a essência. Incrivelmente ampla, abrange acalantos, brincos, histórias, adivinhas, trava-línguas, quadrinhas, fórmulas de escolha, rodas, amarelinhas, jogos, pegadores, brincadeiras com bola, corda, elástico, mão, pedra e o objeto brinquedo. (SILVA apud, JORDÃO, 2012, p.146).

O meio cultural de cada povo tem fortemente variações rítmicas e as cantigas infantis sofrem essas influências também, tanto nos ritmos, mas em outras áreas, como na maneira de brincar e até na letra e na melodia, algo que faz parte da diversidade e que deve ser respeitado nas variações de expressões culturais. “É incrível também o número de variantes: uma mesma cantiga pode ser encontrada em diversos lugares com variações rítmicas, melódicas, textuais ou na forma de brincar, traçando as particularidades de cada lugar.” (SILVA, apud JORDÃO, 2012, p.149)

Weigel (1998, p.15), afirma que: Consequentemente, as brincadeiras musicais contribuem para reforçar todas as áreas do desenvolvimento infantil, representando um inestimável benefício para a formação e o equilíbrio da personalidade da criança e do adolescente.

As brincadeiras musicais estão diretamente ligadas em todas as áreas do desenvolvimento infantil, contribuindo para a formação, não só na infância mas até na fase da adolescência, influenciando com benefícios a personalidade do indivíduo em questão. O repertório de músicas infantis é realizado para as crianças e pelas crianças, pois é importante ter a abertura para as crianças criarem e modificarem as próprias músicas.

A música é tão fortemente marcada no desenvolvimento humano que desde o nascimento até o fim da vida sempre está presente e, ao contrário do que muitos pensam, a música de repertório infantil acompanha pela vida toda, nos momentos de lembranças da infância, ou até mesmo por preferência musical pela convivência com crianças, geralmente os filhos.

O professor deve ser muito atencioso e cauteloso na maneira de avaliar, na observação de todo o contexto de envolvimento são áreas envolvidas. No momento da observação já corrigir, ajudar para a conquista de realizar corretamente, esclarecer assuntos quando houver dúvidas, avaliar de uma forma a descobrir as dificuldades específicas para mediar e corrigir, ensinando a maneira mais fácil e correta para fazer.

CONCLUSÃO

A Conclusão deste trabalho possibilitou uma melhor compreensão de como a música contribui na formação e desenvolvimento da criança, na diversidade de possibilidades de se trabalhar a música com as crianças, no meio facilitador que a música proporciona para o ensino-aprendizagem em vários aspectos.

A Educação Infantil é a etapa em que a criança encontra-se na fase de conhecimentos e descobertas essenciais no processo de desenvolvimento, a área cognitiva, afetiva/social, linguística e psicomotora, são áreas importantíssimas que a música contribui para o seu desenvolvimento.

Os estímulos que a música proporciona como: senso ritmo, a audição, o despertar da sensibilidade, diferenciação de coisas e noções de ordenação no tempo e espaço, são necessários serem explorados desde cedo, para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento.

De acordo com as observações notou-se que a metodologia usada pelo professor no trabalho musical realizado com as crianças é trabalhada de forma diversificada na grande maioria, utilizando variados recursos para obter os objetivos. Os educadores precisam ter uma bagagem sobre a importância que a música tem na vida da criança, a contribuição que ela traz e saber realizar o ensino da música.

Podemos notar neste trabalho, que a música está em torno de nós e precisamos saber explorá-la, tanto ouvindo, como cantando, dançando, imitando, interpretando, pois ela contribui para a formação global, não só da criança, mas do indivíduo no geral, desenvolvendo a memorização, percepção, o raciocínio sendo capaz de expressar e comunicar sensações, emoções, sentimento e pensamento.

É preciso preocupar-nos em relação à formação das crianças, não apenas com o ensino dos conhecimentos sistematizados e a música possui vários significados e representações no cotidiano das pessoas e se utilizada de forma adequada pode ser um agente facilitador em diversos contextos que envolvam o raciocínio e a aprendizagem.

Portanto, a expressão musical, assim como os estilos de aprendizagem, é construída social e culturalmente, assim, inseridos no processo de aprendizagem das pessoas. É necessário conceber a música e o estilo de aprender, considerando os significados e valores atribuídos por aqueles que participam desse processo.

Interessante que os professores façam uma reflexão sobre como podem melhorar essa área de trabalho com a música, pois é necessário pensar qual a maneira melhor de trabalho, o que poderiam passar a fazer o que ainda não fazem. É necessário despertar e buscar conhecimentos para melhorar e se atualizar a respeito.

E por fim a música já se faz presente no dia a dia da educação escolar, mas deve ser trabalhada com objetivos e não apenas como forma de repressão, disciplina ou memorização. E cabe aos professores a ação de facilitar o dia a dia do ensino apren-

dizado, com as mediações que trarão resultados positivos não somente no processo da educação musical, mas também nas disciplinas inclusas no currículo escolar.

REFERÊNCIAS

BERCHEN, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BORGES, Teresa Maria Machado. **A criança em idade pré-escolar: desenvolvimento e educação**. 3ªed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: proposta para a formação integral da criança**. 2.ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BUENO, Patrícia, **A Canção na Pré Escola**. São Paulo: Paulinas, 6 ed, 2012.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo, Ática, 2002.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da musica**. 16 ed. São Paulo: Scipione, 1990.

MAFFIOLETTI & CRAIDY, CARMEN MARIA. **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre, Artmed, 2001.

MÁRSICO & MÁRSICO, LEDA OSÓRIO. **A Criança e a Música**. Porto Alegre-Rio de Janeiro, Globo, 1982.

PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia musical brasileira no século XX: metodologias e tendências**. Brasília: Mus Med, 2000.

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento cognitivo da criança**. RJ; Zahar: 1978.

RODRIGUES, R. **Procedimentos de metodologia científica**. 5.ed. Lages: Papervest, 2014.

ROMANELLI, Guilherme. **Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento**. Revista Aprendizagem, Pinhais, 2009.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Áti-

ca, 1990.

SILVA, M.A. **A música e o desenvolvimento da criança**. São Paulo: Vozes, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEIGEL, ANNA MARIA GONÇALVES. **Brincando de Música**. Porto Alegre, Kuarp, 1988.

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA MANEIRA GOSTOSA DE ENSINAR

Andreia de Lima¹
Renato Rodrigues²
Daniela Waltrick de Sousa³
Fábio Macedo de Castro Faria³

RESUMO

O presente artigo aborda a relevância do brincar na educação infantil, como a brincadeira propicia a o desenvolvimento das crianças. A brincadeira e a criança não podem ser separadas. A criança necessita brincar, é fundamental para sua formação. Nos primeiros anos de vida a criança começa a descobrir a si mesmo e o mundo, e o brincar é de suma importância nesse processo.

Palavras-chave: Brincar. Criança. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article discusses the importance of play in early childhood education, as the game provides to children's development. The play and the child cannot be separated. The child needs to play, it is essential for its formation. In the child early in life begins to discover himself and the world, and the play is very important in this process.

Keywords: Play. Child. Development.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª Fase, Disciplina TCC II, do Centro Universitário Unifacvest

² Pedagogo, psicopedagogo, Mestre em sociologia Política(UFSC), pró-reitor de pesquisa e extensão, Coordenador do Curso de Pedagogia UNIFACVEST, Editor da revista Synthesis e Ensaios pedagógicos- UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Didática e Orientador do projeto Cidadão UNIFACVEST, Coordenador do projeto Horta na Escola e na Comunidade, Coordenador e Organizador do projeto Ação UNIFACVEST, Organizador geral da AEC- atividades curriculares complementares/ UNIFACVEST, Supervisor técnico dos certificados das AECs e Ações UNIFACVEST, Orientador de pré-projetos de pesquisa dos cursos de pós-graduação, professor da disciplina de Gestão e Coordenação Educacional, de Sociologia Aplicada no curso de Administração UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Metodologia de Pesquisa I e II dos cursos de pós graduação "lato sensu" UNIFACVEST

³ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

O brincar na educação infantil escolar é de extrema relevância no processo educacional. A brincadeira traz um aprendizado, sendo ela uma atividade dirigida ou livre, através da brincadeira a criança aprende. É necessário compreender que o brincar faz parte do desenvolvimento da criança, brincando ela aprende a interagir, socializar, comunicar, dividir e se desenvolver naturalmente. “O brincar é tão importante à criança quanto se alimentar e descansar, por meio do brincar a criança estabelece relações de conhecimento consigo, com os outros e como mundo.” (LIRA, 2014, p. 2)

A infância foi uma conquista histórica, nem sempre as necessidades infantis foram reconhecidas e valorizadas. Até o início do século XVI as crianças eram entendidas como adulto em miniaturas, seres inferiores e incompletos que eram moldados pelos adultos. Essa visão pode ser facilmente entendida através de pinturas antigas e de fotos que mostram crianças vestidas com roupas idênticas aos adultos.

[...] a história da criança contada por ARIÈS, destaca que as crianças foram tratadas como adultos em miniatura: na sua maneira de vestir-se, na participação ativa em reuniões, festas e danças. Os adultos se relacionavam com as crianças sem discriminações, falavam vulgaridades realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive a participação em jogos sexuais. Isto ocorria porque não acreditavam na possibilidade da existência de uma inocência pueril, ou na diferença de características entre adultos e crianças. (ROCHA, 2002, p. 55)

Nesse período o amor de mãe não existia, não tinha afeto pela criança. Havia um alto índice de mortalidade infantil, e era considerado normal. Outra prática comum da época era a entrega das crianças para que outra família as criassem e educassem. Essas crianças voltavam para casa com sete anos, idade para o convívio familiar e trabalho.

Mudanças em relação a concepção de criança começaram no século XVII, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da igreja, em não aceitar o infanticídio. A alma da criança começou a ser vista como ser imortal, surgiram medidas para salvar as crianças, houve uma preocupação com saúde e higiene.

No século XVI, surge a criança anjo, com a força da igreja. a sociedade começa ver a criança com ternura. A criança passa a ser educada pela família, nesse momento surge o sentimento de infância, dividido em dois momentos papariação- sentimento despertado pela beleza, ingenuidade, tornando-se um bichinho de estimação e apego.

O apego surge a partir do século XVII, e propõe a separação da criança do adulto para ser educada. Com a evolução na Idade Moderna, a família e a sociedade passam a se preocupar com as crianças, a partir desse momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com a saúde e educação.

Em 1657 Comenius usou a imagem de jardim-de-infância onde as arvorezinhas plantadas seriam regadas sendo assim comparada com o lugar da educação das crianças pequenas. Comenius defendia que o cultivo dos sentidos e da imaginação precedia o desenvolvimento racional. Para o desenvolvimento da criança eram necessários

materiais diversos que seriam internalizados.

A brincadeira na escola surge juntamente com os jardins de infância de Froebel (1782-1852 - primeiro filósofo a ver o uso de jogos para educar crianças pré-escolares). Os jardins de infância Froebel considera a criança como um sujeito dotado de capacidades que mediante estímulos se desenvolve normalmente. O brincar na escola é visto então como um recurso que estimula a criança a desenvolver-se integralmente. As brincadeiras são o primeiro recurso no caminho da aprendizagem. O modelo de jardim de infância de Froebel se expandiu pelo mundo.

Numa pesquisa realizada com pessoas mais antigas, descreveram como era a vida e os brinquedos da época deles e contavam histórias ouvidas por seus avôs. Contam que seus brinquedos eram de madeira, bonecas de panos, e muitos nem tinham com que brincar, e as crianças tinham que aprender a trabalhar, os meninos aprendiam as tarefas dos pais e as meninas os trabalhos das mães. Em muitas famílias e em tribos indígenas, os brinquedos e brincadeiras das crianças eram ligados à vida natural, como banhos de rio e passeios no mato. Nessa época índios faziam para seus filhos brinquedos como arco e flecha, petecas, bolas e bonecos de barro cozido. Depois, com a colonização do país pelos portugueses, surgiram pipas de papel, bodoques e dominós. Entre as formas de diversão mais apreciadas pela meninada, merecia destaque o teatro de marionetes. Em nosso país até meados do século XIX o atendimento de crianças em creches longe das mães não existia. No meio rural família de fazendeiros assumiam o cuidado das crianças órfãs ou abandonadas que eram frutos de explorações contra as mulheres negras e índias pelos senhores brancos, enquanto nas cidades elas eram abandonadas pelas mães muitos eram filhos de moças de prestígio social.

A brincadeira, passou de geração para geração, é um produto cultural, desde o início da vida em sociedade as crianças interagem por meio da brincadeira. Kishimoto ressalta que os jogos foram transmitidos de geração em geração por meio de sua prática, permanecendo na memória infantil, e que o brincar é o marco evidente da brincadeira. Já o brinquedo antes era qualquer objeto um pedacinho de madeira se transformava em brinquedo com a o avanço da tecnologia e o avanço industrial os brinquedos ganharam outras formas, e muitas já são comprados prontos.

Com a evolução da humanidade a criança ganha espaço e direitos entre eles o de ser livre para interagir com o mundo e a brincadeira entra como papel principal.

Educação Infantil é a base para as demais etapas do processo educacional, formando cidadãos mais preparados, críticos, capazes de agir e resolver situações problemáticas. Compreende-se que o brincar é muito relevante para o desenvolvimento da criança, trazendo benefícios que são levados para todas as etapas da vida, torna a aula prazerosa para a criança trazendo benefícios para aprendizagem.

2 O BRINCAR E APRENDIZAGEM

A criança é um sujeito em desenvolvimento, que necessita de métodos e de ações que propiciem a sua formação integral, seja afetiva, cognitiva e motora. Ao brincar com diferentes brinquedos, brincadeiras e jogos, as crianças desenvolvem esses aspectos, pois cria vínculos afetivos com quem se brinca, desenvolve a criatividade e a curiosidade, e se movimenta promovendo a expressão corporal.

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (Kishimoto, 2010, p. 1)

O brincar na vida da criança se faz presente em seu dia a dia no contexto social a qual ela está inserida, seja no grupo familiar ou na escola. A conscientização dos pais para a relevância do brincar no desenvolvimento infantil se faz necessária., é preciso tomar cuidado para não conceber o brincar como simples passa tempo, e que brincar é tão importante no desenvolvimento infantil quanto aprender conteúdos, com atividades por escrito. A educação precisa atingir seus objetivos de formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos, capazes de se situar no mundo e o brincar é uma das melhores formas de se conseguir atingir esse objetivo ao que se refere em educação infantil.

A criança desde muito cedo se comunica através de gestos e sons e mais tarde vem representar determinados papéis nas brincadeiras, desenvolvendo capacidades como a atenção, a memória e a imitação, sendo importante para seu amadurecimento. E na educação infantil é que conseguimos melhor resultado, pois elas estão descobrindo o mundo, criando, aprendendo, experimentando e sua curiosidade esta a mil. (OLIVEIRA, 2005, P. 14)

Nos primeiros anos de vida da criança, ela é curiosa, está em fase de conhecer o mundo e a si mesma, neste período a convivência com pessoas, ambientes, objetos e brincadeiras, é o desenvolvimento ser em todos os seus aspectos. A brincadeira se torna essencial nesse processo, o momento em que criança brinca a criatividade e a curiosidade é intensa. Quando interage com outras pessoas aprende a dividir, a cooperar, começa a entender o convívio social respeitando os outros e tendo uma boa relação.

Esse brincar pode ser com o brinquedo, que é um objeto em que a criança interage - carros, bonecas, peças de encaixe, ursos... ou a brincadeira a qual interagem e brinca com outras pessoas seja criança ou adultos- que são as brincadeiras de roda, de esconde-esconde de pega-pega- também as brincadeiras de faz de conta- como brincar de família(pai, mãe, irmãos) ou ainda os jogos com mediação.

A criança que brincar com o brinquedo solta sua imaginação, ganha uma criatividade incrível, um simples objeto como uma tampa redonda vira um carro e através dessa imaginação ela cria um mundo de descoberta, uma criatividade profunda e passa a significar o mundo de outra forma.

Quando as crianças brincam com as outras livremente as criatividade se juntam e o mundo da imaginação se torna maior. Quando brincam juntas precisam respeitar, cooperar, interagir, sempre há as briguinhas, mas pela autonomia própria muitas

vezes resolvem entre si. Claro cada criança tem suas particularidades, e no convívio com os outros eles aprendem a ter uma boa relação.

Os jogos lúdicos trazem as crianças para brincar, num contexto onde tem regras para serem seguidas, não é a opinião de ambos que vale, é o que a regra do jogo diz e deve ser seguida. Quando brincam com jogos as crianças ganham impulso para brincar, nos jogos terá um vencedor, isso estimula ainda mais as crianças a participarem da aula ou da atividade.

Brincar é um direito da criança. Toda criança tem direito brincar, de se sentir feliz e desenvolver-se integralmente. Assegurado como direito, é necessário deixá-lo brincar. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990, nos seus artigos 15 e 16:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

VI - participar da vida política, na forma da lei;

VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.

Considerado como sujeito histórico e humano a criança tem seus direitos previsto em lei e entre eles o direito de brincar. Se está na lei é porque é necessário na formação da criança. A criança tem direito a ser feliz, aprender com alegria e desenvolver integralmente.

A brincadeira é a vida da criança uma forma gostosa para ela movimentar-se e ser independente. Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades para usar as mãos e o corpo, reconhece objetos e suas características, textura, forma, tamanho, cor e som. Brincando, a criança entra em contato com o ambiente, relaciona-se com o outro, desenvolve o físico, a mente, a autoestima, a afetividade, torna-se ativa e curiosa. (SIAULYS, brincar para todos- MEC p. 10 , 2005)

As crianças no dia a dia interagem através da brincadeira e é possível observar seus comportamentos e suas relações de acordo com a atividade apresentada no momento e a forma com que é apresentada. Algumas gostam mais da brincadeira calma, outras da brincadeira mais ativa, outras de brincar sozinho com seus brinquedos. Em cada situação e momento é preciso respeitar as singularidades, sempre respeitando o outro.

Considera-se a brincadeira é a melhor forma de introduzir a criança no mundo social, sendo imprescindível que todos se conscientizem da importância do brincar na educação da criança, e a brincadeira é uma das melhores formas de aprendizagem, pois estimula sua criatividade, dando a ela oportunidade de interagir e se expressar com

os demais, envolvendo a criança num processo sociocultural, como modo de interação com diversos parceiros em ambientes criativos, também levando a conscientização dos pais o direito da criança de brincar na infância, sendo que o brincar é uma ferramenta que promove desenvolvimento infantil. O processo de aprendizagem criança começa desde o seu nascimento, por tanto o estímulo a brincadeira deve ser entendida como uma forma de desenvolvimento psico-motor, raciocínio lógico, tendo assim uma forma de conhecer a criança e entender como e porque ela esta agindo assim, e seu estado emocional se reflete no seu modo de agir dentro das atividades lúdicas em que esta inserida no momento.

Através das brincadeiras as crianças desenvolvem o senso de companheirismo, o entendimento de regras e a maturidade emocional. Quando o adulto brinca com a criança os vínculos afetuosos entre eles são reforçados e pode-se também aproveitar a brincadeira como forma de estimulação e o brinquedo lúdico como forma geométricas, brinquedos interativos, concretos como números e letras tem grande desempenho na qualidade de ensino, dependendo da forma como são utilizados. Com a brincadeira elas imaginam, interagem, exploram seu mundo interior, imitam os aspectos de vida adulta para assim poder compreende-las é dever dar a liberdade de se expressar livremente dentro de sua imaginação de seu mundo de fantasias.

É na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolvesse sua consciência. Dessa forma, é na brincadeira que se pode propor à criança desafios e questões que a façam refletir, propor soluções e resolver problemas.

Por meio da brincadeira a criança pequena exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilidades especialmente pelos jogos de faz de conta e os de alternância. (OLIVEIRA,2005 , p.160)

Por meio do manuseio e interação de objetos as crianças conseguem decifrar aspectos característicos como, formas e tamanhos, desenvolvendo habilidades motoras, e o professor tem o importante papel de estimular a criança varias formas de brincadeiras possíveis para seu desenvolvimento, sendo que as brincadeiras são maneiras de inserir a criança no meio social interno e externo da escola, dando a ela oportunidade de se relacionar com a sociedade. “É essencial para o conhecimento do mundo dos objetos. A diversidade de formas, texturas, cores, tamanhos, espessuras, cheiros e especificidades do objeto são importantes para a criança compreender esse mundo.” (KISHIMOTO, 2010, p. 3)

Segundo Froebel 1887, p. 55-56 apud Portal do MEC- Brincar - O jogo e o desenvolvimento infantil, 2008, p. 1):

A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança — do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação auto-ativa do interno — representação do interno, da necessidade e do impulso internos. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo — da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo.

Brincando, elas podem desenvolver sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade e na vida. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconehecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência. As crianças precisam viver em sociedade, e ser preparadas para a o exercício da cidadania. Quando brincam desenvolvem a cooperação, o companheirismo, a interação com os outros.

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligadas. A brincadeira favorece o equilíbrio, afetivo da criança da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. Isso ocorre em virtude das características da brincadeira: a comunicação interpessoal que ela envolve não pode ser considerada “ ao pé da letra”; sua indução a uma constante negociação de regras e a transformação dos papéis assumidos pelos participantes faz com que seu enredo seja sempre imprescindível. (OLIVEIRA, 2005, p. 160.)

É na educação infantil que se começa o processo de alfabetização e por meio de materiais lúdicos se consegue atingir resultados prazerosos que ajudam a desenvolver habilidades físicas despertando a criatividade sendo essencial o processo ensino aprendizagem.

A liberdade no ato de brincar seja com brinquedo, na brincadeira ou em jogos é possível entender seu raciocínio criança, sendo que todo ser tem o direito de explorar suas curiosidades espontaneamente e na brincadeira a criança conquista seu mundo livremente, é brincando que se aprende a conviver com o mundo real a sua volta, fortalecendo seu desenvolvimento motor, principalmente quando se começa a ser estimulado desde bebês, por ser um ser ativo a seu desenvolvimento próprio desde o seu nascimento até a vida adulta.

O brincar na educação infantil tem grande relevância, especialmente com crianças que estão inseridas em centro de educação infantil, situações onde o indivíduo se vê em grandes grupos com idades diferenciadas entre 6 meses a 5 anos, onde a criança observa o ambiente com atitude de curiosidade. O professor pode usufruir dessas curiosidades e estimular as crianças com materiais concretos a serem trabalhos de forma a estimular a linguagem, coordenação motora, convívio social, organização. Pois se percebe hoje em dia que devido ao trabalho, a correria do dia adia os pais deixam seus filhos nos centro de educação infantil por bastante tempo diariamente e não tem tempo de brincar com seus filhos, muitas vezes ficando, mas tempo com professores do que com os pais. Entretanto, o brincar com os pais é de suma importância na vida da criança, os pais precisam encontrar uma maneira de interagir com seus filhos.

As atividades desenvolvidas com as crianças, como jogos e brincadeiras, teatro, trabalhos com cordas e bambolês, cantigas de rodas, contar histórias, são métodos que trazem grande benefícios na aprendizagem e no desenvolvimento social e intelectual. As atividades desenvolvidas ao ar livre e dirigidas com bom planejamento, são gostosas e as crianças interagem espontaneamente e é um bom momento para se avaliar, sendo que essa avaliação deve ser feita através da observação e registro das ações de-

senvolvidas com as crianças.

Uma aula lúdica vai de encontro ao brincar, brincando a criança apreende e internaliza. Não é uma aprendizagem mecânica, é uma aprendizagem com significado, no momento que brinca nem nota que está aprendendo. Uma aula que desperte o interesse e que as crianças queiram estar na escola precisa ter significado, o brincar faz parte desse processo. Às vezes as crianças não fazem as atividades, não se interessam pela aula, e a maneira de conseguir fazer essa criança participar pode estar no momento da brincadeira com ênfase no aprendizado, seja com o brinquedo, a brincadeira entre colegas e adultos e os jogos.

Uma aula lúdica é uma aula que se assemelha ao brincar - atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca não centrada na produtividade. [...] Assim como um jogo é tanto melhor quanto maior seu potencial instigador e seu espaço para a ação, a aula lúdica é aquela que desafia o aluno e o professor e situa-os como sujeitos do processo pedagógico. A tensão do desejo de saber, a vontade de participar e a alegria da conquista impregnarão todos os momentos desta aula. Deste modo, arrebatados, professor e aluno evadem-se temporariamente da realidade, mas somente pelo tempo suficiente de pensar, imaginar, inventar, pois o material necessário à atividade criativa é a própria realidade. (Fortuna, 2000, p. 9)

Em muitos momentos as crianças ao brincarem expressa sua realidade social, principalmente nas brincadeiras de faz-de-conta. O professor mediador de conhecimento deve ter consciência desse processo e aproveitar esses momentos em que as crianças são espontâneas em suas brincadeiras para conhecê-lo melhor, conhecer o seu mundo interior. As proposições de Vygotsky (1989) indicam que a criança brinca com significados para mediar simbolicamente a internalização da cultura.

Conhecimento de si e do mundo por meio das experiências sensoriais, expressivas e corporais para movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. [...] As brincadeiras, como formas de expressão, são também oportunidades para a manifestação da individualidade de cada criança, de sua identidade, porque cada uma tem uma singularidade que deve ser respeitada. (KISHIMOTO, 2010, p. 3)

Ao interagir com materiais e outras pessoas, as crianças têm a oportunidade de expressar, quando bebês a aprendizagem se dá através do contato com o objeto e com o outro. Os partes sensoriais da criança passam a identificar e conhecer o mundo ao seu redor. Nesse sentido é necessário que as crianças tenham contato com os objetos, que se transforme em brinquedos na sua criatividade e propiciem o desenvolvimento da motricidade e das capacidades sensoriais. Experiências que trabalhem texturas, cores, tamanhos, sons e diversos tipos de matérias-objetos, seja ele comprado ou mesmo feito em casa. Ressaltando que a criança deve estar livre quando brincar, para assim deixar sua criatividade se desenvolver e propiciar o autoconhecimento e instigar a curiosidade.

Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para

construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p. 87)

O brincar é essencial para o trabalho de desenvolvimento corporal. Criança gosta de se movimentar, cantar e brincar. O professor deve buscar materiais adequados e diversificados possibilitando assim uma aprendizagem criativa e significativa, abrindo caminho para o estímulo de experiência que estimule a criatividade sendo que a experiência é o alimento para desenvolver a imaginação. Sendo que o brincar é um direito de todas as crianças e a ludicidade explora o seu mundo interior, pois a brincadeira tem aspectos lúdicos e educativos, sendo ambos de grande valor pedagógico desde que o educador saiba equilibrar ambas as partes.

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p. 93)

É relevante que se envolva as brincadeiras nas práticas pedagógicas, pois desperta na criança o interesse em participar e a vontade de ir à escola, sendo fundamental o estímulo à brincadeira na educação, pois ela estimula a criatividade, o prazer, envolvendo a criança a interagir com o mundo, tendo como resultado uma melhor convivência com a sociedade.

As crianças precisam brincar em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias, e viver experiências de semear, plantar e colher os frutos da terra, permitindo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza.. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p. 94)

Além de brincar com o brinquedo, as brincadeiras e jogos, as crianças precisam interagir com o meio, tendo contato com a natureza com os diferentes ambientes. Antes as crianças brincavam muito com a natureza, subiam em árvores tomavam banho em rios, coletavam frutos das árvores e formas de brinquedo. Na atualidade e com todo o processo industrial se compra muitos brinquedos prontos do mais simples ao mais fantástico. A evolução da humanidade e as novas tecnologias mudaram também a forma de ver o brinquedo e a brincadeira. Nas gerações anteriores as crianças criavam seus próprios brinquedos e na contemporaneidade a criança muitas vezes recebe o brinquedo pronto.

É um grave erro dizer que brincar é uma perda de tempo na escola, alguns pais ainda acreditam que o registro no caderno a atividade feita é sinal de aprendizagem. Precisa-se preparar para a vida, desenvolver-se em todos os seus aspectos e o brinquedo possibilita esse desenvolvimento.

Brincar não constitui perda de tempo, nem é simplesmente uma forma de preencher o tempo (...) O brinquedo possibilita o desenvolvimento

integral da criança, já que ela se envolve afetivamente e opera mentalmente, tudo isso de maneira envolvente, em que a criança imagina, constrói conhecimento e cria alternativas para resolver os imprevistos que surgem no ato de brincar (NICOLAU, 1988, p.78 apud NALLIN, 2005, p. 9)).

No momento em que brinca, as linguagens se inter-relacionam, explora o movimento, a linguagem oral, imita personagens, realiza movimentos e deixa a imaginação e a criatividade levar. Ela descobriu o mundo ao seu modo. Um brinquedo para uma criança significa soltar a imaginação, pois nem sempre o objeto que está na mão tem o mesmo significado para a criança ao qual o adulto vê.

Segundo Froebel, (1887, p. 56 apud portal do MEC) “As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nela, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores.”

Muitos brinquedos e brincadeiras foram produzidos culturalmente como por exemplo a menina brincar de boneca, quando brinca com a boneca ela imita a mãe ou a babá, canta canções de ninar, embala o a boneca que significa na sua imaginação naquele momento o bebê ou ela mesma. Quando brincam menina e menino, imaginam ser uma família formada pelo papai e pela mamãe, quando tem mais crianças os irmãos-zinhos. Ao observar uma criança brincando identifica-se a sua cultura, expressa o seu mundo e é incrível como a criatividade flui.

É necessário tanto para a família quanto para a escola considerar a idade da criança e do que realmente terá significado. Não se pode dar o mesmo brinquedo de peças pequena a uma criança de um ano, pois certamente essa lavara a boca, nessa fase tudo passa pelo contato sensorio e motor. É a forma de conhecer o mundo.

Segundo Vygotsky (1998 apud ROLIM; GUERRA, 2008, p.178), “para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. O seu avanço está ligado a uma mudança nas motivações e incentivos, por exemplo: aquilo que é de interesse para um bebê não o é para uma criança um pouco maior”.

O brincar é necessário no desenvolvimento da criança seja com brinquedo, brincadeiras e jogos. A brincadeira deve ser com adultos e com as crianças da mesma idade. A participação do adulto na brincadeira também é essencial, família e na escola. O brincar auxilia no processo de aprendizagem, em casa ou na escola, esse brincar propicia “ as situações imaginárias em que ocorrerá o desenvolvimento cognitivo e irá proporcionar, também, fácil interação com pessoas, as quais contribuirão para um acréscimo de conhecimento.” (ROLIM; GUERRA, 2008, p.179). O desenvolvimento infantil não pode ser separado da ato de brincar.

3 CONCLUSÃO

O brincar faz parte dos direitos das crianças. Toda criança tem direito de brincar de se divertir. Através da brincadeira a criança cria o seu mundo interagem com os outros e desenvolve naturalmente. O momento do brincar propicia a interação em atividades ou situações ao qual não encontra significado para fazer, auxiliando no processo

de ensino e aprendizagem.

Aprender brincando gera um aprendizado com significado. A criança precisa construir seu conhecimento se relacionando com o meio que vive. O professor precisa estar atento ao desenvolvimento da criança e reconhecer que o brincar é direito da criança e atuar como mediador da aprendizagem.

Na educação infantil o brincar se faz necessário para que a criança aprenda a se relacionar com os outros, seja adulto e ou colegas. O brincar pode ser a brincadeira o brinquedo e os jogos. É necessário que o professor desenvolva planejamento com ênfase no brincar, levando em consideração as particularidades de cada criança e respeitando a sua faixa etária, pois o brincar deve ter relação com sua fase de desenvolvimento. Além de brincar em sala de aula ou dentro de casa, as crianças devem brincar em pátios, quintais, correr, pular, interagir com a natureza com o mundo. A criança precisa querer ir pra escola e o brincar ajuda no processo de aprendizagem e a criança terá vontade de ir à instituição escolar. Ao observar uma criança brincar, percebe-se o quanto ela se sente feliz.

Na correria do dia a dia os pais não tem tempo para brincar com seus filhos, nesse sentido se faz mais ainda necessário o brincar na escola. As vezes as crianças sentem a necessidade de brincar com os adultos, e brincar com adultos é tão necessário quanto brincar com os brinquedos e com outros colegas.

A criança ao brincar transforma seu mundo simbólico em realidade, imita os outros, imagina, cria novas formas e maneiras de ver o objeto brinquedo e a brincadeira. Desenvolve os aspectos motores, intelectuais, psicológicos, afetivos e sociais.

A brincadeira faz parte da vida da criança, ela necessita brincar para o seu desenvolvimento. O brincar é importante em todos os aspectos necessários a formação infantil, sendo um importante agente para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Criança não pode ser separada do brincar.

REFERÊNCIAS

Brasil. **Estatuto da criança e do adolescente**, Lei nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

FORTUNA, T. R. **Sala de aula é lugar de brincar?** Porto alegre, RS. Mediação, 2000.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Anais do i seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, MG , 2010.

LIRA, N. A. B. **A Importância do Brincar na Educação Infantil**. pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da FAC-São Roque, 2014.

MEC. **Brincar- O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade**, 2008.

NALLIN., C. G. F. **O papel dos jogos e brincadeiras na educação infantil.** Campinas, SP, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO 2005

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** 2. Ed, São Paulo: SP, Cortez, 2005.

ROCHA, R. C. L. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes.** ANALECTA, V. 3 Guarapuava, PR, UNICENTRO, 2002.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimentos de Metodologia Científica.** 7. ed. Lages, SC: Papervest, 2014.

ROLIM, A. A. M; GUERRA, S. S. F. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

ROCHA, R. C. L. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes.** ANALECTA, V. 3 Guarapuava, PR, UNICENTRO, 2002.

SIAULYS, M. O. C. **Brincar para todos,** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005

AFETIVIDADE: A FERRAMENTA PEDAGÓGICA QUE VAI ALÉM DO QUADRO E GIZ

Camila Batista Neto¹

Renato Rodrigues²

Glauco Martorano Vieira Filho³

Helen Cristina Machado³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da afetividade no processo de aprendizagem e sua influência em sala de aula. Identificando o quanto um educador que utiliza em suas práticas a afetividade como uma ferramenta auxiliadora, contribui de forma positiva na aquisição do conhecimento. A afetividade tem influência na formação da personalidade e na formação moral de cada educando, esta, sendo recíproca é um dos caminhos para uma melhoria no processo de escolarização, sendo fundamental ser aplicada, vivida, não apenas por professores mas também por todos os profissionais que fazem parte do ambiente escolar.

Palavras-chave: Aprendizagem. Afetividade. Desenvolvimento. Aluno. Professor.

ABSTRACT

This present article aims to analyze the importance of affectivity in the learning process and its influence in the classroom. Identifying how an educator, who uses in their practices affection as a helper tool, contributes positively to the acquisition of knowledge. The affection has influence in shaping the personality and moral education of each student, this, reciprocal and is one of the ways for improving the educational process. It is fundamental to apply, lived, not only by teachers but also by all professionals which form part of the school environment.

Keywords: Learning. Affectivity. Development. Student. Teacher.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª fase, disciplina TCC Centro Universitário UNIFACVEST.

² Pedagogo, Psicopedagogo, Mestre em Sociologia (UFSC), Coordenador do Curso de Pedagogia, Coordenador de Pesquisa e Extensão, Editor da Revista Synthesis, Professor da Disciplina de Didática e Orientador do Projeto de Vivência: Didática Vivenciada no Cotidiano Escolar.

³ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade por um bom período, não houve nenhuma instituição que fosse responsável por compartilhar com os pais a responsabilidade pela educação da criança, era no convívio com os adultos e outras crianças que ela aprendia a se tornar membro do grupo e participar das tradições deste, encarando as exigências da vida adulta. Não existia um olhar voltado para o “ser criança” elas eram vistas como “adultos em miniaturas”. (Barbosa 2012)

A mudança nessa trajetória, porém só foi possível, porque houve modificações na sociedade, nas formas de pensar o que é ser criança e ao valor que passou a ser dado à infância. O aparecimento das instituições de educação infantil esteve de certo modo ligado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, situado entre os séculos XVI e XVII. O modelo de escola até então era de total responsabilidade da Igreja, voltado apenas para a elite, naquela época nem todos tinham acesso a educação.

Comenius (2001) Foi um bispo protestante, educador considerado o pai da Didática Moderna. Ele atribuiu a necessidade da afetividade no processo evolutivo. O educador é considerado o primeiro grande nome da moderna história da educação, ele não foi o único pensador de seu tempo, mas embora muito religioso ousou propor uma ruptura radical no modelo de escola até então praticado pela igreja. Num tempo onde a educação era vista e muitas vezes praticada como castigo Comenius via a criança com delicadeza e assim propôs um modelo de escola que ensinasse tudo a todos e com qualidade, incluindo os portadores de deficiência e as meninas.

O educador ressalta a necessidade da interdisciplinaridade, da importância de um educador afetivo e de um ambiente escolar arejado, bonito, prazeroso com espaço livre para os educandos sentirem-se bem e acolhidos. A prática escolar para ele, deveria imitar os processos da natureza e nas relações entre professor e aluno, seriam consideradas as possibilidades e os interesses da criança, o professor passaria a ser visto como um profissional e não um missionário e passaria a ser remunerado por isso.

Assim como Comenius no século XXI fala da importância de trabalhar com uma educação prazerosa e aconchegante, aquela que o professor tem o papel de mediar conhecimento e não de tratar de uma maneira grosseira e severa os educandos, gerando pontos negativos em sua aprendizagem. O filósofo Rousseau (1994) no século XVIII, também descreve algumas condutas que o educador deve ter perante seus educandos:

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 1994, p.23-24).

Rousseau entende que um bom educador, não deve sobrecarregar seus alunos proporcionando-lhes dificuldades no seu dia a dia, sendo severo, rude, rigoroso, mas deve agir de forma contrária a essas atitudes, oferecendo-lhes atividades que objetivam estimular à curiosidade, autoestima, a valorização de suas ideias, o bem estar de cada

um, fazendo com que estes se sintam seguros percebendo a escola como uma continuação do lar, obtendo interesse espontâneo pelos estudos.

Rousseaudizia que a infância era “um período necessário à formação do homem.” Sendo necessário observar atentamente cada aluno, assim como cada etapa do desenvolvimento do homem requer uma educação particular, também é preciso levar em conta que cada criança é um ser único e especial, que estão dividindo o mesmo espaço.

Ao analisar as raízes da vida social e emocional do sujeito e os fatores que interferem na relação entre educando e educador, percebe-se que a principal conexão emocional na primeira infância, é a afeição que a criança forma com um ou vários indivíduos do seu meio familiar. A conexão que os pais possuem com seus filhos serve como exemplo para seus relacionamentos futuros, seja no meio familiar ou em qualquer outro meio.

Crianças com comportamento seguro demonstram facilidade para compreensão de suas emoções, apresentam comportamentos amigáveis se relacionando com mais facilidade com o outro. A personalidade do indivíduo sofre influências genéticas e ambientais, o que faz cada pessoa ser diferente uma da outra, cada ser interage ativamente em seu meio social e produz seus conceitos perante as suas interações socioculturais e as influências que sofrem destas relações, o meio familiar, o escolar e os outros cenários sociais fazem parte da construção da personalidade do ser humano.

É preciso estar atento e observar que os métodos educativos utilizados pelo educador podem causar efeitos diferentes em cada criança, sendo que a personalidade psicológica de cada uma influencia de forma direta nas práticas educativas que seus pais usam. As práticas educativas desempenhadas pelas famílias sofrem influências, devendo ser entendidas e consideradas as características particulares da ocasião e dos participantes envolvidos. O processo evolutivo da individualidade e das emoções do indivíduo está ligado com os procedimentos de ensino e convívio familiar, entendendo que estes atuam de forma conjunta:

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (WALLON apud ALMEIDA, 1999, p. 45).

2 A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

“Que se destine meu aluno à carreira militar, eclesiástica ou à advocacia, pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem.”

Jean Jaques Rosseau

É na escola que a maioria dos alunos permanecem grande parte de seu tempo, este ambiente precisa ser acolhedor e oferecer às crianças a sensação de que esta é a

sua segunda moradia, não devemos separar escola e família, os ambientes em si são diferentes, mas não devem ser separados. O meio em que a criança está inserida contribui na formação do eu como pessoa por isso a importância de escola e família terem uma parceria conjunta e ativa.

Na instituição escolar além do educando adquirir novos conhecimentos, ele necessita de carinho, amor, diálogo, respeito e disciplina. O educador que conhece a importância e a necessidade do afeto no desenvolvimento da aprendizagem do educando, possui condições para uma prática pedagógica efetiva.

Segundo Almeida (1999) A afetividade é um termo amplo, que inclui sentimentos, emoções e paixões, no entanto, eles possuem especificidades: A emoção é um instrumento individual de sobrevivência, tem caráter social, sendo transformada nas interações com os outros indivíduos. Os sentimentos podem ser compreendidos como a experiência mental privada de uma emoção, são reações menos instintivas, não é algo incontrolável. A paixão só aparece quando a criança tem a capacidade de autocontrolar-se, seu aparecimento ocorre após os três anos e através dela a emoção pode ser contida. Já a afetividade é um sistema amplo que aborda várias manifestações.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (Galvão, 2008, p.61).

O educador Frances Wallon (1992) Desenvolveu a teoria de que a inteligência é organicamente social, sua teoria do desenvolvimento cognitivo é centrada na psicogênese da pessoa completa, que se caracteriza em explicar o ser humano de uma forma mais abrangente. Wallon estudando a criança, não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas diz que a vida psíquica é formada por três dimensões que atuam de forma integrada: motora, cognitiva e a afetiva que de acordo com ele vem antes da formação de diversas sensações da criança, sendo ela a mais primitiva.

Galvão (2008) analisa as fases dos estágios de desenvolvimento da criança segundo a teoria walloniana, apontando os tipos de manifestação afetiva que são predominantes, em virtude das necessidades, possibilidades e influências do meio em que a criança está inserida, estas formam o contexto essencial para o desenvolvimento humano, a criança vai interagindo com os elementos do meio, adquirindo assim, recursos para sua formação.

Galvão ressalta que a teoria walloniana é um importante instrumento que pode ser utilizado para ampliar a compreensão do professor em relação as necessidades do aluno no processo de aquisição do conhecimento. Na medida em que a teoria vai descrevendo as características de cada estágio, com isso oferece elementos para uma reflexão e busca de referências pelo educador, estimulando-o a procurar alternativas como atividades que promovam uma ligação entre as características dos estágios, tornando assim, o processo ensino aprendizagem mais produtivo e eficaz.

A forma como acontecem às etapas de cada fase do desenvolvimento, é provocada por alterações comportamentais entre uma e outra. Na visão Walloniana, essas alterações fazem parte do ser humano. O papel da afetividade nos diferentes estágios do

desenvolvimento humano é dividido em fases com predominância afetiva e cognitiva sendo elas:

Impulsivo-emocional (0 a 1 ano). Voltada para o desenvolvimento motor e para a construção do eu. A afetividade predomina orientando as primeiras reações do bebê às pessoas do seu meio, caracteriza-se uma afetividade impulsiva através de gestos, toque e olhar, sendo estes movimentos comunicativos que são interpretados pelos adultos.

Sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos). A criança começa a ganhar mais autonomia. A afetividade se beneficia da linguagem simbólica para ampliar sua ação e assim ir se apropriando das dimensões da linguagem oral e escrita. Esta é a fase da exploração, investigação do “mundo exterior”. A evolução da afetividade garantirá à criança a apropriação do universo simbólico.

Personalismo (3 a 6 anos). Ocorre o processo de formação da personalidade, a preocupação é construir-se diferente dos demais (individualidade diferenciada), surgem as atitudes de oposição e a etapa da imitação. Nessa fase se desenvolve o pensamento, na teoria walloniana surge o ideomovimento, sendo este o movimento que contém idéias. A afetividade é de forma simbólica, expressada por palavras e idéias. Neste estágio, não há necessidade de proximidade física para uma troca afetiva, podendo dar-se a distância.

Categorial (6 a 11 anos). A afetividade torna-se mais racionalizada, esta é a fase voltada para o cognitivo, a criança passa a ter interesse para a conquista do mundo exterior, para novos conhecimentos.

Puberdade e adolescência - Predominância funcional (11 anos em diante). Nesta fase ocorrem novas definições de personalidade, esta fase é caracterizada pela autoafirmação, volta a questão da construção da pessoa, nesta fase acontece a reconstrução corporal e surge a necessidade de ser diferente dos outros, mas ao mesmo tempo integrado ao meio. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona, numa retomada da predominância da afetividade.

Há momentos predominantes afetivos e outros cognitivos na sucessão de estágios, nas relações com o mundo, na construção do eu, porém afetividade e cognição se mantêm constantemente em comunicação:

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (Wallon, apud GALVAO, 2008, p.45)

A cada fase estabelece-se um tipo próprio de interações entre o sujeito e seu meio. O indivíduo reage aos estímulos que recebe seja estes do ambiente em que ele está inserido ou das pessoas que fazem parte deste. Wallon enfatiza a relação do sujeito com o meio na formação do ser humano, uma vez que o meio é que molda a personalidade.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade. (Wallon, 2008, p. 198)

Wallon vê a criança como um ser que precisa ser compreendido no momento de evolução ao qual ela se encontra. Segundo ele “desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo” (apud La Taille, 1992, p.12)

A emoção é fundamental para fortalecer a afetividade na relação entre educador e educando, é preciso manter um laço de amizade, com isso, o convívio em sala se tornará agradável permitindo que o aprendizado aconteça naturalmente.

A autoestima é resultado de estímulos e atitudes afetuosas, se esta estiver baixa, começa a aparecer problemas de aprendizagem e conflitos em sala de aula. Cury diz que “Ser educador é ser promotor de autoestima” (2003, p. 45), e esta é uma grande responsabilidade.

Ser um educador afetivo é dialogar, estimular, apoiar, ser amigo, elogiar, aconselhar. Pequenos gestos podem fazer a diferença na vida de uma criança. Cury (2003, p. 145) ressalta que “O elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos”.

Há na maioria dos casos, uma grande deficiência emocional por trás de um aluno com problemas, que precisa ser pesquisada e compreendida pelo educador. Crianças que não possuem uma boa estrutura familiar, não conseguem expressar seus sentimentos para com as demais pessoas.

Segundo Chalita: “Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado” (2004, p.162). O diálogo é de extrema importância para um relacionamento sadio em sala de aula. Sondar o aluno, não de forma invasiva, mas com cautela, compreensão e amizade é uma boa de adquirir informações valiosas sobre o que se passa com o aluno, qual seu medo, sua dúvida, sua frustração, quais são suas angústias e assim poder trabalhar de uma forma que eles possa superar desafios e vencer limites.

Colocar amor no que se faz é necessário em qualquer profissão, e em tudo queirá realizar para que se tenha um resultado satisfatório. Educadores fazem parte do processo de formação do ser humano para a vida, por isso é fundamental que estes passem amor, afeto para que seus alunos possam ter um melhor aprendizado e sercidãos colaboradores na sociedade em que vivem.

Uma dificuldade de relacionamento entre educador e aluno, por exemplo, pode comprometer o processo de aprendizagem e de avaliação em sala, se o educador não mantiver com o educando um bom relacionamento e deixar isso refletir em sua prática pedagógica e principalmente no momento de avaliá-lo, o aluno acabará sendo injustiçado e assimficando desmotivado, a escola passará a ser um local tenso e nada favorável para a aquisição de conhecimentos.

Educadores não podem permitir que uma dificuldade de relacionamento atrapalhe sua forma de olhar o educando como um ser em construção que precisa de apoio, autoestima, disciplina, mas também afeto, este transforma pessoas e muda histórias. Sendo afetivo, o educador consegue modificar a escola fazendo com que esta, torne-se um lugar acolhedor, estimulante, levando o educando a se dedicar as atividades que lhe são propostas, tendo ao fim destes resultados satisfatórios.

O educando precisa saberque tem em quem confiar alguém pra dialogar que além de um profissional da educação ali em sua frente, ele também tem um amigo. Não

podemos esquecer que professores marcam a vida de um aluno, essas marcas podem ser positivas ou negativas. Cabe a cada um escolher que lembrança quer deixar na vida dos alunos que passaram em sua vida. Acerca disto, Chalita (2004, p.154) nos faz refletir:

Quantos alunos relembram seus grandes mestres com uma saudade gostosa, de um tempo que foi importante em sua vida? E quantos há que se lembram com pavor e alguns mestres que só lhes criaram traumas, trouxeram medo e frustração? É preciso olhar os exemplos do passado para se construir um presente e um futuro melhores. Se cada professor conseguisse lembrar-se do tempo em que foi aluno, das marcas positivas e negativas, dos exemplos que eram para ser seguidos ou evitados, ajudaria muito a pensar em seu papel de educador.

Devemos fazer uma análise para vermos que tipo de educador estamos sendo, que marcas queremos deixar-nos diversos alunos que passarão por nossas vidas ao longo de nossa caminhada. É preciso rever atitudes, refletir nas práticas pedagógicas que estão sendo utilizadas em sala, procurar a harmonia num todo, assim valorizando a afetividade na escola.

Problemas de comportamento influenciam de forma negativa a aprendizagem, estes em sua maioria são causados por carências emocionais e podem ser solucionados com um simples gesto afetuoso do educador com seu educando. Entretanto, isso não significa que não se deve ser imposto limites, estes são importantes, porque a vida é cheia de regras que devem ser seguidas, a criança precisa aprender a ter limites, seja em casa, na escola ou na sociedade, deve aprender a conviver em grupo, respeitar o próximo.

A afetividade no processo educativo é de extrema importância para que a criança possa manipular a realidade e estimular a função simbólica. Ser um educador afetuoso não significa deixar que o aluno pratique o que quer para não magoá-lo, mas sim fazê-lo entender o que é bom, o que é ruim, refletir sobre determinadas situações, devemos lembrar que de nada adianta dizer que alguma ação do aluno não está correta se não explicarmos o porquê, se o contexto não fizer sentido para a criança, ela facilmente não dará importância.

É necessário dialogar, este é fundamental para que possa haver um relacionamento afetuoso e sadio entre educador e educando. A escola precisa ser cativante, um ambiente propício para o desenvolvimento do educando, é necessário haver uma relação saudável entre educador, aluno é preciso que este possa relacione-se com os demais membros do meio em que está inserido, essa relação com o meio proporciona ao aluno novos conhecimentos.

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua oposição é fixa, na escola ela dispõe ter uma maior mobilidade sendo possível a diversidade de papéis e posições. (Almeida, 1999, p. 99)

É da natureza humana procurar o que causa prazer, conforto, segurança e procurar afastar-se do que causa desprazer, tristeza, angústia. A partir do momento em que há afetividade em sala de aula, a escola torna-se um ambiente acolhedor facilitador no processo de ensino e aprendizagem. O educador, precisa ter sensibilidade e ver o aluno como um ser que necessita de carinho, amor, compreensão e disciplina.

A necessidade de amar e ser amado pelo outro requer um cuidado especial já na primeira infância na qual a criança está colocada em um universo escolar, sendo função fundamental de pais e educadores ter esta noção, de que a primeira manifestação de sentimentos com os pequenos, anterior até mesmo a alimentação, é que eles ganhem muito carinho, amor e afeto.

Outro aspecto importante a ser considerado é o estímulo que pais, professores e todos que fazem parte do meio em que a criança está inserida precisam realizar em conjunto em nossas crianças, afim destas construir uma boa imagem sobre elas mesmas, não necessitamos de separação, individualidade e sim de união, companheirismo. Cury (2003, p. 139) "A educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto".

Quando a criança cresce sobre constantes desaprovações ela tende a ser muito crítica consigo mesma, isto ocorre quando começam a surgir os famosos rótulos, estes acabam sendo interiorizados pela criança. Se a autoestima for trabalhada dificilmente essa criança terá desaprovações de si própria.

A criança assim como todo ser humano tem o direito de errar, não devendo ser julgada ou rotulada num "perfil" por que errou uma ou várias vezes por exemplo. Pais e professores devem entender que não existe ninguém perfeito, que não erre nunca e que a criança deve ser permitida acertos e erros, só assim ela estará sendo preparada para uma vida com mais segurança podendo encarar as exigências futuras da vida futura.

Uma das mais importantes maneiras para estimular os alunos e levá-los a querer cumprir desafios é proporcionar a estes atividades desafiadoras e mostrar-lhes o quanto eles são capazes de realizá-las, desenvolver atividades, dinâmicas que estreitem os laços também é essencial na prática do educador afetivo, essas atitudes colaboram para o desenvolvimento do educando e faz da aprendizagem algo natural. As crianças precisam de atividades que estimulem suas habilidades de realização, necessitam de desafios que acima de tudo os façam aprender, pensar, construir novos conhecimentos.

Entusiasmados muitos alunos chegam a escola com sua tarefa, ou atividade que conseguiram realizar em casa, sabendo que ao mostrá-la a turma e ao professor, este o elogiará, talvez o educador possa ser a única pessoa que dará importância de fato ao trabalho da criança, mas com certeza isso fará diferença na vida do educando, deixando-o satisfeito, feliz, empolgado e com vontade de querer fazer mais e ser melhor a cada dia. Este prazer que foi causado ao educando é fruto de uma relação afetuosa entre os dois.

O amparo emocional e o elogio são fundamentais, estes precisam sempre acompanhar o desenvolvimento em sala de aula. A relação em sala de aula, deve ter um caráter de confiança, segurança, cumplicidade, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar, vencendo as dificuldades do dia a dia. A escola juntamente com o educador exercem um papel de grande responsabilidade na formação do ser humano, indo além da educação, estes formam cidadãos para a vida. A respeito

disso Cury nos diz:

“Os professores são heróis anônimos, fazem um trabalho clandestino. Eles semeiam onde ninguém vê, nos bastidores da mente. aqueles que colhem os frutos dessas sementes raramente se lembram da sua origem, do labor dos que plantaram. Ser mestre é exercer um dos mais dignos papéis intelectuais da sociedade, embora um dos menos reconhecidos. Os alunos que não conseguem avaliar a importância dos seus mestres na construção da inteligência nunca conseguirão ser mestres na sinuosa arte de viver.” (2006, p. 133)

O vínculo afetivo formado, entre educador e educando beneficia nas questões pessoais entre eles, e também na formação da individualidade, na aprendizagem, no desenvolvimento cognitivo e na formação moral de cada educando, tornando-os adultos seguros, autônomos, confiantes possibilitando-os ver o mundo que os rodeia de maneira crítica.

O carinho e a atenção fazem parte da trajetória na mediação de conhecimentos sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização. No meio educacional, o educador tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, precisa se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer sua importância, acreditando na sua competência de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações beneficiam o processo de aprendizagem.

Segundo Almeida (1999: 91): “[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula.”

O educador deve ter constantemente em sua prática pedagógica além de afeto, uma “escuta sensível” para poder identificar o que seu aluno quer passar através de um simples olhar por exemplo. Muitas vezes o aluno se expressa somente pelo olhar, este revela seus sentimentos que podem ser decifrados de maneira positiva ou negativa. Assim também o olhar do educador pode ser decifrado pelo educando através do olhar, este interfere no comportamento do aluno, quando compreendido de forma negativa, provoca desconforto em sala de aula, quando compreendido de uma forma positiva trás conforto e segurança.

O professor deve considerar o conhecimento que cada aluno possui, adquirido da primeira instituição a qual frequentam chamada família. A afetividade é um sentimento construído através da vivência, da experiência, do reconhecimento, do espaço que a criança deve ter para se expressar e principalmente do respeito ao outro.

Ser afetivo não significa que durante a prática pedagógica o educador não possa por limites e regras em sala de aula proporcionando ao educando uma aprendizagem realmente significativa de qualidade e transformadora para isso é necessário conhecer o meio em que o aluno vive, saber mais a respeito de suas vivências, porém também respeitar a liberdade, individualidade e as experiências que estes trazem de casa.

Chalita (2004, p. 193) afirma que “o grande pilar da educação é a habilidade emocional”. Portanto, é impossível desenvolver habilidades cognitivas e sociais, sem trabalhar a emoção. Tratar da afetividade é levar em consideração o estado emocional em que o aluno se encontra no momento, devendo perceber as atitudes e expressões emocionais na sala de aula.

CONCLUSÃO

Pode-se observar através das pesquisas e leituras para a elaboração do presente artigo, que a afetividade a inteligência e motricidade são elementos integrados que fazem parte da evolução psíquica da criança. A existência da afetividade na relação entre educador e aluno influencia de maneira positiva no processo de aprendizagem, possibilitando ao educador melhorar suas intervenções pedagógicas e sua forma de mediação do conhecimento, fazendo com que o aluno aprenda de forma natural. A sala de aula é cheia de desafios, emoções, aprendizado e também possui conflitos. Quando o educador respeita os limites e individualidades de seus alunos, dessa forma ele está promovendo a ambos um ambiente agradável e propício para aprendizagem.

A afetividade além de ser facilitadora no processo de ensino e aprendizagem, torna possível melhorar as relações interpessoais, fortalecendo laços de amizade, permitindo existir o respeito mútuo, a confiança, a autoestima, segurança, sendo o afeto uma ferramenta auxiliadora essencial a ser utilizada pelo educador, permitindo a existência da harmonia, equilíbrio da personalidade do educando.

Pequenos gestos e palavras também são maneiras de comunicação afetiva emocional que influenciam no contexto em que a criança vive, no ambiente social, nas experiências culturais e na aquisição do conhecimento. A afetividade torna o ensino mais efetivo e a escola um lugar prazeroso, aconchegante, ela deve ser vivida por professores, pais e todos que fazem parte da dinâmica escolar, não apenas praticada em momentos específicos.

REFERÊNCIA

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- BARBOSA, R. Gomes. **A história da educação na antiguidade**. 2012. <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/3920034>. Acesso em 01/09/15
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. Os mestres dos mestres. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LA TAILLE, Y. Piaget, Vygotsky, **Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- RODRIGUES, R. GONÇALVES, J. C. **Procedimento de Metodologia Científica**. 7. Ed. Lages: Papervest, 20.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie.** Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

WALKER, D. Comenius: **O criador da didática moderna** <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/comeniusdw.html>. Acesso em 01/09/15

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO FAZER PEDAGÓGICO

Lisiane Castro da Costa¹
Renato Rodrigues²
José Luiz Ferreira de Abreu³
José Renato Rosa Machado³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre jogos e as brincadeiras que tem na sua essência a diversão e o prazer, como princípio pedagógico para a construção de conhecimentos dentro de sala de aula. Este estudo se faz com o intuito de compreender o lúdico, sua essência, importância e ação, explorando seus componentes: o jogo, a brincadeira e o brinquedo como possibilidade de formar sujeitos criativos, críticos e autônomos para atuarem em sociedade.

Palavra-chave: Brincadeira. Brincar. Criança. Jogo.

ABSTRACT

The article exposed has the objective to present a reflexion about games and plays who brings into essence the fun and pleasure, as pedagogical principle to knowledge construction inside the classroom. This study is built with understanding the ludic intention, his essence, significance and action, exploring his components: the game, the play and the toy as possibility to form creative humans, critical and independent to act in society.

Key words: Play. Playing. Kid. Game.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª fase, Disciplina TCC Centro Universitário UNIFACVEST.

² Pedagogo, Psicopedagogo, Mestre em Sociologia (UFSC), Coordenador do Curso de Pedagogia, Coordenador de Pesquisa e Extensão, Editor da Revista Synthesis, Professor da Disciplina de Didática e Orientador do Projeto de Vivência: Didática Vivenciada no Cotidiano Escolar.

³ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

A história da brincadeira é tão antiga quanto a história do homem. Não podemos dizer ao certo quando foram inventados os primeiros brinquedos.

A brincadeira e/ou jogos estiveram presentes em todas as épocas, povos, contextos de inúmeros pesquisadores, formando hoje, uma vasta rede de conhecimentos não só no campo da educação, da psicologia, filosofia, como nas demais áreas do conhecimento.

Os jogos e brinquedos, embora sendo elementos sempre presentes na humanidade desde seu início, também não tinham o significado que tem hoje, eram vistos como fúteis e tinham como objetivo a distração, o recreio.

Até o final do século XIX, a maioria dos brinquedos eram fabricados em casa, ou fabricados artesanalmente.

Nas sociedades pré-capitalistas, a produção de brinquedos estava limitada ao trabalho artesanal. Da sobra dos materiais utilizados em seu trabalho, marceneiros, ferreiros, entalhadores, etc. produziam objetos em miniatura que acabavam por se transformar em brinquedos para as crianças. Isso fazia com que alguns brinquedos, pelo material e técnica utilizados, se tornassem típicos de determinadas regiões onde aquele material era mais abundante ou onde havia tradição de determinadas técnicas de trabalho.

Desde os tempos antigos os brinquedos tiveram um importante papel na vida das crianças. Por milhares de anos crianças brincaram com brinquedos dos mais variados tipos. Bolinhas de gude foram usadas por crianças no continente africano há milhares de anos. Na Grécia Antiga e no Império Romano, brinquedos comuns eram barquinhos e espadas de madeira, entre os meninos, e bonecas entre as meninas. Durante a Idade Média, os fantoches eram brinquedos muito comuns entre as crianças.

No início do séc. XIX com o fim da revolução francesa e o surgimento de novos olhares pedagógicos, as escolas começam a trabalhar em seu dia a dia alguns princípios práticos de Froebel e Pestalozzi.

Entretanto para Fortuna (2001), é Froebel quem inicia os estudos para a evolução da criança através do lúdico. É com ele que o jogo compreendido como a ação de brincar passa a fazer parte da educação infantil, partindo do pressuposto de que a criança ao manipular materiais como bolas, cubos, brincando de montar e desmontar aprenderia as noções matemáticas como forma, tamanho e encaixe. Sua proposta curricular para a educação infantil apresentava grande relevância para o brinquedo e para o ato de brincar.

No séc. XX abre-se espaço para o crescimento da psicologia infantil, com a produção de pesquisas que estudam e discutem o ato de brincar e sua importância para a construção de representações na vida da criança. Pesquisas essas realizadas por Piaget e Vygotsky trouxeram novos pressupostos para as representações sobre o lúdico e aprendizagem infantil. (Fortuna, 2001)

Froebel contribuiu para a importância das brincadeiras livres e trouxe o jogo como parte essencial do trabalho pedagógico Segundo Kishimoto (2001, p.14) “Froebel concebeu o brincar como atividade livre e espontânea da criança, e ao mesmo tempo referendou a necessidade de supervisão do professor para os jogos dirigidos apontando questões sempre no contexto atual”.

A aprendizagem presente no jogo relacionada a questões sociais e da vida, também estão presentes nesses estudos em que ele compreende o jogo e a brincadeira como ações que estão intimamente ligadas à aprendizagem, não fazendo referência apenas a educação dita formal, que trata de conteúdos, mas também a social, já que nela a criança acaba por reproduzir situações já vivenciadas e observadas em situações anteriores. Assim em seus estudos sobre Froebel, Kishimoto (2001, p.74) afirma “Froebel entende que, nas brincadeiras, a criança tenta compreender o seu mundo e reproduzir situações da vida.”.

Representando ainda o campo filosófico Dewey, também traz suas considerações, e apresenta o jogo como forma de expressar a atividade espontânea da criança, além de ter a capacidade de unir as necessidades lúdicas da infância com aquelas que servirão para a vida em sociedade - no seu caso, a sociedade democrática. Dewey acredita que a vida social constitui a base do desenvolvimento infantil, e que cabe a escola proporcionar a criança esta aprendizagem da vida em sociedade.

Para ele a educação deve se empenhar para estabelecer a comunicação entre a criança e o seu meio. Segundo o mencionado autor, o processo de comunicação entre a criança e seu meio se dá de forma satisfatória através do jogo, quando a criança começa e se habituar às regras existentes no mesmo e, conseqüentemente, com as que irá encontrar no decorrer da sua vida na sociedade.

Para Piaget a criança participa ativamente do seu desenvolvimento. É depois do desenvolvimento que surge a aprendizagem. Inicialmente, se faz necessário que a criança amadureça para que, posteriormente, a aprendizagem venha acontecer. A maturação surge no indivíduo para que posteriormente ele possa aprender através contato com o meio social.

Como toda aprendizagem inicia-se a partir do desenvolvimento mental, Piaget criou uma classificação de acordo com a evolução das estruturas mentais humanas e de como o lúdico se manifesta em cada estágio do desenvolvimento.

A brincadeira é uma ação inerente à criança, ao adolescente, ao jovem e ao adulto. Enquanto a criança brinca, ela expressa a sua forma de pensamento, de reflexão e deixa que flua dela uma transparência dos diferentes modos de pensar e agir.

A educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações reflexivas criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço sem perder o caráter de prazer e de satisfação individual e modificador da sociedade.

Quer seja um fenômeno da vida real, hoje para a criança é uma alegria real presente e não o prometido para mais tarde, recompensa e curto prazo sem contrariedade próxima.

Ao brincar a criança trabalha fundamentalmente com memória, a imaginação e a imitação de situações já vivenciadas. Assim, o brinqueado é muito mais lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova. (VYGOTSKY, 1989, p.123)

Brincar alegre, anima, desperta nossos sentimentos, contribui para o desen-

volvimento global e para a socialização, pois dificilmente brincamos sozinhos e além disso, envolvemos várias de conhecimento. Esse deve ser o motivo pelo qual o brincar já passou por várias décadas e ainda continua presente no contexto social.

É preciso afirmar a alegria das satisfações pessoais, partindo da alegria individual, até atingir a alegria de toda coletividade num prazo bem mais longo, o futuro da nação como um objeto sério e feliz. A ação de buscar, de apropriar-se dos conhecimentos, de transformar exigem dos estudantes esforços, participação, indagação, criação e reflexão, socialização com prazer, relações que constituem a essência psicológica da educação lúdica, seu objetivo, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural e psicológico.

Enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional de esforço, sem perder o caráter do prazer, de satisfação individual e modificadora da sociedade.

2 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA PEDAGOGIA

O brinquedo é um convite a brincadeira, sendo assim, a brincadeira fundamental para o desenvolvimento infantil. Quando brincam, meninos e meninas exercitam e melhoram suas capacidades emocionais, intelectuais, motoras e sociais.

Henri Wallon defende o brincar e o brinquedo juntos como uma forma de estruturação do Eu da criança. Esse é um meio que possibilita a construção da personalidade. Quando se tem um espaço organizado para isso e a disponibilidade desse material, isso fundamentaria a fluidez das emoções e pensamentos, dando-lhe mais conhecimento para se desenvolver uma pessoa completa.

A fantasia da brincadeira permite, por exemplo, que a criança experimente novos sentimentos, reproduza situações vividas em seu cotidiano e faça, assim, um treino para a vida adulta. Ao brincar, ela desenvolve o corpo e coloca em prática de forma despreziosa o conteúdo escolar.

Brincando, jogando a criança entra em contato com as diferenças culturais existentes no grupo, resolve problemas e amplia sua forma de ver e entender o mundo ampliando seus conceitos.

Quando brinca, a criança elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e toma atitudes além do comportamento habitual de sua idade, pois busca alternativas para transformar a realidade. Os seus sonhos e desejos, criando e recriando as situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade presente em seu interior.

Vygotsky (1982) assinalou que uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar e resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia-a-dia. E para isso, usará capacidades como a observação, a imitação e a imaginação.

A criança vale-se do brinquedo para adaptar-se a um mundo fictício e social que não compreende, dessa forma ela pode reintegrar fatos, passando a representá-los em situações diferentes e, assim, satisfazer seus desejos, equilibrando-se afetiva e cognitivamente.

Tratar das definições dos elementos que, por um primeiro, olhar compõem o

universo lúdico não é uma tarefa fácil, essas definições se confundem e se entrelaçam a cada momento e cada autor que se tenta buscar e estudar. De acordo com Kishimoto (2001, p.16) o jogo pode ser visto de três formas distintas: “Como resultado de um sistema linguístico que ocorre dentro de um contexto social; como um sistema de regras e ainda como um objeto”.

Pensar na educação e seus processos pedagógicos nas salas de aula e deixá-las desvinculadas da ludicidade, nos trás a visão de que a educação e seus processos pedagógicos encontram-se desprovidos de mobilidade, clareza e prazer, ou seja, prazer de ver, ouvir, falar, ler, escrever e reescrever em sala de aula, isso significa que o processo de ensino e aprendizagem acontecem de maneira estanque, fria e sem vida aos olhos dos alunos. É preciso que o que se deve aprender dentro da escola, se aprenda de maneira agradável, sadia e feliz, é ultrapassada a ideia de que precisamos sofrer para aprender.

As mudanças sociais e consequentemente pedagógicas, os avanços tecnológicos impulsionam a escola a buscar soluções para os problemas que envolvem os processos de ensino e aprendizagem, visto dessa maneira podemos afirmar que a brincadeira tem conquistado espaço significativo em nossas salas de aula, visto que jogar ou brincar pedagogicamente permite aos educadores um trabalho harmonioso e eficaz possibilitando a produção do conhecimento, pois, a atividade lúdica constitui um dos meios fundamentais para satisfazer os interesses dos alunos principalmente em se tratando dos conteúdos programáticos, oferecendo-lhes inúmeras possibilidades educativas.

Para Kishimoto (2001), existe uma diferença do brinquedo para o material pedagógico baseado na natureza dos objetivos da ação educativa, apresentando seu interesse sobre o jogo pedagógico, quando afirma:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, à função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo (KISHIMOTO, 2001, p.83).

Neste sentido, no âmbito escolar os jogos atuam como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem, pois, fazem parte das ferramentas utilizadas pelo professor para obter sucesso em sua empreitada didática.

Sendo por meio da nossa cultura, conhecemos os jogos e as brincadeiras que foram passados de geração a geração, algumas que até brincávamos quando éramos crianças.

As crianças precisam se integrar umas com as outras, estabelecer vínculos afetivos, desenvolver o seu esquema corporal, enfim, desenvolver várias outras áreas de seu aprendizado pessoal que esses jogos e brincadeiras podem propiciar.

Quando a criança vai adquirindo domínio de seus movimentos, ela passa a imitar o outro. Esta imitação é necessária nos primeiros anos de vida da criança, o subsídio básico para o desenvolvimento da função simbólica. A construção da imagem mental está ligada a representação quando se dá por esse processo, onde representar passa a ser uma possibilidade de evocar algo que a criança percebe no mundo exterior. A criança começa a modificar sua brincadeira através do jogo, do faz-de-conta.

O professor deve estar consciente da necessidade e importância da ludicidade

também nas séries iniciais, permitindo que o educando brinque, favorecendo seu crescimento e desenvolvimento de forma significativa, percebendo que os brinquedos são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança ampliando cada vez mais seu vocabulário.

Por isso, a escola deve valorizar e resgatar os jogos e brincadeiras em seu contexto, pois assim, valoriza nossa cultura e são os valores culturais que contribuem muito para a formação dos seres humanos e que proporcionam muita alegria para as crianças. Luckesi (2000) diz que sabemos que a palavra lúdico significa brincar e é neste brincar que estão incluídos os jogos, brinquedos, brincadeiras e divertimentos que se usados de maneira correta e indutiva pelo educador poderá exercer a função de educar e oportunizar a aprendizagem do educando, seu saber, seu conhecimento se desenvolve, a sua compreensão de mundo, independente da época, cultura e classe social.

O educador que está sempre buscando aperfeiçoar seus conhecimentos, sabe que os jogos e brincadeiras fazem parte da vida da criança pois eles vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria e de sonhos, onde as realidades e o faz de conta se confundem, e que o jogo está no gênero do pensamento, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo, pois, existem hoje vastos e amplos meios e fontes de informações que podem atualizar e orientar o educador, para que o mesmo possa estar entrando com a criança neste mundo imaginário. Não podemos deixar de lembrar que a criança está sempre pedindo: “professor, vamos brincar!”

Questões como essas se faz presentes no dia a dia do educador. Mesmo que para tanto temos o mínimo de espaço possível no currículo pedagógico, por esse motivo cabe então, a todos os educadores lançarem mão de um tema importantíssimo que é a interdisciplinaridade, onde podemos envolver todos os conhecimentos e utilizar o lúdico como facilitador na aprendizagem desses conhecimentos.

Deixaremos claro que é de fundamental importância que todos nós educadores entendamos que educar não se limita apenas a repassar informações, que jogos não são somente para serem jogados, brincadeiras para se brincar, porém, são para descobrir, acreditar e aceitar que cada jogo, brincadeira ou brinquedo tem seu valor e objetivos que deverão ser discutidos, analisados e colocados em prática, oferecendo variadas ferramentas para que o educando possa escolher entre muitos caminhos, aquele que compatível ao seu potencial, anseio, e visão de mundo, pois, o lúdico é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser visto de maneira nenhuma como apenas diversão, mas sim, como motivador do desenvolvimento pessoal, social e cultural, onde colabora em parte fundamental para uma melhor preparação da saúde mental e social, facilitando os processos de comunicação, expressão e construção do conhecimento.

A questão conhecimento é sempre recolocada e, apesar das reflexões teóricas a respeito do processo educacional há muito a se rever e se fizermos um paralelo entre a educação tradicional e àquela que faz uso do lúdico tanto na formação do educador como a do aluno sempre faltará na tradicional a última peça do quebra-cabeça, pois a formação do educador envolve o lúdico que se assenta em pressuposto que valoriza a criatividade, cultivo da sensibilidade, busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos educandos vivências lúdicas, experiências corporais que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem através do lúdico.

Nesse sentido, a formação do educador, deve apoderar-se da qualidade e sustentar-se nela.

A formação pedagógica deve associar-se à formação lúdica que possibilitará em uma visão clara sobre a importância do jogo, do brinquedo ou brincadeira para suas vidas, as vidas das crianças, dos jovens e dos adultos.

Ao resgatarmos as funções do lúdico na formação do educador e na aprendizagem do educando estamos retomando a história e a evolução do homem na sociedade, pois, cada época e cada cultura têm uma visão diferente de mundo, pois a criança era considerada miniatura de adulto, ou quase um adulto. Os jogos e brincadeiras, embora sendo elementos sempre presentes na humanidade desde seu início, também não tinham a conotação que tem hoje, eram vistos como fúteis e tinham como objetivo a distração e o recreio, sendo assim, dentre as contribuições mais importantes deste estudo podemos destacar que:

As atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através destas atividades a criança se desenvolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente.

O brinquedo e o jogo são produtos da cultura e seu uso permitem a inserção da criança na sociedade;

O brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação;

O jogo é essencial para a saúde física e mental.

Formar professores com pleno conhecimento lúdico é uma tarefa árdua e difícil, pois o educador tem que ter um conhecimento profundo e acreditar que ele é capaz de conscientizar o ensino lúdico como uma forma de aprendizagem. Sabemos que hoje o lúdico deixou de ser visto como algo relevante somente na primeira infância, pois estudos e pesquisas voltadas para as áreas humanas utilizam a ludicidade como instrumento de trabalho usado por outras instituições além da escola.

Mesmo com os avanços da tecnologia, as brincadeiras ainda são utilizadas e estão presentes no cotidiano das nossas crianças, possibilitando mudanças, transformações e garantia de uma maior participação do educando no contexto social ao qual ele encontra-se inserido.

Toda atividade lúdica estimula o processo de aprendizagem de maneira agradável, porém deve ser utilizada com pesquisa e conhecimento por parte do educador para que realmente configure-se em ferramenta nas situações de aprendizagem que se concretizam em sala de aula, favorecendo o educador que ensina, o educando que se apropriará de novos conhecimentos e consequentemente de novas aprendizagens, contribuindo para a comunicação de ambos, seja ela na forma oral, postural, gestual, gráfica, etc.

A escola tem como função primordial transformar a sociedade, oportunizando aos educandos um ensino de qualidade que vise o desenvolvimento integral e harmônico de suas funções biológicas, psicológicas e sociais, visando também a formação do cidadão autônomo, crítico e responsável.

É por isso que o contexto escolar e principalmente o professor deve investir e apostar na ludicidade como fonte de aprendizado e desenvolvimento da criança além de transformar-se em um lugar agradável e de prazer de aprender, de forma que as brincadeiras e jogos permitam ao educador alcançar sucesso em sua práxis pedagógica.

Ciente da importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil, o professor deve elaborar propostas de trabalho que incorporem as atividades lúdicas. Deve também, propor jogos e brincadeiras. Não há a necessidade de o jogo ser espontâneo, idealizado pela criança.

Para que um professor introduza jogos no dia a dia de sua classe ou planeje atividades lúdicas, é preciso, que ele acredite que brincadeira é essencial na aquisição de conhecimentos, no desenvolvimento da socialização e na construção da identidade.

A atitude do professor é sem dúvida, decisiva no que se refere ao desenvolvimento do faz de conta. Destaca-se três funções diferenciadas que podem ser assumidas pelo professor, conforme o desenrolar da brincadeira:

1) Função de observador, na qual o professor procura intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos;

2) Função de catalisador (perceber), procurando através da observação, descobrir as necessidades e os desejos implícitos na brincadeira, para poder enriquecer o desenrolar de tal atividade;

3) Função de participante ativo nas brincadeiras, quando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações surgidas; (FRIEDMANN, 2004, p.59)

Apesar de o jogo ser uma atividade espontânea nas crianças, isso não significa que o professor não necessita ter uma atitude ativa sobre ela, inclusive, uma atitude de observação que lhe permitirá conhecer muito sobre as crianças com que trabalha. Podemos sintetizar algumas funções do professor frente aos jogos:

Providenciar um ambiente adequado para o jogo infantil a criação de espaço se tempos para os jogos é uma das tarefas mais importantes do professor, principalmente na escola de educação infantil. Cabe-lhe organizar os espaços de modo a permitir as diferentes formas de jogos, de maneira, por exemplo, que as crianças que estejam realizando um jogo mais sedentário não sejam atrapalhadas por aquelas que realizam uma atividade que exige mais mobilidade e expansão de movimento.

O professor precisa estar atento à idade e às necessidades de seus alunos para selecionar e deixar à disposição materiais adequados. O material deve ser suficiente tanto quanto à quantidade, como pela diversidade, pelo interesse que despertam pelo material de que são feitos. Lembrando sempre da importância de respeitar e propiciar elementos que favoreçam a criatividade das crianças. A sucata é um exemplo de material que preenche vários destes requisitos.

É também preciso permitir a repetição dos jogos. Pois as crianças sentem grande prazer em repetir jogos que conhecem bem. Sentem-se seguras quando percebem que contam cada vez mais com habilidades em responder (ou executar) o que é esperado pelos outros; sentem-se seguras e animadas com a nova aprendizagem.

Enriquecer e valorizar os jogos realizados pelas crianças. A observação atenta pode indicar ao professor que sua participação seria interessante para enriquecer a atividade desenvolvida, introduzindo novos personagens as novas situações que tornem o jogo mais rico e interessante para as crianças, aumentando suas possibilidades de aprendizagem.

Valorizar as atividades das crianças, interessando-se por elas, animando-as pelo esforço, evitando a competição, pois em jogos não competitivos não existem ganhadores ou perdedores. Outro modo de estimular a imaginação das crianças é servir de modelo, brincar junto ou contar como brincava quando tinha a idade delas.

Muitas vezes o professor, que não percebe a seriedade e a importância dessa atividade para o desenvolvimento da criança, ocupa-se com outras tarefas, deixando de observar atentamente para poder refletir sobre o que as crianças estão fazendo e perceber seu desenvolvimento, acompanhar sua evolução, suas novas aquisições, as relações com as outras crianças, com os adultos. Para tanto, pode ser elaborada uma planilha, um guia de observação que facilite o trabalho do professor.

O professor precisa ajudar a resolver conflitos, pois durante certos momentos dos jogos acontecem com certa frequência conflitos entre as crianças. A atitude mais produtiva do professor é conseguir que as crianças procurem resolver esses conflitos, ensinando-lhes a chegar a acordos, negociar e compartilhar.

Segundo Kishimoto (2001) através dos jogos cada criança terá a oportunidade de expressar seus interesses, necessidades e preferências. O papel do professor será o de propiciar lhes novas oportunidades e novos materiais que enriqueçam seus jogos, porém, respeitando os interesses e necessidades da criança de forma a não forçá-la a realizar determinado jogo ou participar de um jogo coletivo.

É de suma importância que o professor busque uma formação que contemple a ludicidade e vivenciá-la em sala de aula e também nos diversos ambientes onde a educação aconteça, significa abrir espaço para um aprendizado afetivo e prazeroso para o educando, considerando a educação como vida presente, sendo ela a melhor maneira do educador expressar sua criatividade. Sendo o educador, sujeito de sua práxis pedagógica tendo condições de propiciar ao educando a concretização do processo de aprendizagem, colaborando na formação de um sujeito crítico, dinâmico e ativo em sociedade sendo ele coadjuvante ao exercer sua cidadania.

Sendo assim, ao papel do adulto/educador se faz necessário numa vivência em todas as fases da infância, pois é importante ter atrelado ao seu autoconhecimento e autoconsciência, o conhecimento teórico. Desta forma, ele estará preparado para intervir no jogo infantil, de maneira adequada, destacando o progresso e proporcionando mais crescimento. O adulto deve ser um facilitador do jogo e não um jogador. Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

A sala de aula é um lugar para brincar, se o educador consegue conciliar o objetivo pedagógico com os desejos dos alunos. Para isso é necessário encontrar equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas e contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo. Credita ao aluno, isto é, a sua ação, à parte de responsabilidade no desenvolvimento. Mesmo procurando fazer sua parte, o educador e a escola dão e respeitam a possibilidade de que outra coisa aconteça. Brincar na sala de aula é uma aposta.

O lúdico é uma atividade mediadora na aquisição da linguagem oral e escrita. Oportunizar a reflexão sobre a prática pedagógica que é utilizada pelo educador na escola. Pode levar a constituir uma concepção de linguagem que resulte em uma prática dinâmica, onde o lúdico, a imagem e a atividade física tornar se mediadores do processo de aprendizagem nas salas de aula, seja a aprendizagem oral ou escrita e também na habilidade de ouvir, falar, ler escrever e reescrever.

Para Luckesi (2000) quando o educando depara-se com um professor onde suas aulas envolvem o lúdico, ele mantém um relacionamento mais profundo e sincero

e aproveita cada situação para debater, discutir visando a concretização de sua aprendizagem, pois, quando o aluno gosta do professor e da aula ele se esforça cada vez mais para aprender e não decepcionar. Quando a criança sente que é amada e respeitada pelo professor e pela escola, sua permanência na escola se fortalece, e só uma causa muito forte o faz abandoná-la.

Temos consciência de que quando um professor desperta no educando amor pelos estudos ele mesmo se compromete em aprofundá-los, buscando novos conhecimentos, pois, o educando vai atrás de conhecimentos mais elaborados, gosta de desafios, busca soluções para os problemas, as dificuldades, e isso acontece em todas as etapas de sua aprendizagem desde os primeiros anos até o nível superior.

De um modo geral é preciso resgatar o verdadeiro sentido da palavra escola, um lugar de alegria, prazer intelectual, satisfação; é preciso pensar também na formação do professor, para refletir cada vez mais sobre sua função. O professor não deve opor-se a liberdade do aluno, deve sim, reforçar a confiança, incentivando a autonomia do aluno para a aprendizagem no âmbito da consciência individual e coletiva, o professor deve ajudar o movimento de vai-vem entre o indivíduo e a coletividade, isto é promover a autogestão da coletividade pelo próprio aluno.

Conduzir a criança à busca, ao domínio de um conhecimento concreto, misturando habilmente uma parcela de esforço com uma leve dose de brincadeiras transformaria o trabalho, o aprendizado num jogo, bem sucedido momento em que a criança mergulha profundamente sem dar conta disso.

É preciso não esquecer que o objetivo da escola é transmitir o conhecimento historicamente acumulado e é por isso que fazemos constantemente uso da reflexão, inteligência, adaptações e a capacidade de solucionar problemas, não medindo para tanto o esforço, prazer, instrução e diversão para uma educação que será sinônimo de vida, educação para a vida.

Segundo Kishimoto (2001, p.36): “o uso do brinquedo, o jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil”.

A escola tem como função primordial transformar a sociedade, oportunizando aos educandos um ensino de qualidade que vise o desenvolvimento integral e harmônico de suas funções biológicas, psicológicas e sociais, visando também a formação do cidadão autônomo, crítico e responsável.

São lúdicas as atividades que propiciem a vivência plena do aqui - agora, integrando a ação, o pensamento e o sentimento. Tais atividades podem ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que possibilite instaurar um estado de inteireza: uma dinâmica de integração grupal ou de sensibilização, um trabalho de recorte e colagem, uma das muitas expressões dos jogos dramáticos, exercícios de relaxamento e respiração, uma ciranda, movimentos expressivos, atividades rítmicas, entre outras tantas possibilidades. Mais importante, porém, do que o tipo de atividade é a forma como é orientada e como é experiência da, e o porquê de estar sendo realizada. (LUCKESI, 2000, p. 45)

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade afluente.

3 CONCLUSÃO

Podemos dizer que as brincadeiras são um grande laboratório que merece atenção dos pais e dos educadores, pois, é através dele que ocorrem experiências inteligentes e reflexivas, praticadas com emoção, prazer e seriedade. Através das brincadeiras é que ocorrem à descoberta de si mesmo e do outro.

É por isso que a atividade lúdica intervém no aprendizado da criança na sala de aula. O jogo é agradável, motivador e enriquecedor, possibilitando o aprendizado de várias habilidades e também auxiliando no desenvolvimento mental, na cognição e no raciocínio da criança. A ludicidade precisa ser trabalhada, utilizada pelo educador na sala de aula.

As atividades em forma de jogos e brincadeiras são as que mais facilitam o desenvolvimento da criança, em virtude das oportunidades que o lúdico oferece de interação, participação e aprendizagem da criança. O jogo é um recurso metodológico capaz de proporcionar uma aprendizagem espontânea e natural.

Brincando, a criança ordena o mundo a sua volta assimilando informações e experiências, incorporando valores, reproduzindo e recriando o meio que a circunda.

O espaço da escola deve ser agradável, aberto à imaginação, a fantasia, e ao desenvolvimento pleno, respeitando-se a criança em seu tempo e em suas possibilidades de descobrir ou redescobrir do mundo onde está inserida.

No brincar está o pensamento, a valorização e o movimento, gerando canais de comunicação.

O uso de jogos e brincadeiras associadas aos objetivos traçados pelo educador, visa tornar o ato de educar mais prazeroso, concreto e real. E nada mais enriquecedor do que oportunizar as nossas crianças, atividades desafiadoras, criativas e também significativas, onde o aprender vira ofício do brincar e a vida escolar em constantes momentos de interação e descobertas.

O educador ao valorizar o ato de brincar, sem restringir-se exclusivamente ao ato pedagógico que intrinsecamente deve estar a ele ligado, auxiliam as crianças na obtenção de seu conceito de mundo, de sua individualidade e coletividade, de suas limitações enquanto ser humano social que é, e de sua ação efetiva sobre o mundo e as coisas do mundo em geral., um mundo onde a afetividade é acolhida, a sociabilidade vivenciada e seus direitos de desenvolvimento e aprendizagem devem ser acolhidos e vivenciados por todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem aos quais essas crianças são submetida diariamente.

Salientando ainda, que se as brincadeiras, os jogos, enfim, a ludicidade em sua mais variada utilização, possui o atributo de ser o vínculo que une a vontade e o prazer durante a realização de uma atividade e a concretização do conhecimento, da aprendizagem que deve ser consequência do trabalho dedicado, coerente e eficaz do educador na busca de uma práxis pedagógica voltada ao ensino e a aprendizagem de qualidade, sendo que essas ações podem e devem ser vinculadas às atividades lúdicas, enfim, da ludicidade como ferramenta, como auxílio pedagógico, para o sucesso do educador em sua empreitada frente o ensino e a aprendizagem nas séries iniciais.

A qualidade que está contida nas atividades lúdicas visam o despertar de uma escola dinâmica que em sala de aula na pessoa do professor atua de uma didática que instiga o aluno a pensar, a agir e a interagir nesse contexto com vontade de aprender e

de estar inserido a este contexto além formar um ser humano capaz de compreender o mundo e as coisas do mundo dele e dos outros.

Sendo assim, ao termino deste trabalho considera-se as brincadeiras, um excelente recurso, uma verdadeira ferramenta pedagógica nas mãos do educador, principalmente no educar nas séries iniciais, pois é nestas que a criança é menos estimulada a jogar e brincar, se na educação infantil ela brinca, joga, movimentada-se para aprender, nas séries iniciais, as atividades lúdicas são encaradas como perda de tempo, e a criança acaba tendo acesso a jogos e brincadeiras apenas nas aulas de educação física, mesmo sabendo-se que os jogos e as brincadeiras são atividades naturais da criança e, também fundamentais no desenvolvimento infantil, pois é através dele que a criança interage com o mundo.

REFERÊNCIAS

- FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 2004.
- FORTUNA, T. R.. **A Ludicidade como Ciência**. Petrópolis, SP: Vozes, 2001.
- KISHIMOTO, **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LUCKESI, C. C. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma Ludopedagogia**. 1. ed.Salvador: Gepel, 2000.
- RODRIGUES, R. GONÇALVES, J. C. **Procedimento de Metodologia Científica**. 7. ed. Lages: Papervest, 2014.
- VYGOTSKY, L. S,**A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A (IN) DISCIPLINA E SEUS IMPACTOS NA ESCOLA

Marta Ariana de Souza¹
Renato Rodrigues²
Tiago Duarte do Nascimento³
Wander Luis de Melo Cruz³

RESUMO

Este artigo refere-se as questões da disciplina e da indisciplina no contexto familiar e escolar, sendo que a indisciplina no contexto escolar prejudica o processo de ensino aprendizagem. A família e a escola não podem responsabilizar uma a outra, precisam trabalhar juntas, para resolver o problema. A didática do professor reflete diretamente no comportamento dos alunos, o professor precisar estabelecer uma autoridade saudável.

Palavras-chave: Indisciplina. Escola. Prejudicial. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article refers to issues of discipline and indiscipline in the family and school environment, and the lack of discipline in the school context affect the process of teaching and learning. The family and the school cannot blame each other, need to work together to solve the problem. The methodology of teaching is directly reflected in the behavior of students, teachers need to establish a healthy authority.

Keywords: Indiscipline. School. Harmful. Learning.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª Fase, Disciplina TCC II, do Centro Universitário Unifacvest

² Pedagogo, psicopedagogo, Mestre em sociologia Política (UFSC), pró-reitor de pesquisa e extensão, Coordenador do Curso de Pedagogia UNIFACVEST, Editor da revista Synthesis e Ensaios pedagógicos- UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Didática e Orientador do projeto Cidadão UNIFACVEST, Coordenador do projeto Horta na Escola e na Comunidade, Coordenador e Organizador do projeto Ação UNIFACVEST, Organizador geral da AEC- atividades curriculares complementares/ UNIFACVEST, Supervisor técnico dos certificados das AECs e Ações UNIFACVEST, Orientador de pré-projetos de pesquisa dos cursos de pós-graduação, professor da disciplina de Gestão e Coordenação Educacional, de Sociologia Aplicada no curso de Administração UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Metodologia de Pesquisa I e II dos cursos de pós graduação "lato sensu" UNIFACVEST.

³ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

A história da humanidade traz consigo a concepção de disciplina, todo povo ou indivíduo deveria ser disciplinado. Segundo Tiba (2006, p. 192) “apalavra disciplina carrega em si um ranço de autoritarismo e de falta de diálogo, que era comum no comportamento das gerações anteriores.” Ou seja a disciplina é vista como um modo de seguir regras e normas.

O problema da indisciplina escolar está sendo discutido com ênfase atualmente, é um fator que dificulta as atividades pedagógicas e o rendimento escolar, e prejudica efetivamente o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Chauí (2002, p. 336) “desde a antiguidade até nossos dias, encontra-se o problema da violência e dos meios para evitá-las, diminuí-la e controlá-la.” Percebemos em muitos momentos históricos o abuso do poder na busca do controle social ou da disciplina. Infelizmente essa ideia de poder e punição perduraram por séculos.

Essa ideia de poder e punição esteve presente em momentos históricos, e durou por muito tempo. Na escola não era diferente, até pouco tempo ainda havia no contexto escolar o castigo físico como forma de controlar uma sala de aula, usar do autoritarismo.

Segundo Aquino (2000, apud Manea, 2010, p. 2), “o cotidiano escolar do início do século espelhavam quartéis, onde o professor era um superior hierárquico com a função de modelar moralmente os alunos, semelhante a uma militarização, professor e alunos tinham papéis definidos.” Nesse contexto a forma de reger uma turma, era com autoritarismo. A disciplina escolar era feita por meio da violência. Quando o docente não era respeitado partia para castigos físicos como uma forma de controle, de impor respeito, um detentor. O aluno era um ser passivo. E a escola não era nada democrática. As aulas de uma fala outro escuta, o professor um detentor de saber, que disciplinava a sala de aula com o uso do autoritarismo.

De acordo Aquino (1996, apud Manea 2010, p. 2): “a democratização do ensino se deu na década de 1970, e com a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se formou, os alunos são novos sujeitos históricos.” Com esse novo sujeito histórico os alunos passam a ter mais liberdade ao que se refere de serem sujeitos ativos, com conhecimentos trazidos das suas culturas e sendo valorizados. Essa liberdade se confundiu com a liberdade de querer fazer tudo, não levando em consideração se é certo ou errado, o que de fato criou a indisciplina.

Para compreender a indisciplina pode-se partir das gerações:

Primeira geração dos avós, a segunda dos pais e professores; a terceira dos jovens. Pois, bem a primeira geração educou seus filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical: o pai no ápice e os filhos na base. A base era obrigada a cumprir tudo o que a ápice determinava. Com isso, a segunda geração foi massacrada pelo autoritarismo dos pais, e decidiu refutar tal sistema educacional na educação dos próprios filhos. Na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a permissividade. (TIBA, 2006, P. 23)

Essas crianças da geração da permissividade (permissão para fazer o que

querem), ficaram sem noção de limites, não tem responsabilidades. Reconhecem seus direitos mas não cumpre com seus deveres, acreditam que tudo podem, se tornaram indisciplinados por falta de limites, e para conseguirem o que desejam ou da forma que desejam são capazes até de usar da violência. Antes e a família e a escola eram autoritários, com as mudanças das gerações, se perde esse autoritarismo e chega a era da permissão. Que gera grandes impactos no sistema escolar, pois a criança entra na escola sem noções de limite e respeito.

À medida que a sociedade se democratiza e os instrumentos autoritários colocados por ela a serviço da escola vão sendo eliminados, a relação obediência transparece, porque as relações de fato não estão baseadas no respeito e os sujeitos não se sentem mais obrigados a cumprir regras. (AQUINO, 1996, P. 36 apud MANEA, 2010, p. 2)

O autoritarismo na escola contemporânea não cabe mais, com a extinção do autoritarismo o processo educacional tem grandes entraves, há muita falta de respeito, há violência, os alunos não obedecem, não fazem tarefas, o que implica no progresso do processo ensino aprendizagem.

Segundo Freller(2001 apud Manea 2010, p. 3) “os pais e os professores denominam como indisciplina, comportamentos marcados por agitação, movimentação, emissão de opinião, desobediência, recusa em fazer tarefas e etc.” Nesse sentido o fato de o sujeito não seguir regras e normas são concebidos como indisciplina. O que de fato prejudica o trabalho docente.

2 INDISCIPLINA: PROBLEMA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

A indisciplina é um dos problemas educacionais mais discutidos na atualidade. As instituições escolares estão deparando com esse problema que dificulta o processo ensino-aprendizagem. O problema vem se agravando de dia para dia de tal maneira que a cada momento fica mais difícil supera-lo.

A indisciplina segundo Ferreira (1986, p.595 apud Trevisol ; Lopes, 2011 p. 23)“ pode ser definido como procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião.” A indisciplina nesse contexto é um comportamento inadequado ou seja aquele que faz bagunça, que desrespeita o outro, que não tem responsabilidade, que não se interessa por nada, que não tem limites. A indisciplina de maneira geral. que não se interessa pelas aulas, não faz tarefa. Esses casos de indisciplina são comuns em sala de aula.

E adisciplina não é autoritarismo, não é uma obediência as regras como se fosse uma dominação, um adestramento. Disciplina é essencial para o convívio em sociedade, todos precisam viver bem e com qualidade. Disciplina é um aprendizado, tem que partir do professor, do aluno, de cada ser humano, sem fazer por obrigação mas sim pela consciência de estar convivendo em sociedade, com outros seres humanos.

Disciplina não é a obediência às regras, como um adestramento, mas um aprendizado ético, para se saber fazer o que deve ser feito, independentemente da presença de outros. Aliada à ética, a disciplina

gera confiança mútua nas pessoas – um dos fortes componentes do amor saudável que traz progresso à humanidade.(TIBA, 2006, p. 15)

A criança precisa ter limites e regras para conviver em sociedade, precisa situar-se como sujeito que tem direitos e deveres, o docente não precisa ser autoritário apenas estabelecer limites que são necessários a convivência humana, e o respeito pelo outro.

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo. (LA TAILLE ,2002, p.9 apud TREVISOL; LOPES, 2011, p 23)

Nessa perspectiva os pais e professores tem a obrigação de aderir algumas regras, não sendo autoritário e nem usar de castigos físicos e/ou violência, mas mostrar as crianças que se deve ter limites, que os limites são para o bem de ambas que não é apenas uma forma de retenção, é necessário para o convívio social.

Um dos problemas educacionais da atualidade é a indisciplina escolar.

Disciplina escolar, representa todo comportamento, gestos ou atitudes que fazem parte do processo de ensino e dos objetivos traçados pelo(a) professor(a), seja falar, andar, correr, agrupar, questionar, criticar e outros. A indisciplina escolar, por sua vez, representa todo comportamento, gestos e atitudes que nada tem a ver com o processo de ensino almejado pelo(a) professor(a), considerando que professores e alunos precisam ter clareza do processo e do produto das atividades escolares que realizam. Quando não há sintonia nessa relação de ensinar e aprender; quando o(a) professor(a) não tem claro o que considera disciplina; quando os alunos não percebem o sentido das atividades que realizam, vai ocorrer indisciplina.(PIROLA,2009, p. 41)

A indisciplina está presente no contexto escolar, mas as causas podem ser várias. SegundoTrevisol; Lopes(2011 p. 24) . “possíveis causadores de manifestações de indisciplina no contexto escolar é a perda de autoridade do professor, tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula.” Nessa perspectiva o problema de indisciplina não pode ser delegado aos alunos, nesse contexto o professor tem sua participação, os docentes estão desmotivados, sem animo para dar suas aulas, se torna uma aula que não desperta o interesse , são aulas que não atraem os alunos, não incentiva a participação a interação, não desperta a curiosidade, não desafia a pensar a ter vontade de apreender , dando margem para ambos se dispersarem. Com a extinção do autoritarismo se faz necessário um novo fazer pedagógico uma maneira inovadora de conquistar os alunos não mais com o autoritarismo do passado.

Os alunos tem muito mais assuntos para conversarem, se aula não for atrativa de fato esses alunos vão se dispersar vai virar bagunça e/ou indisciplina. Como se refereTiba, (2006 p. 130) “na escola , a maioria das aulas tem sido pouco apetitosa [...]

aulas insípidas, com o método um fala outro escuta, perdem para a ofertas muito mais prazerosas da sociedade.”

Obviamente que aluno ocupado com as tarefas, concentrado no conteúdo e com interesse na aula, construindo conhecimento, participa, interage e respeita. A falta de interesse pelas aulas, respeito com os outros, bagunça... prejudicam efetivamente o trabalho do professor no processo de ensino aprendizagem. Os docentes precisam superar esse problema da indisciplina para que seu trabalho tenha êxito. Nesse sentido:

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor . (AQUINO 1998, p. 8 apud TREVISOL ; LOPES, 2011, p. 26)

Decoreba não é aprendizado, o aluno que decora não aprende tudo é mecânico não tem significado. O docente deve ter consciência nesse sentido, aquela aula de um fala os outros escutam, provoca a indisciplina. Um dos grandes problemas atual da educação é a motivação, despertar a curiosidade a participação das crianças, deixar a aula produtiva não restando tempo pra desavenças e indisciplina. De acordo com Tiba (2006, p.114) “para o aluno recorrer à decoreba é porque gastou todo tempo adequado ao estudo em outras atividades [...] Se não tem o que prestar atenção em sala de aula, sobra-lhe tempo para gastá-lo em indisciplina”.

A didática do professor transforma a aula e ajuda no problema da indisciplina. Uma informação dada de forma curiosa e interessante é internalizada. Neste sentido pode-se fazer uma correlação entre o professor e um cozinheiro, do mesmo modo da informação internalizada é a comida bem feita quando bem preparada é bem digerida. “o cuidado do professor ao preparar suas aulas deveria ser equivalente ao de um bom cozinheiro esmerando-se na confecção de suas iguarias”.(TIBA,2006 p.132)

Segundo Tiba (2006 p.138) existem alguns problemas bastante comuns na sala de aula:

- Falta didática ao professor (lê livros ou velhas anotações durante a aula, fala exatamente como leu nos livros, escreve o tempo todo na lousa.)
- Discute frequentemente questões alheias a aula, como pregações ideológicas, principalmente políticas.
- É irritadiço, agressivo e mal humorado.
- É excessivamente severo (exerce o poder, não a autoridade educacional), não despertando nem o interesse nem a participação dos alunos.
- Não estabelece limites adequados e, quando atinge seu limiar, explode – e aí não escapa ninguém.
- É medroso, inseguro, emotivo e tímido.

Nessa perspectiva nota-se que o método ultrapassado do professor, com aulas de um fala outro escuta, escrita no quadro não cabe mais na educação contemporânea. São sujeitos ativos e com sede de conhecimento. Um bom professor não pode deixar que questões que não interessam a aula venha a atrapalhar, precisa ter claro o que se saber, que conhecimento é necessário naquele momento, e se desfazer do autoritarismo.

O docente tem que amar o que faz e fazer bem feito, ser alegre, ter aulas prazerosas. Ser incentivador de a participação e interação de todos, tendo diálogo. Necessariamente precisa ter autoridade educacional que é bem diferente de autoritarismo. O docente deve estar seguro quanto a sua função de educador. Como descreve PIROLA, (2009, p.34):

Ou seja, dependendo do modo como o professor lida com a indisciplina, pode distrair os alunos de suas tarefas em sala de aula. Os professores têm sido vistos pelos alunos como reatores do mau comportamento em sala de aula, por aumentarem o uso de sua disciplina coerciva, que inibe o desenvolvimento da responsabilidade nos alunos e, portanto, os distrai de seu trabalho em sala de aula., para os estudantes, os professores falham no uso de mais técnicas produtivas, tais como: discussões, recompensas por bom comportamento e envolvimento na tomada de decisões.

O aluno da atualidade não aceita uma aula com professor ultrapassado, que usa método sem atrativos, e é autoritário, não instiga o estudante a querer aprender, como uma forma de contestar a esse fato se rebelam contra o professor. “Além disso, há evidências de que o mau comportamento da classe pode associar-se à agressividade do professor”. PIROLA, 2009, p. 34). O aluno é peça-chave para o problema da disciplina escolar, ele precisa entender o que está fazendo na escola, precisa encontrar motivos para querer estudar.

O professor no desenvolvimento de suas aulas deve trabalhar os aspectos da indisciplina, uma vez apresentado não pode passar despercebido, o limite imposto deve ser bem objetivo. Um professor “bonzinho” não conseguirá dar aula, pois os alunos se acharão no direito de fazerem o que querem, o docente deve sim ter autoridade, porém autoridade saudável. Quando se coloca uma regra diante da turma, ela deve ser explícita e qual sua contribuição, não deve ser posta somente como regra que deve ser seguida, mas insistentemente favorável, que acrescente no processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva o limite representa um apoio para a relação, em cuja proteção a atenção é centrada. Por exemplo, quando um professor propõe, como regra de comunicação para a turma, que cada aluno fale de uma vez sem ser interrompido. Se essa estratégia estiver explicitamente associada às necessidades de compartilhamento e clareza das quais provem, há chance de ela ser aceita como ajuda, e não como outra imposição vinda dos adultos. (FAURE, 2005, p. 55)

Enfrentar o problema da indisciplina não pode ser deixado à responsabilidade do professor. O corpo docente da instituição precisa enfrentar junto às questões disciplinares. O docente não pode fazer o que bem entender perante o problema, jamais deve haver desavenças no sentido, tem que ficar claro que as regras não são do professor em sala e sim normas da escola, de toda a equipe escolar que deve trabalhar juntos, “a disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito” (TIBA, 2006, p.125) Nesse sentido quando um aluno tem um comportamento inadequado, não estará prejudicando o trabalho do professor e sim a escola num todo. Como se refere: Tiba (2006 p.

127)“quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola.”. Ainda de acordo com Tiba (2006,p. 125), “a disciplina é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula, e consequentemente, na escola.”

Muitas vezes a indisciplina escolar é vista apenas como um problema, sem se quer questionar as causas, é necessário fazer um diagnóstico sobre o que está de fato acontecendo de fato na escola. Todos os detalhes devem ser analisados para que não apenas julgue, sem saber a causa do problema.

A disciplina é concebida como uma qualidade, uma virtude (do indivíduo ou de um grupo de alunos) e, principalmente, como um objetivo a ser alcançado pela escola. Como decorrência, a disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada pela escola. (REGO, 1996, p. 87 apud PIROLA, 2009, p. 40)

Portanto, a escola percebe os problemas que a indisciplina traz, mas não busca aproveitar as situações. A escola deseja que todos os alunos sejam iguais, valoriza a homogeneidade, não considera cada sujeito com suas singularidades. Os professores precisam fazer com que suas práticas pedagógicas, considerem os alunos como sujeito históricos.

Os professores precisam compreender que o sentido das coisas é construído por um conjunto de representações, historicamente construídas, que vão se tornando presentes em seus discursos. [...] Pode-se dizer, portanto, que o problema da indisciplina na escola tem como seu principal determinante as concepções e representações dos professores, o que acarreta implicações para as suas respectivas práticas pedagógicas. (PIROLA,, 2009, p. 33)

Por outro lado a indisciplina não pode ser atribuída somente ao ambiente escolar. A criança vive em grupos sociais, e a escola não é a única a qual se faz parte. O primeiro grupo social é a família, logo:

Há toda uma rede social que circunda a escola: a família, as relações com outros grupos sociais, o acesso a conteúdos, imagens que são produzidos pelos meios de comunicação social, e que atuam diretamente na construção de modelos, de comportamentos a serem imitados ou reproduzidos. (TREVISOL; LOPES, 2011 P. 24)

Vale ressaltar que não há somente os fatores familiares, as relações com outros grupos que influenciam na disciplina ou na indisciplina. Os fatores sócio econômicos também são relevantes.

Os fatores “estrutura familiar” e “situação socioeconômica da sociedade” aparecem, respectivamente, como os principais responsáveis. Para os professores, as famílias jogaram o peso da responsabilidade de educar os dos professores, a realidade das precárias condições financeiras e materiais dos alunos. (PIROLA, 2009, p.30)

A família jogou para a escola a responsabilidade de educar, de formar cidadãos disciplinados, capazes de viver em sociedade. A cada dia pais e mães estão mais distantes dos seus filhos por causa da correria do dia a dia, deixando a responsabilidade de educa-lo para a escola. Porém contrapondo essa responsabilidade encontra-se o fato de a realidade educacional também não ser das melhores, porque os professores se depararam com falta de materiais e condições precárias.

Entretanto, a família tem papel importantíssimo na educação do filho, pois é o primeiro grupo social que a criança é inserida. A família sem dúvida deve participar da formação de seus filhos na escola e na sociedade. É papel da família sem dúvida, orientar as crianças para que ambas tenham noções de regras, de comportamento humano. Nas últimas gerações houve uma grande processo de mudança na educação familiar. A última geração é da permissão, os pais esqueceram dos limites e deixam a criança conceber que tudo pode, os valores e disciplina ficam de lado. Quando essa criança é inserida na escola tem dificuldades, pois tudo que faz em casa vai querer fazer no ambiente escolar. O docente não saciará todos os seus desejos e consequentemente vai ter dificuldade de ensinar a ambos os valores e limites, porém saudavelmente deve impor regras.

É essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. E para isso é necessária a presença de autoridade saudável. E o segredo que diferencia o autoritarismo do comportamento de autoridade, adotado para que outra pessoa se torne mais educada ou disciplinada, está no respeito a autoestima. (TIBA, 2006, p.24)

Nesse contexto, para que se tenha educação é preciso sim estabelecer limites, a criança precisa saber e entender o porque da disciplina, ele deve conceber disciplina para vida, sem precisar que toda hora um esteja lhe cobrando. Segundo Tiba (2006 p. 204) “Autoestima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove sua atitude. [...] é um item fundamental para estabelecer disciplina.” A criança precisa ser capaz de fazer as coisas por si só, sem a presença de adultos, seja professores ou pais.

Os pais encontram dificuldades para estabelecer limites que geram impactos.

Quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, pode ser considerado como indisciplinados. Às vezes, ficam meio confusos frente às atitudes dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros. (TREVISOL; LOPES, 2011, p. 28)

A liberdade dada pelos pais ou a falta de disciplina regida por eles geram sérios danos a vida da criança, o permitir tudo é prejudicial na vida em sociedade, nem tudo que se quer pode-se fazer. Esse querer fazer tudo sem se importar com os outros-

pode gerar a violência, pois quando quiser alguma coisa e não for atendido, o sujeito indisciplinado pode reagir com agressividade e violência.

Quando os pais deixam o filho fazer tudo o que deseja, sem impor-lhe regras ou limites, ele acredita que suas vontades são leis que todos devem acatar. Então, se um dia alguém ou contraria, esse filho pode tornar-se, num primeiro momento, agressivo, mas depois parte para a violência, exigindo que se faça aquilo que ele quer.[...] não ser atendidos nos seus mais íntimos desejos faz com que o mimado se torne na escola inicialmente agressivo e depois violento com colegas e professores. (TIBA, 2006 p. 160)

Ao pedir algo não ser atendido, passa usar a violência psíquica e consequentemente física. A violência segundo Chauí (2002, p. 336) “é percebida como exercício de força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, [...] causando-lhes danos irreparáveis [...] como a agressão aos outros.” Portanto quando uma criança mimada deseja algo que não é-lhe oferecido ela pode partir para violência psíquica e física, casos comuns em sala de aula.

Em outro extremo há os casos das crianças que convivem com pais na violência psíquica e/ou física. A criança convive com a violência no dia a dia e acreditam que por meio dela pode-se conseguir algo e adotam essa concepção para a vida, querendo com que de fato aconteça na escola. Tiba (2006 p. 160)descreve: “esses pais violentos não estão educando seus filhos, mas ensinando-os a ser violentos. Para ele, a violência é o recurso para vencer qualquer contrariedade.” Essa violência faz parte da conduta indisciplinada e gera impactos na educação escolar. Para Pirola (2009, p 22) “os comportamentos considerados indisciplinados, embora sejam, muitas vezes, caracterizados e/ou interpretados relacionados à violência, assumem a caracterização e a denominação de indisciplina”. A violência não nasce junto com o indivíduo.

A violência é um a semente colocada na criança pela própria família ou pela sociedade que a circunda. Se ela encontra terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção a sociedade. A agressividade faz parte dos recursos de defesa e/ou ataque de qualquer ser humano, praticamente desde o nascimento. A violência é o descontrole da agressividade. (TIBA, 2006, p. 159)

Segundo Tiba (2006, p. 199) “Limites e disciplina são conceitos que aprendemos depois que nascemos e alguém tem que ensina-los.” Alguém precisa ser responsável por ajudar a criança a se situar no mundo e o que precisa para o convívio humano. Precisa-se estabelecer limites e disciplina enquanto são pequenos, para poder ter uma vida digna com bom convívio em sociedade.

Sendo assim, para que o processo de ensino aprendizagem ocorrer com eficiência, se faz necessário que família e escola trabalhem juntas, cada qual exercendo seu papel, para que o tabu da indisciplina seja quebrado, e formem-se cidadãos com conhecimento e comportamento necessário para a vida em sociedade. A escola é também responsável por ensinar regras coletivas, que são valorizadas pela cultura da sociedade de que faz parte, que nem sempre são seguidas em casa. É importante para as crianças terem outros adultos como referência, além da própria família. O professor é um deles,

por isso pode causar um impulso positivo na vida do aluno.

A indisciplina não é causada por um único fator, Há vários aspectos que devem ser considerados nas causas da indisciplina.

- Distúrbios (perturbação da psique) ou transtornos (ligeira perturbação) dos alunos: [...]
- Distúrbios relacionais entre professores e alunos: educativos; entre os próprios colegas; por influência de amigos; distorções de auto-estima.
- Distúrbios e desmandos de professores.
- Método psicopedagógico. (TIBA, 2006, p. 144)

Nesse sentido não pode levar em consideração somente a conduta do professor e a educação familiar, há outros aspectos que conduzem a disciplina, é necessário considerar os distúrbios e transtornos psíquicos que também geram a indisciplina. Esses transtornos e distúrbios podem ser: distúrbios psiquiátricos; distúrbios neurológicos (hiperatividade e déficit de atenção, e dislexia), deficiência mental; transtorno de personalidade; transtornos neuróticos.

A indisciplina é um problema presente nas instituições escolares, que esta prejudicando o trabalho do docente

A indisciplina, que é complexa por essência, influi e é influenciada pelas partes e aspectos que a definem e a constituem, sendo assim, é urgente repensá-la a partir de uma visão de totalidade, que a torne envolvida com as partes e os recortes, mas sempre se considerando as partes e um todo uno, múltiplo e complexo, ao mesmo tempo, bem como a rede de relações existentes em uma sala de aula.(ALVES, 2002, p. 155 apud PIROLA, 2009, p.37).

Nessa perspectiva é necessário um olhar atencioso para o problema da indisciplina. A escola deve tomar medidas, trabalhar juntos com os pais essa situação. É preciso pensar na totalidade, em todos os aspectos possíveis e trabalhar em prol do processo de ensino aprendizagem de qualidade.

A disciplina no pode ser vista como regras a ser seguida, com autoritarismo e frustrações, a disciplina é essencial para o convívio humano, para viver em sociedade é necessário respeitar normas impostas pela própria sociedade e na escola não é diferente. O sujeito precisa compreender esse processo, onde disciplina não é uma regra imposta, para simplesmente ser seguida, ele precisa compreender a disciplina existe, para viver em bem em sociedade, e sem limites e disciplina é impossível viver em sociedade, pois disciplina ultrapassa os muros escolares, é para a vida.

É essencial que família e escola trabalhem juntos em prol da formação da criança.

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Entretanto, evidencia-se, comumente, uma confusão na aplicação desses papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral (AQUINO, 1998 apud PIROLA 2009, p. 28

Essa formação de um ser humano, que precisa do apoio e contribuição da família e da escola, ambos tem que trabalharem juntos em busca de uma educação de qualidade, buscando sempre enfrentar a questões indisciplinares juntas, não entregando uma para outra a responsabilidade.

3 CONCLUSÃO

A indisciplina escolar tem se agravando intensamente nos últimos anos, sendo notável a preocupação da docência ao que se refere a questão que deve ser analisada em seu contexto histórico e social, não a um único fator. Cada aluno tem sua particularidade que interfere na postura individual. Os relatos da falta de disciplina são intensos, a mídia mostra muitos casos, cada vez mais absurdos, e fica o questionamento do que fazer.

A indisciplina não deve ser apontada a partir do contexto familiar. A criança não pode ser vista como apenas um reflexo da família, ela precisa ser vista e considerada como um sujeito que está em processo de formação, e que tem na escola a chance de compreender o que é disciplina e o quanto é necessário para o convívio humano, e que não é uma obediência cega a regra.

Em outro extremo, é bom ressaltar a importância da posição do professor perante o problema. A culpa não é do aluno, é da sociedade que ele convive. O docente não pode jogar a culpa ao aluno, precisa rever suas concepções e metodologias. A autoridade não precisa ser imposta, necessita ser conquistada, atitudes agressivas diante a indisciplina, como expulsar da sala, tirar notas, só tendem a criar mais conflitos e transtornos. A didática do professor tem grande influência nesse processo, um professor que se dedica a sua profissão consegue trabalhar questões indisciplinares sem usar do autoritarismo, com diálogo e com reflexão sobre as entranças, conquista a confiança e o afeto dos alunos. Entretanto isso não quer dizer que não precisa de regras, ao contrário, as regras são necessárias para viver em sociedade, o professor necessita de uma autoridade saudável. O corpo docente juntamente com os alunos e pais devem dialogar sobre o problema, e juntos buscar possíveis soluções para o caso.

O problema da indisciplina escolar, precisa ser analisado com atenção em cada aspecto que contribui o seu aparecimento. É um fato agravante que prejudica o processo ensino e aprendizagem e atrapalha na formação do sujeito. Entretanto, é necessário observar cada indivíduo inserido no contexto- corpo docente, família e alunos sem generalizar. Cada sujeito tem sua singularidade, que devem ser respeitadas e valorizadas em prol de uma educação de qualidade, que busque a solução dos problemas ao invés de delegar a outros.

REFERÊNCIAS

CHAUI, M. **Convite a filosofia**. 12. ed. São Paulo, SP: Ática, 2002.

FAURE, Jean-Philippe. **Educar sem punições nem recompensas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MANÉA, E. B. **A indisciplina na sala de aula**. São Paulo, SP: UNIESP, 2010.

PIROLA, S.M.F. **As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas**. Piracicaba, SP. Universidade metodista de Piracicaba faculdade de ciências humanas programa de pós-graduação em educação, 2009.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimentos de Metodologia Científica**. 7. ed. Lages, SC: Papervest, 2014.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. Novos paradigmas .São Paulo: Integrare , 2006.

TREVISOL, M.T.C.; LOPES, A.L.V. **A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação** . Fraiburgo, SC: UNOESC, 2011.

A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Rhamona Silva Godoy¹
Renato Rodrigues²
Giselli Ventura de Jesus³
Adriano Machado dos Reis³

RESUMO

O seguinte artigo aborda a introdução da música como recurso pedagógico nas instituições escolares. A musicalidade propicia a participação, a interação, a criatividade, a autonomia do educando, formando-o integralmente. Entretanto, é necessário que a música no contexto escolar, não seja apenas concebida como lúdica mas que tenha significado para aprendizagem, para a vida, que propicie a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Musica. Escola. Aprendizagem

ABSTRACT

The following article discusses the introduction of music as a teaching resource in schools. The music provides the participation, interaction, creativity, the autonomy of the student, making it fully. However, it is necessary that the music in the school context, is not only conceived as playful but that has meaning to learning for life that would encourage the construction of knowledge.

Keywords: Music. School. Learning

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª Fase, Disciplina TCC II, do Centro Universitário Unifacvest

² Pedagogo, psicopedagogo, Mestre em sociologia Política(UFSC), pró-reitor de pesquisa e extensão, Coordenador do Curso de Pedagogia UNIFACVEST, Editor da revista Synthesis e Ensaios pedagógicos- UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Didática e Orientador do projeto Cidadão UNIFACVEST, Coordenador do projeto Horta na Escola e na Comunidade, Coordenador e Organizador do projeto Ação UNIFACVEST, Organizador geral da AEC- atividades curriculares complementares/ UNIFACVEST, Supervisor técnico dos certificados das AECs e Ações UNIFACVEST, Orientador de pré-projetos de pesquisa dos cursos de pós-graduação, professor da disciplina de Gestão e Coordenação Educacional, de Sociologia Aplicada no curso de Administração UNIFACVEST, professor titular da disciplina de Metodologia de Pesquisa I e II dos cursos de pós graduação “lato sensu” UNIFACVEST.

³ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

A música faz parte da vida do humano. Há diferentes melodias, ritmos, estilos. Cada indivíduo se identifica com um ritmo musical, com suas particularidades. Cada comunidade tem seu estilo musical predileto, curtem, respeitam e muitas letras musicais ensinam.

Os recursos pedagógicos no processo educacional estão sendo discutido na atual situação da educação. Com a tantas entraves educacionais o professor deve buscar inovar, buscar novos métodos para o processo de ensino-aprendizagem e a música é uma grande aliada nesse processo, a música contribui para a interação, participação, criatividade, criticidade, autonomia, cognição o desenvolvimento integral do educando. A música vai além de som e melodia, a música mexe com a emoção e o aprendizado se torna prazeroso.

A música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo de ensino-aprendizagem, sendo um instrumento imprescindível na busca do conhecimento, sendo organizado sempre de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva. [...]A utilização da música, bem como o uso de outros meios artísticos, pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. Para que isso aconteça, se faz necessário a revisão dos métodos, da fundamentação, das bases que orientam as várias atitudes didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares. A interdisciplinaridade ainda não se apresenta com muita visibilidade em nossa educação, tanto nas áreas de pesquisa como no ensino, o que acontece são justaposições multidisciplinares. (CORREIA, 2010, p. 139)

A música tem sua origem na pré-história onde o som da natureza gera a primeira noção de música. A palavra música é de origem grega que significa *musiké téchne*, que quer dizer a arte das musas. Na Grécia a música recebeu grande ênfase e foi atribuída a um papel educacional, onde corpo e mente em harmonia são essenciais para o processo educacional.

A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização, ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto por eles como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidos pelo estudo e pelo exercício. Para os gregos, a educação era concebida como a relação harmoniosa entre corpo e mente e seu objetivo era preparar cidadãos para participar e usufruir dos benefícios da sociedade. Na visão dos gregos, a educação possuía uma função mais espiritual do que material. Seu principal objetivo era a formação do caráter do sujeito e não apenas a aquisição de conhecimentos. (GOMES, 2010, p. 12)

Na antiguidade a música passou a fazer parte das atividades diárias, nas civilizações da Grécia, Egito e Roma. Com a queda do Império Romano, a música foi aderida pela igreja católica como sendo fundamental, interessou-se pela música e a incluiu nos cultos. Foi exatamente nesta época que começou a separar a música religiosa da música popular e seus respectivos instrumentos, na igreja somente o instrumento órgão e na música popular os demais instrumentos, flauta, harpa, sanfona entre outros.

Na igreja a língua usada na música era em latim, enquanto na música popular o dialeto local de cada povo. O surgimento da notação musical foi extremamente importante, que iniciou com neumas (símbolos que ajudavam os compositores a não esquecerem-se das músicas) e posteriormente as linhas, até as quatro linhas criadas por Guido D'Arezzo.

A Igreja, durante a Idade Média, ditou as regras culturais, sociais e políticas de toda a Europa, com isto interferindo na produção musical daquele momento. A música monofônica (que possui uma única linha melódica), sacra ou profana, é a mais antiga que conhecemos porém a música utilizada nas cerimônias católicas era o canto gregoriano.

No Renascimento a igreja tornou-se menos rígida e deu espaço para a troca de música da igreja e popular. Nesse período o humano passa a dar valor mais a si mesmo e a natureza do que somente a igreja. com esse espaço deu-se início a reforma protestante liderada por Martinho Lutero “que visando uma maior participação dos fiéis e um contato mais direto com Deus, favoreceu o desenvolvimento do coral.” (GOMES, 2010, p. 12). Neste período já se pensava em educação.

A educação preconizada por Lutero visava basicamente, à catequese do povo. Em virtude de sua importância nos cultos religiosos a música ocupa lugar de destaque nas escolas protestantes, nelas as crianças aprendiam não só a cantar, mas recebiam noções de escrita musical. (GOMES, 2010, p. 13).

A igreja católica para enfrentar o protestantismo e adquirir novos adeptos adota algumas medidas, entre elas a ordem dos jesuítas, a música foi um recurso muito utilizado pelos jesuítas no processo de escolarização europeia.

No período barroco a música instrumental ganha importância tão quanto a música vocal. Os sons de instrumentos ganham seu espaço, criando a orquestra o ballet e a ópera contribuindo para a musicalidade. O classicismo trouxe a música mais suave e estética desenvolveu-se: a forma sonata, o quarteto de cordas, a sinfonia e o concerto. No romantismo a música ganhou novo impulso, dessa vez voltada aos sentimentos, liberdade de expressão.

A música Moderna ganhou novas características, em relação as sonoridade, e a utilização da guitarra elétrica tendo o POP e o rock.

Após a descoberta do Brasil em 1500, em 1509 chegaram ao país os jesuítas. Ambos abriram as primeiras escolas, tinham como missão a catequização dos indígenas. “Entre os recursos utilizados para a evangelização dos nativos destaca-se a música, devido a forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística.”(GOMES, 2010 p. 14). Os indígenas já tinham sua cultura musical e suas características.” Eram eles músicos natos que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca bem como em comemoração a casamento, nascimento, morte, ou festejando vitórias.”(GOMES, 2010, p. 14). Os padres jesuítas aderiram a música como meio de se comunicar com indígenas, “eles usaram a musica para comunicar sua mensagem de fé”. (GOMES, 2010, p. 14).

Com a chegada dos escravos africanos ao Brasil a música recebe novas características. Junto a eles chegam também instrumentos, vindos de sua pátria, como a cuica, o ganzá, entre outras.

No Brasil existem vários estilos musicais, cada região, cada comunidade tem

seu próprio estilo. A música propicia a interação, e no processo educacional contribui em vários aspectos, interação, interesse, ludicidade significativa e desenvolvimento dos educandos.

Cada povo e época se expressou de muitas formas através da música, cada momento com suas características. Em todos os períodos a música integrou o homem, evoluiu e contribuiu para o desenvolvimento humano. Assim como o desenvolvimento da humanidade, a música embora não tenha critérios científicos, acompanha o desenvolvimento humano através das culturas.

2 MÚSICA E ENSINO-APRENDIZAGEM

A música existe no mundo todo, qualquer comunidade tem seu estilo musical predileto. Todos os povos gostam de um determinado tipo de música. Cada cultura tem sua maneira de se expressar e divertir-se através da música. A música é considerada uma linguagem universal, todo o mundo em diferentes lugares se parecia uma determinado estilo musical, que é dividido em muitos dialetos, pois cada povo e cultura tem sua forma de produzi-la, tocar seus instrumento.

A música é também considerada uma prática social, através dela os povos se unem, compartilham ideias, vivem momentos intensos e se deslocam para outros lugares para prestigiar uma boa musicalidade. Os povos se expressam através da música.

A música, como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos a sociedade que a constrói e que dela se ocupam. (Loureiro, 2010, p. 114)

A música não pode ser confundida com apenas diversão. A musicalidade invade nosso mundo, provoca emoções e sentimentos, algumas nos traz inspiração e alegria. Cada estilo musical traz consigo o seu significado, seja crítico, reflexivo ou emocional. “Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente”(SCHALLER, 2005, p. 64-69 Apud Correia, 2010, p. 135) A música como recurso pedagógico não pode ser apenas aplicada como a uma aula lúdica, tem que ir além do lúdico. Onde a aula seja gostosa mas que passe da concepção de apenas se divertir. Ela deve ser trabalhada e contextualizada em todos os contextos e disciplinas

Segundo Loureiro, (2010 p. 218), “o pouco tempo na escola reservado para a prática musical, a não ser como recreação ou como recurso didático, é auxílio imediato para a promoção de festas escolares ou para minimizar as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem”. Na maioria das escolas onde há o ensino de música, os professores continuam reduzindo-a realização das atividades lúdicas, com aspectos agradáveis, em que o produto final é mais importante do que o processo de aprendizagem, que busca como objetivo, a aquisição de um novo conhecimento.

Através da música pode-se soltar a imaginação, a criatividade, viajar na letra e na melodia. Prestar atenção numa letra musical e na sua melodia faz ir além da realidade, gera emoção, e principalmente a interação e participação dos alunos. Por isso a

música como recurso pedagógico ajuda no processo educacional.

A música no processo educacional é de suma influência, pois através dele se desperta a criatividade, o interesse e a participação dos alunos. E principalmente o ao interpretar a letra e/ou a melodia de uma música, propicia o sujeito a desenvolver seu lado crítico, extraindo da música uma aprendizagem, e não ficar somente ali na música, mas pensar além de onde veio?, porque surgiu?, qual significado? Perguntas necessárias a uma aprendizagem.

A LDB – lei de diretrizes e bases da educação.-9394/96 no Art. 26. Disserta sobre os currículos:

da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Segundo a LDB a educação deverá ter base nacional comum na educação infantil, ensino fundamental e médio, pontuando a obrigatoriedade da música como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo do componente curricular do ensino da arte.

A LDB vem assegurando que a música seja parte integrante dessa base nacional comum.

Para CORREIA (2010, p. 139) “A música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo de ensino aprendizagem, sendo um instrumento na busca do conhecimento, sendo organizado sempre de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva.” Nesse sentido a música é um instrumento imprescindível no processo ensino aprendizagem, a música não pode ser aplicada apenas como lúdica, mas também despertando a criatividade, a imaginação, a emoção e fazer com as pessoas que ouvem interpretem e interajam com a melodia e a letra.

A sociedade vem passando por intensas transformações, entre elas o avanço da tecnologia, nesse mundo globalizado as tecnologias chamam a atenção dos alunos, e estes preferem ficar nas redes sociais e jogando jogos do que irem para a escola, a escola para ambos não tem significado. A escola precisa interagir com esse avanço tecnológico “ o desenvolvimento acelerado da tecnologia dominam o cenário nacional, surge a necessidade de fazê-la interagir com este mundo globalizado, numa tentativa de torna-la mais próxima do homem” (LOUREIRO, 2010, p. 112)

O avanço tecnológico está cada vez mais em ênfase e para não perder a importância da cultura musical, se faz necessário caminhar com a tecnologia. A tecnologia proporciona o fácil acesso a informação, através da internet. Por essa razão as institui-

ções escolares, buscam novos caminhos de interação no processo ensino e aprendizagem. O docente que trabalha somente com papel, giz e quadro, já não dá mais conta do seu papel enquanto educador. A sociedade se transforma a cada momento e junto a ele os alunos também mudam.

Nesse sentido é necessário perceber a importância do educador frente a esse processo do mundo contemporâneo, que necessita buscar fontes inovadoras para dar conta do processo educacional, evitando o fracasso escolar e a evasão escolar. A cada dia a escola precisa ser renovada, ter matérias e recurso diversificados, buscando a plena interação e diálogo com seus alunos. “O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando novas práticas e um dos caminhos para tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. (LOPES, 1991. p.35 apud SOUZA, 2008, p. 5)

Uma grande característica da música é facilidade da letra e da melodia ficar anexada no cérebro. Uma boa letra e melodia musical fica na cabeça, sem perceber está cantando, no embalo do som musical, e fica na cabeça por muito tempo. Por ser predominante em quase toda a sociedade e de fácil acesso a música deve ser usada como um recurso pedagógico, pois “A música por versar sobre temáticas das mais variadas possíveis se converte em uma ferramenta de ensino multidisciplinar, abarcando conteúdos das diversas disciplinas em uma única canção” (SOUZA, 2008, p. 6). Nesse contexto ainda segundo SOUZA a música:

- Ensina vocabulário;
- Prática pronúnciação;
- Ensina cultura, civilização;
- Estimula o debate em aula (conversaão);
- Estuda as variedades linguísticas que a língua apresenta;
- Desenvolve a compreensão oral e escrita;
- Desenvolve a leitura;
- Estuda os aspectos gramaticais da língua;
- Motiva os alunos à aprendizagem da língua;

A música ensina vocabulário porque nas diferentes letras e melodias, encontra-se diferentes palavras, algumas até fora do contexto social, quando identificada uma palavra não conhecida essa deve ser pesquisada, incentivando a aquisição do conhecimento através da pesquisa.

É uma prática de pronúnciação por causa da forma como é lida. Ao ler parece um som e ao cantar se torna outro.

Ensina cultura, civilização porque é culturalmente construída. Cada povo tem seu estilo musical preferido que vem de um contexto cultural. E dá a oportunidade de conhecer uma comunidade através de seu estilo musical, pesquisando quem é aquele povo? Da onde veio? E porque esse estilo musical? Um exemplo é os vários estilos musicais brasileiros.

Estimula o debate em sala de aula, porque cada pessoa tem seu pensamento, suas particularidades, ao interpretar letra musical pode ter diferentes interpretações, que devem ser respeitadas.

Estuda as variedades linguísticas que a língua apresenta porque as diferentes

letras musicais trazem em si dialetos locais. Um objeto que tem um nome numa determinada cultura em outra pode ter outra pronúncia.

Desenvolve a compreensão oral e escrita pelo fato de muitas composições musicais terem uma sequência lógica no seu desenvolvimento.

Desenvolve a leitura porque precisa ler e interpretar, para interpretar é necessário ler e reler.

Estuda os aspectos gramaticais da língua, quando se trabalha com uma letra de música pode-se estudar a composição das palavras, plural e singular, adjetivos, substantivos, pronomes, verbos, concordância verbal, em geral a língua portuguesa.

E motiva os alunos na aprendizagem da língua, pois pode-se escrever paródias, produzir uma música, enfim explorar em todos os contextos

Os problemas enfrentados pela o uso da música no contexto escolar, é falta dela ou a pouca exploração que se pode tirar de uma aula com musicalidade. A característica da educação musical não é para formar futuros músicos, quem sabe alguns se torne, mas a ênfase é ser um recurso pedagógico para auxiliar no processo ensino aprendizagem.

A música na escola deslumbra vários caminhos, entre eles a oportunidade de conhecer os estilos musicais dos alunos e tipos de estilos musicais das culturas. Aprendendo e valorizando cada uma. Essa compreensão da existência de outras culturas que devem ser respeitadas contribuem para a formação do cidadão não somente dentro da escola, mas também fora dela.

Os valores atribuídos a música parte da prática pedagógica, o docente deve ter claro os valores da musicalidade. Quando a teoria une a prática, e se concebe um aluno que devem pensar, refletir, ser autônoma e respeitar a cultura a música se torna um excelente recurso pedagógico, porém quando não tem valor apenas vira uma cantoria sem fundamento.

Esses valores atribuídos à música sofreram modificações no processo educacional, portanto na contemporaneidade não pode se considerado apenas lúdico. Para LOUREIRO, (2010. p.110), “valores atribuídos a música sofreram modificações, alterando concepções de ensino e exercendo influência sobre o conteúdo a ser ensinado.” A cada avanço da sociedade, e as concepções de ensino e aprendizagem os significados da educação e da educação musical avançam em busca de uma educação de qualidade.

A musicalidade no contexto escolar depende da posição de quem está aplicando no contexto escolar.

faz-se necessário considerar que em toda prática educacional estão refletidos os valores e crenças de seus agentes. Nesse sentido, se esses valores ou crenças não estiverem fundamentados, eles poderão facilmente ser transformados ou subjugados a pressões externas. A convicção e clareza com que determinados valores são estabelecidos e assumidos são de fundamental importância pois, com base neles, de modo consciente ou inconsciente, as práticas educacionais são efetivadas. Portanto, subscrever um valor falso para a educação musical como, por exemplo, transformando-a em algo lúdico e passageiro, pode não só trazer prejuízo ao educando como também para a própria educação musical. (HENTSCHKE 1991, p. 58-60 apud LOUREIRO, 2010 p. 111)

Nesse sentido a cada momento é necessário repensar como a musicalidade

pode favorecer no processo ensino e aprendizagem, não deixando-a apenas virar um momento lúdico.

Quando o docente for utilizar a o recurso pedagógico musica, precisa fazer um diagnostico do estilo de seus alunos. Não adianta planejar uma aula com uma musica de valsa, se na realidade o aluno gosta de sertanejo. É necessário que respeite os gostos dos alunos para que daí a aula seja proveitosa.

Para LOUREIRO, (2010, p. 116) “cabe ressaltar que na construção de significados musicais estão relacionadas tramas sociais que envolvem gostos, preferencias, estilos de vida.”

Procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos. Loureiro, (2010, p. 124 apud PCNs- Brasil 1998, p. 79)

Se situar na atualidade, faz-se preciso rever os caminhos para que a educação seja de qualidade e que a educação musical seja utilizada nesse processo. A educação deve partir dos conhecimentos e experiências de que os alunos já sabem, portanto a musica no contexto escolar em formação de um sujeito, seja compreendida de modo que parta da experiências dos alunos, dos conhecimentos que trazem da suas culturas, pois a musica faz parte de todas as culturas.

A educação que parte da formação do sujeito integral, não pode se desfazer de recursos inovadores, a cada dia é necessário que renove a prática pedagógica .

No contexto de uma educação voltada para a transformação social, a educação musical centra-se na busca do equilíbrio entre o didático e o artístico, propiciando ao aluno a aquisição do conhecimento musical organizado e sistematizado, ao mesmo tempo que favorece o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da sensibilidade. Uma educação musical inserida na formação integral do individuo. (LOUREIRO, 2010, p.128)

A educação musical deve ser atribuída como auxiliadora da formação integral dos alunos, buscando ter um equilíbrio entre o artístico e o didático. Artístico porque é uma arte, e tão necessário quanto pinturas. Didático porque através da musicalidade tem uma aprendizagem.

Na sociedade em geral, for do contexto escolar, a música se faz presente no dia a dia, seja só instrumental com canto, com dança entre outros aspectos. Cada aluno tem sua preferencia, sua cultura musical. Além de promover a emoção a criatividade, através da música pode-se trabalhar o movimento é que é de suma importâncias para o desenvolvimento integral

a educação musical não poderia estar dissociada das praticas cotidianas dos alunos, uma vez que atividades musicais que envolvem o canto, a dança, o movimento e a improvisação já fazem parte do ambiente de crianças e jovens, seja no ambiente familiar ou fora dele. São mani-

festações de grande valor que merecem ser consideradas na formação cultural e educativa dos alunos, dessa forma, com reais possibilidades de constituírem uma vertente fundamental do ensino e de igualar-se as demais disciplinas do currículo escolar. (Loureiro, 2010, p. 144)

A formação integral também busca entender quem é esse aluno, precisa ajudar a situar-se no mundo, valorizar a vida, a escola também tem a função de agregar valores a vida dos alunos. Segundo Loureiro, (2010 p. 152) “buscar na música a essência da vida. E a música pode proporcionar, por meio de vivências claras e profundas, experiências e conhecimentos significativos.”

A educação musical propicia a criticidade, através dela o aluno pode conhecer sua realidade social, lendo boas letras musicais, muitas falam sobre a vida, das dificuldades. Para Loureiro, (2010 p. 181) “ a escola, por meio da educação musical, pode ajudar o aluno a enxergar a realidade além da qual ele vive, ajuda-lo a desconfiar da mídia criticando-a.” muitas letras musicais trazem a percepção de que tudo é perfeito, mas todos sabemos que nem tudo é perfeito.

Porém, sabendo que a música contribui para criticidade, a criatividade, não pode-se deixar de lado a contribuição na cognição. Pois através dele com a posição do docente perante o recurso pedagógico a música pode-se tirar da música muitas aprendizagens. “Além de provocar emoção, a música exerce papel fundamental na cognição”. (CORREIA, 2010, p.136)

Na atualidade tem se falado muito sobre a interdisciplinariedade no contexto escolar e a não fragmentação das disciplinas escolares. A música auxilia nesse processo, pois através dela se trabalha com todas as disciplinas, uma puxa a outra. A música faz parte do processo da humanidade e todas as culturas têm seus estilos musicais.

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Ela é componente histórico de qualquer época, portanto oferece condição de estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história. Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais. O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como: na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico, saúde e outras. Os currículos de ensino devem incentivar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades. [...] A utilização da música, bem como o uso de outros meios, pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. [...] A prática interdisciplinar ainda é insípida em nossa educação (CORREIA, 2010, p. 84-85).

Sendo uma barreira quebrar a fragmentação do ensino, a música pode promover um caminho, onde se busque a origem e qual os primeiros povos, na aula de história, busque a localização na aula de geografia, conhece os instrumentos musicais e se tenha um conhecimento de tamanho e formas na aula de matemática, na aula de ciência saber do que são feitos esses instrumentos, qual a matéria prima? E assim segue, como mencionado anteriormente a prática depende da posição do docente frente a educação musical.

Fazer com que os alunos pensem e reflitam é tarefa do educador, os alunos precisam perguntar e pensar ao invés de ganhar tudo pronto. Quando o professor propõe atividade de paródia, dá a oportunidade do aluno recrear a letra musical através de sua criatividade, colocando ali o que pensa, o que é mais relevante naquele momento. Desenvolver as ideias é essencial.

Para instigar a criatividade, é necessário provocar os alunos com pensamentos instigadores. Uma boa estratégia é transformar as informações em projetos que a turma poderá desenvolver. Nesse caso os estudantes poderão desenvolver suas ideias ao invés de recebê-las prontas. Além disso, é importante fazer com que o educando – num primeiro momento – internalize os conteúdos, sejam eles de várias naturezas, e posteriormente externalize-os, sendo que um instrumento eficaz para tanto pode ser sugerido por meio da música e seus elementos inter e multidisciplinares, bem como a aplicação de sua natureza emocional e racional, as quais proporcionam a criatividade, fazendo a elaboração e (re) elaboração dos saberes e conseqüentemente sua interferência no processo ensino-aprendizagem. (CORREIA, 2010, p. 140)

O que se aprende na escola só tem significado quando é levado para a vida. Levar para a vida significa aprender de fato. Este aprender necessita de caminhos diferentes, precisa de recursos que propiciem a interação e a vontade de aprender dos alunos. A música faz com que o aluno pense, recree, associe a sua vida fora da escola e queiram estar na escola.

Sem dúvida “A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões.. A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um.” (Correia, 2010 p. 142)

O processo educacional precisa acompanhar a formação dos sujeitos, as mudanças da sociedade influem muito na educação escolar. Para ter um bom progresso na busca da educação de qualidade é necessário rever conceitos e buscar métodos e recursos novos, para a prática pedagógica para que os alunos permanecem na escola, e que se formem integralmente.

Trabalhar com a música se torna essencial, quando ela perpassa a concepção de apenas ludicidade, precisa ser interpretada, instigada, se perguntar porque aquele estilo aquela letra, letras alegres, letras tristes, melodias que ficam na cabeça, que não são esquecidas, se perguntar de cada detalhe. Esse é o papel do educador mediador, fazer com que o aluno pense, interaja, queira saber mais e mais, e atue como mediador de conhecimento, deixando os alunos construírem seus conhecimentos, conhecimentos necessários a formação integral do ser humano.

3 CONCLUSÃO

A música é um recurso pedagógico que auxilia no processo de ensino aprendizagem, com os novos caminhos da educação e com o avanço tecnológico, não é fácil acompanhar o processo dos alunos, por isso se faz necessário introduzir no contexto escolar novos métodos e recursos, somente quadro, giz e papel não dão mais conta

da aprendizagem dos alunos. É preciso que os alunos tenham interação e vontade de aprender e principalmente que a educação escolar tenha significado para a vida.

A música faz parte de todos os povos cada um com seu estilo e preferência, até mesmo em caráter religioso. Ela fica armazenada no cérebro e quando fica armazenada jamais é esquecida. Sem perceber ficamos com a melodia musical registrada na cabeça.

Quando a musicalidade é utilizada como recurso pedagógico, propicia a interação, a criatividade, a participação dos alunos, propicia o movimento através da dança e o docente consegue fazer com que a aula tenha qualidade, alcançando o objetivo da educação que forme o aluno integralmente.

Entretanto é preciso ter cuidado para que a música não seja só um momento lúdico, a musicalidade vai além da ludicidade. Toda letra ou melodia tem um significado que deve ser abordado. Respeitar os alunos e suas preferências é importante para que se tenha um bom convívio, e que realmente a música na sala de aula seja aproveitada da melhor maneira possível. Ressaltando que a musicalidade no contexto escolar não é dirigida para formar cantores, quem sabe alguns serão, o objetivo é construir conhecimento.

Quando o docente considera todos os aspectos da musicalidade, tende a auxiliar no processo de ensino aprendizagem. A música não pode somente ser cantada, ela precisa ser interpretada, precisa ter significado e aprendizagem. De forma que trabalhada em prol da construção do conhecimento, há interação e participação.

Aplicabilidade da música do contexto escolar só tende a auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, é uma maneira nova de aprendizagem, que pode ser trabalhada em todas as disciplinas, perpassando a concepção apenas de ludicidade, buscando sempre a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996

CORREIA, M. A. **A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação**. UFPR. Curitiba, PR, 2010.

GOMES, I. R. T. **Música: a importância pedagógica para o ensino fundamental**, Salvador, BA, 2010.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. 7 ed. Campinas-SP: Papirus, 2010.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimentos de Metodologia Científica**. 7. ed. Lages, SC: Papervest, 2014.

SOUZA, E. **A música no contexto acadêmico: um instrumento didático**. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Natal, RN,

O RESGATE DAS BRINCADEIRAS ANTIGAS NA ESCOLA

Roselita Pelozatto¹Viviane Grassi²Renato Rodrigues³Daniela Waltrick de Sousa⁴Fábio Macedo de Castro Faria⁴**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo ressaltar que as brincadeiras antigas ainda exercem uma função importante no desenvolvimento das crianças. A finalidade de resgatar as brincadeiras do passado para a realidade escolar é fazer com que as crianças vivenciem o desenvolvimento harmonioso que as brincadeiras trazem, tanto no aspecto, físico, moral, cognitivo, e social. Promovendo um equilíbrio entre os brinquedos modernos e tecnológicos e as brincadeiras.

Palavras-Chave: Brincadeira. Antigas. Criança. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to highlight that the ancient games still play an important role in the development of children. The purpose of rescuing the games from the past to the school reality is to get children to experience the harmonious development that the games bring, both in appearance, physical, moral, cognitive, and social. Promoting a balance between the modern and tech toys and old jokes.

Keywords: Play. Old. Child. Development.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, 8ª Fase, Disciplina TCC II, do Centro Universitário Unifacvest

² Mestra em Direito, Professora do curso de Direito do Centro Universitário Facvest - UNIFACVEST

³ Pedagogo, psicopedagogo, Mestre em sociologia Política (UFSC), Coordenador do curso de Pedagogia, Pró-reitor de pesquisa e extensão, editor da revista Synthesis, professor da disciplina de Didática e orientador do projeto de vivências: didática vivenciada no Cotidiano Escolar.

⁴ Revisor do artigo. Professor do Centro Universitário UNIFACVEST.

1 INTRODUÇÃO

As brincadeiras tradicionais existem há séculos e são passadas de geração para geração não se tem registros exatos, de quando e onde surgiram as brincadeiras antigas. Algumas das brincadeiras são trazidas do folclore, contos, lendas e histórias. A hipótese mais provável é que algumas das brincadeiras antigas foram trazidas pelos colonizadores no século XIX, outras já faziam parte da nossa cultura como por, exemplo as cantigas de roda. Assim, num breve passeio ao passado das brincadeiras tradicionais podemos descobrir grandes riquezas culturais, pouco usadas nos dias atuais. Essas brincadeiras sofrem variações ou modificações de acordo com a região do Brasil.

Não se conhece a origem destes jogos seus criadores são anônimos, sabe-se apenas que são provenientes de práticas abandonadas por adultos de fragmentos de romances, poesias, mitos, e rituais religiosos. A tradicional idade destes jogos assenta-se no fato de que povos distintos e antigos como. Gregos e Orientes brincavam de amarelinha, empinar pipa, jogar pedrinhas até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Estes jogos foram transmitidos de geração para geração através do conhecimento empírico e permanecem na memória infantil. (Kishimoto p, 38, 1996).

Através das brincadeiras antigas que a criança desenvolve seu convívio social com outras crianças, ela participa, cria, recria, adquire autonomia, e se movimenta, pois o movimento é essencial na formação infantil.

O conceito de infância é fruto de uma construção social, porém, percebe-se que sempre houve criança. Mas nem sempre infância. Sabe-se, que antigamente o sentido de infância era inexistente. Segundo Áries até o século XV não existia infância, mas adulto em miniatura, as crianças dessa época participavam de toda a vida adultos, a sociedade foi se transformando e nesse sentido a infância foi sendo valorizada. Com a valorização da afetividade nas famílias, a educação começa também a ser valorizada, antes a educação das crianças era feita no meio dos adultos, começa a ser repassada para as escolas.

As crianças então foram separadas dos adultos até estarem “APTA”. Prontas para viverem em sociedade. (ARIES, 1989). Ao longo do século XX a infância foi produzida e evoluiu de diferentes formas. Sobre a influência de diferentes pedagogos e educadores.

“A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em sociedade na qual partilha de uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (Brasil 1998, p, 21). O atendimento institucional à criança pequena no Brasil e no mundo, apresenta ao longo de sua história concepções bastante divergentes sobre sua finalidade social. “Cuidar significa por tanto propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizado orientadas de forma integral e que possa contribuir para o desenvolvimento da criança”. (Brasil, 1998, p.17).

Na atual sociedade em que vivemos onde a violência e os distúrbios da aprendizagem se fazem presentes em nossas crianças. Observa-se a importância das brincadeiras antigas, considerado que as brincadeiras desenvolvem o raciocínio, as habilidades das crianças, e a interação social entre elas. O grau de compreensão das crian-

ças em relação às brincadeiras antigas poderia resgatar valores culturais e melhorar o desenvolvimento da aprendizagem nas escolares. Sendo assim, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos, físicos, psicológicos, intelectual, e social, completando a ação da família e da comunidade.”(LDB 9394/ 96, art. 29). Nessa perspectiva as brincadeiras antigas como brincar de roda, de bambolê, pega-pega esconde-esconde... é tão necessária como montar blocos lógicos.

Usar as tecnologias é necessário, pois o mundo contemporâneo é tecnológico, e cada vez mais avanços tecnológicos, o que deve se fazer é, usar a favor do processo de aprendizagem, fazendo com que as crianças aprendam mais e melhor é de suma importância para seu desenvolvimento, porém sem deixar morrer a cultura do brincar nas ruas parque de brincadeiras que possibilitem a ela um desenvolvimento sadio e harmonioso.

O brincar é educativo quando o professor trabalha a partir de uma simples brincadeira, noções matemática, cores, coordenação motora, espaço, sem impor nada à criança, ela brinca e ao mesmo tempo aprende. No entanto observa-se que o contato das crianças com brincadeiras antigas vem perdendo espaço para os jogos virtuais que muitas vezes são violentos e não educam, cabe a escola e a sociedade buscar meios de transformar o espaço escolar agradável, e as brincadeiras antigas entram agregando valores para o bom desenvolvimento das crianças. Possibilitando um equilíbrio entre a tecnologia e as brincadeiras antigas.

É através das brincadeiras que as crianças desenvolvem o convívio social que hoje não se faz mais presente. Observa-se que as crianças estão ficando acima do peso por falta de movimentar-se, ao ficarem jogando no vídeo game, computador e tablete as crianças não se movimentam. De certa forma as crianças já não brincam coletivamente como no passado. A escola é o lugar onde a criança convive com outras culturas, aprende a respeitar a si e aos outros. Cabe a escola buscar maneiras adequadas para envolver essa nova geração, fazendo com que tenham gosto por brincadeiras antigas.

As transformações da sociedade e a revolução industrial influenciaram na maneira de viver. As crianças de hoje moram em prédios que muitas vezes, não tem área de lazer isso propicia o desinteresse interesse nas brincadeiras populares. Antigamente as crianças não tinham tantos brinquedos, e as brincadeiras de rua eram bem aceitas pelas crianças, tinham-se mais espaços nas calçadas e parques. Quando a criança chega à escola ela já traz consigo um conhecimento construído com o convívio familiar e cultural. O professor deve estimular a criança para que ela construa novos saberes, através das brincadeiras.

Para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizado e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança aprende de modo intuitivo adquire noções espontâneas, em processo interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolverá. (Kishimito, 2000, p. 36)

As brincadeiras antigas além da competição desenvolve a imaginação da criança proporcionando a socialização entre a criança e o mundo. Estimula o ritmo, o movimento, trabalha o equilíbrio e a emoção. A brincadeira é muito importante na

formação da criança tanto intelectual como moral, pois é através das brincadeiras que se estabelecem regras de convívio social.

2 A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA ESCOLA

O conhecimento circula em diversos espaços nas televisões, jornais, revistas e livros, mas a escola continua sendo espaço de troca de conhecimento. É na escola que a criança convive com outras culturas e aprendizados independente de classe social.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o não brincar. Se a brincadeira é uma opção que ocorre no plano da imaginação isso implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Toda e qualquer brincadeira é uma imitação da realidade isso significa que quando uma criança bata os pés no chão e imagina-se cavalgando ela esta fazendo uma imitação do real. No ato de brincar, os sinais os gestos os objetos utilizados, valem e significam outra coisa daquilo que representam.

Através das brincadeiras as crianças desenvolvem a linguagem oral, a atenção o raciocínio e as habilidades.

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papeis na brincadeira as crianças age frente á realidade de maneira não-liberal transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos” (BENJAMIN, 1984,p.56).

“A brincadeira favorece a autoestima das crianças. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido.” (Macedo, 2014). O educador deve ter o cuidado para que as brincadeiras e os jogos, não passem a idéia que sejam apenas diversão e que não proporcionem qualquer significado. Podem-se utilizar brincadeiras especialmente as que possuem regras, como atividades didáticas. Observando sempre se a criança esta construindo o aprendizado e construindo o conhecimento através das brincadeiras.

Houve um tempo em que era extremamente nítida a separação entre brincar e o aprender. Os momentos de uma atividade e os momentos de outra eram separados por rígido abismo e não se concebia que fosse possível aprender quando se brinca. (ANTUNES apud MACEDO, 2004,p. 11)

A criança muitas vezes não alcança um determinado rendimento esperado. E apresenta alguma dificuldade de aprendizado, nesse caso a brincadeira é uma ferramenta pedagógica essencial para estimular o desenvolvimento da criança.

Através da brincadeira ela consegue relacionar o objeto com a matéria que o educando esta ensinando. Muitas crianças têm dificuldade de linguagem, ela pode ser estimulada com brincadeiras populares que fazem uso da linguagem, por exemplo, cantigas de roda. As brincadeiras deveriam ser estimuladas em toda fase da criança, quando a criança brinca, sem saber fornece várias informações ao seu respeito, o lugar onde ela mora sua cultura. É brincando que a criança aprende a respeitar a si e aos

outros, a atividade lúdica permite que a criança se prepare para a vida, e o professor é o elo entre a brincadeira e a aprendizagem. Na tentativa que a criança faz de assimilar uma realidade e, não possuindo ainda estruturas mentais plenamente desenvolvidas, ela passa a reconstruir seu universo através das brincadeiras dos jogos.

Quando a criança brinca com os objetos existentes nas brincadeiras e nos jogos, a criança pode lidar com o significado das palavras por meio do próprio objeto concreto embora a criança ainda não possua linguagem gramatical, ela consegue relacionar as palavras com os objetos. As brincadeiras antigas estimulam o equilíbrio, coordenação motora, os aspectos moral físico e intelectual.

De acordo com o Referencial curricular nacional educação infantil (Brasil, 1998, p. 23)

Educar significa, portanto, propiciar situação de cuidado, brincadeiras, orientadas de forma integrada e que possa contribuir para o desenvolvimento as capacidades infantis de relações interpessoais de ser e estar com outro em atividade básica de aceitar, respeito e confiança e o acesso pelas crianças ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultural.

Através das brincadeiras antigas podemos desenvolver o respeito pelo colega isso pode contribuir para a diminuição da violência nas escolas. O professor interessado em promover mudanças poderá encontrar nas brincadeiras uma proposta importante que contribuirá para diminuir os altos índices de fracasso escolares.

A atividade lúdica permite que a criança se prepare para a vida. E o professor cria o elo entre a brincadeira e a aprendizagem. Mas devemos ter o cuidado para que as brincadeiras não sejam vista apenas como passa tempo, mas que tenha propostas concretas de aprendizado. A brincadeira passa a ter mais significado quando o professor propicia um trabalho coletivo de forma que todos possam participar, dando a oportunidade das crianças construírem as brincadeiras que mais lhe agradem. Talvez essa seja uma forma de socialização, é através das brincadeiras que as crianças aprendem a perder e a ganhar, e cabe ao educador mediar essa situação para que não haja conflitos entre as crianças.

Resgatar as brincadeiras antigas e jogos é de suma importância para expressar a cultura, e mostrar para as crianças que brincadeiras do passado pode fazer parte do nosso presente e que o prazer de brincar não muda pode passar varias gerações.

Com a ampliação do ensino fundamental para nove anos surge a preocupação que crianças de seis anos estarão no primeiro ano. Mais do que nunca devemos investir em horas lúdicas para essas crianças continuem com o direito de brincar. Pensar nessas mudanças requer reflexão sobre o desenvolvimento das crianças no futuro.

Quando apresenta para a criança brincadeira que estimula suas habilidades propicia a essas crianças conhecimento e aprendizagem, pois ela terá desafios novos como os jogos de raciocínio. As brincadeiras também promovem, de forma agradável o crescimento emocional e social. Pois, as brincadeiras possuem regras elas aprendem a ganhar e a perder.

Pode-se observar o comportamento da criança com uma simples brincadeira de faz-de-conta se essa criança teve algum tipo de violência física o professor pode observar através da brincadeira. Pois a psicologia nos mostra que o professor pode fazer

uso das brincadeiras para conhecer melhor suas crianças.

A criança é um ser social e histórico e faz parte de uma determinada organização social que é a família na qual esta inserida, pesquisas realizadas na década de 1970 mostram que as crianças podem aprender mais sobre qualquer coisa, mas para que isso aconteça e preciso que haja condições adequadas para o bom desenvolvimento das atividades que o educador desenvolve com as crianças. A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças ambientes arejados e com bom espaço, para que haja desenvolvimento e aprendizagem.

O brincar constitui-se em um patrimônio lúdico da humanidade e aqui no Brasil temos um conjunto de brincadeiras que revelam a cultura de cada região. A nossa sociedade tem sido muito influenciada por culturas importada. O mercado de brinquedos industrializados afastam nossas crianças das brincadeiras espontâneas na qual se brinca, com outras crianças sem o uso de brinquedos, (objeto) e assim se perde o contato com outras culturas tão importante no desenvolvimento integral da criança.

Compreender, conhecer, e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc.. Possam, ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser crianças, eles permanecem únicos em suas individualidades e diferenças(Brasil, 1998, p.22)

O ato de brincar os gestos os sinais é o canal de expressão, da linguagem das crianças. As brincadeiras favorecem a auto-estima das crianças. O professor interessado em mudanças pode encontrar metodologias através das brincadeiras e assim desenvolver a verdadeira aprendizagem. É através da brincadeira que a criança cria um canal de expressão entre o real e o imaginário, e importante que cada educador conheça o potencial de cada criança, e trabalhar á partir desses potenciais para alcançar os resultados desejados.

A criança que tem alguma dificuldade de comunicação o educador pode trabalhar brincadeira que desenvolva a linguagem como teatro. Envolvendo todas as crianças para que nem uma delas se sinta excluídas. O bom do brincar é que ás vezes as criança ganham outras elas perdem, e assim através das brincadeiras e principalmente as brincadeiras antigas as crianças criam um convívio social entre o grupo com respeito e afetividade.

No entanto observa-se que o contato das crianças com brincadeiras tradicionais vem perdendo espaço para os jogos virtuais que muitas vezes são violentos e não educam. Assim as crianças vão perdendo o convívio social com outras crianças e outras culturas tão importantes para o desenvolvimento intelectual delas.

O jogo tradicional infantil é um tipo de jogo livre espontâneo. No qual a criança brinca pelo prazer de o fazer, por pertencer a categoria de experiência transmitida espontaneamente conforme manifestações internas da criança ele tem um fim em si mesmo e preenche a dinâmica da vida social, permitindo alterações e criações de novos jogos (Kishimoto 2000,p.16)

O professor deve incentivar as crianças através das brincadeiras mais antigas para que elas descubram um mundo novo de conhecimentos que muitas vezes são esquecidas pelas escolas. As crianças podem ter acesso a novas tecnologias, mas também não deixar morrer a cultura das brincadeiras do passado que são brincadeiras saudáveis que possibilita a crianças a novas descobertas, além de desenvolvimento físico, intelectual, motor e o convívio social.

A criação de projetos com brincadeiras antigas e espaços lúdicos deveria fazer parte das propostas pedagógica de qualquer escola e não só dos centros de educação infantil.

Segundo Friedman, (2004, p, 162)

Tomar consciência desse processo requer, na verdade, mudanças em cada um de nós. Essas mudanças, porém não acontecem de forma automática são necessárias vivências pessoais para resgatar e incorporar o espírito lúdico em nossas vidas.

Não pode apenas exigir das crianças que nasceram em uma era tecnológica saibam brincar com brincadeiras antigas, devemos ensinar a brincar com brincadeiras saudáveis. A violência no espaço escolar é estimulada porque às crianças na hora do recreio não tem nada para fazer. Oferecer espaços adequados para o desenvolvimento de brincadeiras que permitam à criança conhecerem suas necessidades e resgatar o significado de ser criança.

A valorização de brincadeiras antigas e populares pelo profissional de educação traz as crianças possibilidades de aprender novas culturas, a inclusão é outro ponto fundamental, pois as brincadeiras antigas possibilitam que o professor trabalhe com todas as crianças, mesmo aquelas que tenham um grau de deficiência mais elevado. O professor deve trabalhar com brincadeiras que estimulem palavras, costumes cantigas, podem propor as crianças que elas brinquem de modo a incluir todas as crianças assim não haverá rejeição com crianças com deficiência.

O conceito de que o brincar está distante do saber foi literalmente superado, na atualidade se conhece a mente infantil e não mais se duvida que seja brincando que todas as crianças se apropriam da realidade imediata, atribuindo-lhe significado. A construção de significados pelo cérebro se manifesta quando a criança transforma sensações em percepções e estas em conhecimento.

Brincando, as crianças constroem seu próprio mundo e dos mesmos fazem o vínculo essencial para compreender o mundo dos adultos, reelaborando seus acontecimento que estruturam seus esquemas de vivência, sua diversidade de pensamentos e a gama de diversificados sentimentos. (ANTUNES apud MACEDO, 2004, p. 12).

A brincadeira bem conduzida estimula a memória, exalta sensações, estimulando níveis diferentes de atenções explorando diferente estado de motivação. Assim mesmo aquela criança que é tímida através de brincadeira com a ajuda do professor ela consegue brincar e aprender sem constrangimentos. Sabe-se que a criança possui necessidades e características só dela a escola desempenha um papel importante nesse aspecto, que é fornecer espaços adequados para que haja o aprendizado. Sendo assim na hora

das brincadeiras o educador deve escolher brincadeiras que oportunize a socialização, afetividade. As brincadeiras antigas possuem essas características, quando o educador escolhe as brincadeiras adequadas para desenvolvendo na criança o exercício pleno da capacidade de planejar, imaginar situações diversas, bem como o caráter social.

Atualmente é crescente o reconhecimento que as brincadeiras antigas estimulam os crescimentos das crianças em todos os aspectos muitos estudiosos como Adriana Friedman e Kishimoto explicam a relação entre o brincar e o aprender. Consta-se que os jogos e as brincadeiras são os únicos elementos capazes de desenvolver na escola a alegria e a interação social entre as crianças que hoje se distancia cada vez mais das crianças e dos professores.

A escola como instituição que tem um papel social deve buscar maneiras adequadas para que as crianças não vejam as escolas como ambiente desagradável, mas um lugar onde prepare as crianças para o mundo.

É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginária. A aprendizagem e a construção de significados pelo cérebro se manifestam quando este transforma sensações em percepções e estas em conhecimentos.

Sabe-se que brincando ou jogando as crianças desenvolvem seu senso de companheirismo, perdendo ou ganhando a criança aprende a respeitar normas. O brincar tem sido estudo e discutido continuamente por diversos autores.

Nesse sentido, “para brincar é preciso apropriar-se do elemento da realidade imediata de tal forma atribuindo-lhe novos significados. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada” (WAJSKOP, 1997).

Quando a criança brinca de casinha, por exemplo, ela esta imitando sua mãe. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuem anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam. É no ato de brincar que as crianças estabelecem os diferentes vínculos entre as características do papel assumido (MACEDO, 2004).

Cabe ao professor organizar brincadeiras que favoreçam a criança a possibilidade de aprendizado através dos jogos e das brincadeiras. Podemos, entretanto utilizar as brincadeiras antigas como atividades didáticas, principalmente jogos e brincadeiras com regras onde a criança aprende a respeitar o outro sem impor a ela.

A aprendizagem e a construção de significados pelo cérebro se manifestam quando esta transforma sensações em percepções e estas em conhecimentos, mas esses transitam somente se completos, de forma eficaz quando os elementos essenciais do brincar que são justamente memória, emoção, linguagem, atenção, criatividade, e sobre tudo ação. Manifesta-se na criança.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e construir uma visão do processo de desenvolvimento das crianças em conjunto e registrando suas capacidades de linguagem, assim como suas capacidades, social e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem. (BEIJAMIM, 1984).

Vygotsky (1984) considera o brinquedo como importante fonte de promoção de desenvolvimento. “O termo brinquedo empregado por Vygotsky num sentido amplo, se refere principalmente à atividade, ao ato de brincar” (REGO, 1995, p.80). De acordo com Vygotsky (1984) através do brinquedo a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivação interna. Nessa fase, ocorre uma diferenciação entre os campos de significados e da visão.

O pensamento que era determinado pelos objetos do exterior passa a ser Regido pelas ideias. A criança poderá utilizar materiais que servirão para Representar uma realidade ausência, por exemplo. Uma vareta de madeira como uma espada, um boneco como filho no jogo de cozinha papeis cortados, como dinheiro para ser usado na brincadeira de lojinha,etc. nesse caso Ela será capaz de imaginar e abstrair as características dos objetos reais (o boneco A vareta e os pedaços de papeis) e se deter no significados definido pela Brincadeira.

A importância das brincadeiras é que humaniza as crianças e possibilitam-lhe ao seu modo e ao seu tempo compreender e realizar com sentido sua natureza humana, bem como o fato de pertencem a uma família e a uma sociedade em determinado tempo histórico e cultural. A criança que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. A brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação da realidade anteriormente vivenciada.

Para utilizar as brincadeiras no dia -a- dia, é preciso que o educador seja criativo. Não é necessária a utilização de brinquedos caros que, muitas vezes, não tem utilização pedagógica. Com poucos recursos e muita força de vontade e comprometimento é possível obter bons resultados, afinal, o que importa é a maneira como os materiais são utilizados, contribuindo para o processo ensino aprendido.

É no ato de brincar que as crianças estabelecem os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disso e generalizando para outras situações. (MACEDO, 2004)

Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os papeis que irão assumir no interior de uma determinada brincadeira, cujo desenvolvimento depende unicamente da vontade de quem brinca.

A criança aprende quando estimula através das brincadeiras de faz- de- conta ela precisa desenvolver seu imaginário. Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto ou de cada uma em particular, observando seu desenvolvimento. (BENJAMIN,1984).

As brincadeiras podem ser praticadas de maneira construtivas e não como uma serie de preenchimento de lacunas em lições, ou como atividade sem sentido. O brincar colabora com a promoção da comunicação afetiva, como reforço do as crianças maior segurança.

Enfim, criança precisa de brincar para aprender, e as brincadeiras antigas propiciam o desenvolvimento do educando em todos os aspectos seja morais, físicos, cognitivos. Criança precisa brincar com movimento, com criatividade.

Quanto á escolha de brincadeiras, dos jogos e brinquedos para utilização na escola, Marin e Perón (2004, p.30) sugerem os seguintes critérios.

Critérios de seleção de jogos e brinquedos; os interesses infantis; a idade; A estimulação; a finalidade a qualidade. O que deve levar em conta; o brinquedo deve atender aos interesse e aos gosto da criança. Cada criança tem necessidades lúdicas e psicopedagógicas diferentes, e é preciso conhecê-las adequar o brinquedo á idade do menino ou da menina e sua capacidade física e psicológica. Deve estimular qualquer aspecto do Desenvolvimento das crianças deve permitir desfrutar descobrir inventar refletir tocar etc.. A principal função do brinquedo é divertir, portanto deve ser sempre atrativo. Devendo cumprir as normas do órgão responsável. Garantindo que seja seguro para a criança. O que evitar o que; comprar o brinquedo que agrada ao adulto. Comprar Jogos ou brinquedos muito simples ou complicados demais. Escolher Brinquedos que limitem as possibilidades de jogo devido sua pouca versatilidade.

Por tanto devemos ter cuidado quando usamos brinquedos e brincadeiras no contexto escolar, pois em cada período do desenvolvimento a criança precisa de determinados estímulos, os bebês precisam de estímulos diferentes de uma criança de 4 anos. Através da brincadeira antiga como a de roda a criança se diverte, interage participa e se tem um aprendizado.

Esse resgate das brincadeiras antigas é necessário para que a criança se forme integralmente, e as tecnologias devem ser aliadas ao processo de desenvolvimento, não sendo a principal, pode-se ter como exemplo uma criança que apenas joga vídeo, desenvolve o cognitivo, pois jogar requer estratégias, recursos, atenção, porem essa mesma criança não movimenta o corpo apenas as mãos. O desenvolvimento motor e físico é tão importante quanto o desenvolvimento cognitivo. Por isso nessa perspectiva é necessário estabelecer um limite entre o brincar com brincadeiras que propicie a interação, a participação e as tecnologias. Pois, na atualidade não pode se desfazer das tecnologias, entretanto as crianças precisam brincar, e as brincadeiras antigas são de suma importância no desenvolvimento infantil.

3 CONCLUSÃO

Atualmente, a educação esta oportunizando mudanças no pensar da criança e percebe-se que seu modo de olhar o mundo já não é mais o mesmo. É nessa perspectiva que se apresenta as brincadeiras antigas.

Sabe-se que a criança possui necessidades peculiares e a escola desempenha um papel importante nesse aspecto, que é oferecer um espaço adequado para as brincadeiras e situações de aprendizado que sejam significativos para o desenvolvimento da criança.

Sendo o espaço que proporciona liberdade para a criança estabelecer sua autonomia, a escola deve aderir a seus projetos o brincar, seja com brincadeiras e brinquedos modernos, não deixando de lado as brincadeiras do passado. Os profissionais da educação precisam conhecer e utilizar brincadeiras como ferramenta para o processo pedagógico , as brincadeiras propiciam a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança.

A pesquisa foi baseada nas autoras, Adriana Friedman, Kishimoto, e Lino de

Macedo. Todos eles extremamente preocupados com o desenvolvimento das crianças e todos favoráveis a jogos e brincadeiras em todas as etapas da vida das crianças, .

Sendo assim o momento da brincadeira possui grande importância, pois contribuir para o desenvolvimento do potencial integral da criança. Sendo também o espaço que proporciona liberdade criando, oportunidades de socialização, afetividade, e um encontro com o próprio mundo descobrindo-se de maneira prazerosa.

A tecnologia é aliada no processo educacional, o que não pode permitir é que as crianças apenas queiram jogar, muitas vezes jogos pouco educativos, entretanto muitos jogos auxiliam na aprendizagem, com esses jogos deve haver o equilíbrio entre tecnologia e brincadeiras antigas pois ambos são necessários para o desenvolvimento integral da criança e auxiliares no processo de ensino aprendizagem.

O brincar se faz necessário na formação do indivíduo, através da brincadeira ele se movimenta, cria, recria, interage, participa. Através da brincadeira a criança se desenvolve e as brincadeiras tradicionais auxiliam nesse processo de desenvolvimento, formando a criança integralmente, físico, motor, social, psicológico e intelectual.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, P. **Historia Social da Infância e da família**. Tradução; D, Flaksman, Rio de Janeiro; LCT, 1978

Benjamin, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, e a educação**. São Paulo: Summus, 1984

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria da educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação**. MEC- Sef, 1998, V. 1 e 2.

FRIDEMANN, A. **O brincar na educação infantil**; observação Adequação e inclusão – Adriana Fridemann — 1ª. Ed. São Paulo; moderna, 2012 (cotidiano escolar; ação docente)

FRIDEMANN, A. **A arte de brincar, Brincadeira e Jogos Tradicionais**. Petrópolis; Vozes, 2004.

KISHIMOTO, M. T. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e a educação**. 4 ed. São Paulo; Cortez, 2000.

KISHIMOTO, M. T. **Jogos, Brinquedos e a educação**. 3. ed. São Paulo; Cortez, 2000.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimentos de Metodologia Científica**. 7. ed. Lages, SC: Papervest, 2014.

MARIN, I; PERÓN, S. **Que brinquedo escolher Revista Pátio- Educação Infantil**. Ano 1 nº 3 Dezembro de 2003/ Março de 2004. Ed Artmed P. 29- 32.

MACEDO, L. **Faz de Conta na Escola; a importância do brincar.** Revista pátio Educação Infantil. Ano 1, nº3 . Dezembro de 2003/ Março de 2004. São Paulo; Artmed, 2004

OLIVEIRA, Z. R. e **Educação infantil; fundamentos e métodos** . 2. ed. São Paulo; Cortez 2005- Coleção Docente em Formação

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórica- Político cultural da educação.** 13 ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 1995.

RODRIGUES, R.; GONÇALVES, J. C. **Procedimentos de Metodologia Científica.** 7. ed. Lages, SC: Papervest, 2014.

NORMAS PARA COLABORADORES

A Ensaaios Pedagógicos: Revista de Artigos e Produção Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIFACVEST tem as seguintes normas editoriais para a apresentação de artigos, resenhas e depoimentos:

1. Os artigos deverão ser inéditos (não publicados em periódicos de circulação nacional);
2. Os artigos deverão ser entregues num envelope fechado e o nome do autor deverá ser omitido para a apreciação e análise do Conselho Editorial;
3. Acompanhará o envelope com os artigos, um envelope lacrado, com o título do trabalho e um breve Curriculum Vitae, contendo: nome completo, última titulação e atividades profissionais em desenvolvimento, endereço completo com endereço eletrônico;
4. Dados técnicos: os artigos deverão conter de 5 a 15 páginas, incluindo texto, referências e ilustrações; Página: formato A4; margens: superior 1,5cm, inferior 2cm, esquerda 2cm, direita 2cm; medianiz 0,7, fonte Times New Roman tamanho 12, espaçamento simples. Deverá ser usado editor Word for Windows.
5. Depoimentos e resenhas não têm limite mínimo e máximo de páginas.
6. As referências devem seguir as normas da ABNT (NBR-6023:2000), no final do capítulo, digitadas em tamanho 12, sem itálico, com título da obra em negrito; citações seguirão a NBR 10520:2002.
7. As notas devem ser feitas no rodapé em tamanho de letra 10, a 1cm da margem inferior.
8. Os artigos deverão ser enviados em CD, acompanhado de três cópias impressas.
9. Os artigos deverão ser acompanhados de resumos em português e inglês de no máximo 10 linhas. As palavras resumo e abstract serão centradas, em negrito, tamanho 14, porém, o seu texto, em um único parágrafo, justificado, sem margem, em tamanho 12.
10. Deverá conter, abaixo do resumo e do abstract, até quatro palavras-chave (*key words*), também em tamanho 12;
11. O endereçamento para correspondência é: Revista Ensaaios Pedagógicos. Att. Coordenação de Pesquisa e Extensão. Av. Mal. Floriano, 947. Lages – SC. E-mail: micciencia@gmail.com
12. Os autores receberão, no período de até 35 dias documento informando sobre a análise pelo Conselho Editorial e pelos revisores;
13. Os autores deverão anexar, junto ao envelope lacrado, declaração autorizando a Unifacvest e a Papervest editora a publicar os artigos sem quaisquer custos para os editores, bem como desenvolver publicidade na mídia sobre a publicação;
14. A periodicidade de circulação da revista será semestral e os artigos serão recebidos até 45 dias antes do fechamento da edição. Para o primeiro semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de março. Para o segundo semestre serão aceitos artigos até o dia 10 de agosto.



editora
papervest

Publicação da Papervest Editora
Av. Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190
Fone: (49) 3225-4114 - Lages / SC
www.unifacvest.net